

Carolina Fernanda Almeida Correia

***“QUANDO A CEGONHA CHEGA MAIS CEDO E SEM AVISO:
O QUE DIZEM AS GRÁVIDAS ADOLESCENTES” - VIVÊNCIAS PESSOAIS E
SOCIAIS, DEFINIÇÃO PESSOAL, AJUSTAMENTO, APOIO E EXPRESSIVIDADE
EMOCIONAL***

Mestrado Em Temas de Psicologia

2010

dissertação apresentada na

**Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
da UNIVERSIDADE DO PORTO**

para a obtenção do grau de

Mestre em Temas de Psicologia

sob a orientação de

Professora Doutor Joaquim Luís Coimbra

Resumo

A ocorrência e a vivência de uma gravidez na adolescência constitui um acontecimento não normativo e um desafio invulgar ao confrontar a jovem com a necessidade de resolução simultânea das tarefas desenvolvimentais da adolescência e da gravidez. No quadro de uma perspectiva desenvolvimental-ecológica, o presente estudo qualitativo visa explorar e compreender as experiências, vivências e significações pessoais e socialmente contextualizadas da gravidez no contexto desenvolvimental da adolescência. Pretende-se conhecer como as participantes estudadas aceitam a gravidez e a integram no seu sentido de definição pessoal; relações de apoio, qualidade de ajustamento a esta transição, mudanças e projectos futuros; quais as representações, expectativas em relação à criança que vai nascer e ao papel materno; como visualizam e como lidam com as construções sociais dominantes da gravidez adolescente, como percebem o papel do estado no apoio a esta população, o impacto da gravidez na família de origem pela voz da mãe e do pai do futuro bebé, explorar tonalidades emocionais e analisar a estrutura das narrativas das jovens. Para o efeito, estudámos histórias de quatro adolescentes grávidas e respectivas mães e pais do futuro bebé para os quais criamos três guiões de entrevistas: Entrevista da vivência individual e construção social da gravidez adolescente (EVICS); Entrevista do impacto da gravidez adolescente (EIGA) orientada para a perspectiva da mãe da jovem grávida e uma entrevista aberta dirigida aos pais dos futuros bebés. O material recolhido foi sujeito a uma análise de conteúdo (Bardin 2008; L'Ecuyer, 1990); a uma análise estrutural da narrativa (Labov, 1972 *in* Riessman, 1993) e análise emocional (Korman, 1988). As principais conclusões evidenciam que as protagonistas revelam uma aceitação progressiva da situação gravídica, começando a preparar-se para a maternidade e a dar indícios da integração da gravidez na sua definição pessoal. Apesar da identidade pessoal estar, na adolescência, no auge da sua construção, no geral, as participantes conseguem reconhecer as mudanças positivas e negativas da gravidez e aceitar as dificuldades, com algum optimismo em relação ao futuro. Demonstram estar a reagir de forma positiva e adaptativa às tarefas da gravidez, sendo que as principais mudanças são geridas com a mobilização de recursos pessoais e com o apoio instrumental e emocional das principais figuras de apoio nomeadas, como a sua mãe e o seu namorado. Os planos futuros passam pelo projecto cimeiro de ser mãe, no entanto parece existir a pretensão de conciliar a maternidade com o prosseguimento dos estudos. Idealizam e antecipam a chegada do bebé com grande expectativa mas também com muito receio, visualizando-se como futuras mães. Não se reconhecem nos discursos sociais que vêm a gravidez como uma experiência desviante. No tocante ao impacto da gravidez, pela voz das mães e dos namorados das jovens, mostram que a surpresa inicial foi substituída pela aceitação e pelo apoio, tendo reorganizado as rotinas e projectos futuros. As adolescentes parecem lidar de forma eficaz com a ambivalência emocional, abordando-a com alguma naturalidade, expressando e aceitando as suas emoções. Segundo a análise estrutural da narrativa O tema – “Tomada de conhecimento da gravidez”, presente no guião da entrevista dirigido às jovens é o mais longo, mais elaborado e enriquecido emocionalmente e o parâmetro mais frequente é a “avaliação de significado”. Parece que podemos concluir que as jovens deste estudo já estariam capazes de utilizar a gravidez para perceber e preparar-se para a maternidade, assumindo um novo equilíbrio na relação eu-mundo, podendo mesmo esta experiência contribuir para o desenvolvimento da adolescente mas também da sua família. Por último, são discutidas as limitações deste estudo exploratório e tecidas sugestões para futuras investigações, assim como as implicações das conclusões na intervenção e investigação psicológica.

Palavras-chave: Gravidez adolescente; vivências pessoais e sociais; definição pessoal; ajustamento; relações de apoio; emoções

Abstract

When a pregnancy occurs and is lived in adolescence, it constitutes a non normative event and an unusual challenge to an adolescent girl who has to deal with both her youth development and her pregnancy. In an ecological development, the following qualitative study aims to explore and understand the experiences, existence and personal meaning of a pregnancy socially set in an adolescent development. It intends to know how the participants accept the pregnancy and integrate it in their sense of personal definition; patterns of psychological adjustment; what the representations, expectations about the future child and the mother role are; support relations, how they deal with the dominant social representations of a pregnant adolescent, how they see the role of the State in supporting this population, emotional tones and the impact of the pregnancy in the primary family through the voices of the mother and the father of the future baby. In order to accomplish this, we have studied the stories of four pregnant adolescents and future mothers and fathers of the future babies, to which we created three scripts of interviews: Interview of the individual existence and social construction of the adolescent pregnancy (EVICS); Interview of the impact of the adolescent pregnancy (EIGA) oriented to the pregnant adolescent's mother's perspective and an open interview to the future parents of the baby. The results gathered were subject of a content analysis (Bardin 2008; L'Ecuyer, 1990); of a narrative structural analysis (Labov, 1972 in Riessman, 1993) and emotional analysis (Korman 1988). The main conclusions highlight that, in general, the lead girls reveal a progressive acceptance of the pregnancy, by preparing to motherhood and showing signs of integration of the pregnancy in their personal definition. Although their personal identity in adolescence is at the peak of its construction, in general, the participants can acknowledge the positive and negative changes of the pregnancy and accept the difficulties with some optimism towards the future. They show a positive and adaptive response to the chores of the pregnancy, the main changes being managed with the mobilization of personal resources and with the instrumental and emotional support of the main supportive appointed figures, such as their mother and boyfriend. The future plans include the ground project of being a mother, yet there seems to exist the intent to reconcile motherhood with the continuance of their academic studies. They idealize and foresee the arrival of the baby with great expectation but also with great fear, viewing themselves as future mothers. It is not recognizable in their social discourses that they see the pregnancy as a deviant experience. As to the impact of the pregnancy, according to their mothers and boyfriends, the initial surprise was replaced by acceptance and support, them having reorganized the routines and future projects. The adolescents seem to deal effectively with the emotional ambivalence, approaching it with some easiness and expressing and accepting their emotions. According to the narrative structural analysis The Subject – "Awareness of Pregnancy", present in the interview's script done to the pregnant adolescents, the longest, most elaborate, emotionally enriched, and the most frequent parameter is the "evaluation of significance". It seems we may conclude that this study's adolescents would already be capable of using the pregnancy to realize and prepare for motherhood, assuming a new balance in the I-World relationship, being this experience even a way to contribute to the adolescent's development and of her family, also according to up-to-date studies. In the end, the limitations of this exploratory study are discussed and suggestions for future investigations are made, as are the implications of the psychological intervention's conclusions, in promoting the skills of human development and social, political and educational levels.

Key-words: Adolescent pregnancy; personal and social experiences; personal definition; adjustment; support relations; emotions

Resumé

L'événement et l'expérience d'une grossesse pendant l'adolescence constituent un événement pas normatif et un défi inhabituel lorsqu'il confronte la jeune avec la nécessité de résoudre simultanément les tâches de développement de l'adolescence et la grossesse. Dans le contexte d'une perspective de développement-écologique, cette étude qualitative vise à explorer et à comprendre les expériences et significations personnelles expérimentées et socialement contextualisées de la grossesse dans le contexte de développement de l'adolescence. On veut savoir comment les participantes acceptent la grossesse et l'intègrent dans leur sens de définition personnelle; modes d'adaptation psychologique; quelles sont les attentes par rapport à l'enfant à naître et au rôle de la mère; des relations de soutien, comme elles interagissent avec les représentations sociales dominantes de la grossesse chez les adolescentes, comment elles voient le rôle de soutien de l'État, leur évolution émotionnelle, finalement, l'impact de la grossesse sur la famille d'origine par la voix du père et de la mère de l'enfant. Pour atteindre ce but, nous avons étudié l'histoire de quatre adolescentes enceintes et des pères du bébé à venir pour lesquelles nous avons créé trois scripts d'interviews: interview sur l'expérience individuelle et la construction sociale de la grossesse chez les adolescentes (EVICS); interview sur l'impact de la grossesse chez les adolescentes (EIGA) orienté pour le point de vue de la mère de l'adolescente enceinte et une interview ouverte aux pères des futurs bébés. Le matériel qui a été rassemblé a été soumis à une analyse de contenu (L'Ecuyer, 1990 ; Bardin 2008); à une analyse structurale de la narrative (Labov, 1972 in Riessman, 1993) et à une analyse émotionnelle (Korman, 1988). Les principales conclusions montrent que, en général, les protagonistes révèlent une acceptation progressive de la grossesse, et commencent à se préparer pour la maternité et donnent preuves de l'intégration de la grossesse sur leur définition personnelle. Malgré l'identité personnelle, à l'adolescence, être à l'apogée de sa construction, en général, les participants sont capables de reconnaître les changements positifs et négatifs de la grossesse et à accepter les difficultés avec un certain optimisme quant à l'avenir. Elles démontrent une réponse positive et adaptative aux tâches de la grossesse, et les changements majeurs sont gérés par la mobilisation de ressources personnelles et avec le soutien instrumental et émotionnel des personnages clés nommés comme sa mère et son petit ami. Les plans futurs passent par le projet d'être mère, mais il semble y avoir un souci de concilier la maternité avec la poursuite des études. Elles idéalisent et anticipent l'arrivée du bébé avec impatience mais aussi avec beaucoup de peur, se considèrent comme des futures mères. Ne se reconnaissent pas dans les discours sociaux qui voient la grossesse comme une expérience déviante. En ce qui concerne l'impact de la grossesse, par la voix des mères et des petits amis des jeunes, montrent que la surprise initiale a été remplacée par l'acceptation et le soutien, en tenant réorganisé des routines et des projets futurs. Les adolescentes semblent faire face efficacement à l'ambivalence affective, l'abordant avec une certaine facilité, acceptant et exprimant leurs émotions. Selon l'analyse structurale du récit, le thème «connaissance de la grossesse», présent dans le guide d'entrevue destiné aux jeunes est le plus long, plus élaborée et émotionnellement enrichi et le paramètre le plus courant est «l'évaluation de sens». Il semble que on peut conclure que les jeunes dans cette étude étaient déjà en mesure d'utiliser la grossesse à comprendre et à se préparer à la maternité, en supposant un nouvel équilibre dans la relation moi-monde, cette expérience peut même contribuer au développement de l'adolescente mais aussi de sa famille, et est en accord avec les recherches actuelles. Enfin, on discute les limites de cette étude exploratoire et on tisse des suggestions pour recherches futures, ainsi que les implications des résultats dans l'intervention psychologique, dans la promotion des compétences de développement humaine et au niveau sociopolitique et éducatif.

Mots-clés: Grossesse chez les adolescentes; expériences personnelles et sociales; définition personnelle; adaptation ; relations de soutien, émotions

AGRADECIMENTOS

A qualidade de qualquer caminhada depende das pessoas que nos ajudam a lidar com todos os desafios que vão consolidando o nosso caminho. Ao longo desta jornada tive a oportunidade de me cruzar com um conjunto de pessoas muito significativas, que contribuíram para que este trabalho se realizasse.

O meu profundo e especial agradecimento:

Ao Professor Doutor Joaquim Luís Coimbra, orientador desta dissertação, pelo facto de ter aceite em primeiro lugar esta orientação. A sua preciosa orientação apoiante e desafiante, as suas valiosas críticas construtivas, os encontros e oportunidades de discussão, a confiança depositada, a compreensão que foi demonstrando e o facto de persistir na exigência de rigor e aperfeiçoamento deste trabalho, revelaram-se essenciais na definição e desenvolvimento das páginas que se seguem. Ficam as suas aprendizagens de excelência e a sua amizade.

Às instituições que se disponibilizaram a colaborar neste estudo e a todos os participantes que amavelmente se disponibilizaram a abrir as portas das suas experiências, partilhando a preciosidade das suas histórias.

Às minhas culturas de envolvimento e figuras significativas pela presença, partilha e incentivo. Obrigada pela abertura, disponibilidade e investimento na oportunidade de fazer crescer o meu trajecto desenvolvimental.

O desenvolvimento deste trabalho significou um esforço acrescido, uma oportunidade de voltar a “casa” para junto dos meus professores, de partilhar, aprender e validar as experiência pessoais e profissionais adquiridas depois de ter completado a licenciatura em Psicologia e representa uma fonte de enriquecimento e satisfação pessoal e académica.

LISTAGEM DE ABREVIATURAS

APF – Associação para o Planeamento da Família

EUROSTAT – Gabinete de Estatísticas da União Europeia

INE – Instituto Nacional de Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

PORDATA – Base de Dados Portugal Contemporâneo

UNICEF – United Nations International Children's Emergency Fund

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA	3
CAPITULO I: A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NUMA PERSPECTIVA DESENVOLVIMENTAL- ECOLÓGICA.....	3
1. MODELOS ECOLÓGICOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	3
1.1. <i>A perspectiva ecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979)</i>	3
1.2. <i>Modelo Bioecológico (Bronfenbrenner & Morris, 1998)</i>	4
2. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE	5
CAPITULO II: A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	7
1. ADOLESCÊNCIA E GRAVIDEZ: DESAFIOS ACRESCIDOS	7
1.1. <i>Definir adolescência</i>	7
1.2. <i>Crescente interesse científico pelo período da adolescência</i>	7
1.3. <i>Principais tarefas desenvolvimentais</i>	8
1.4. <i>A gravidez enquanto fenômeno biopsicossocial</i>	8
1.5. <i>Gravidez na adolescência: tarefas psicológicas na gravidez na adolescência</i>	9
1.6. <i>Visão demográfica da gravidez adolescente</i>	11
CAPITULO III: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	13
1. IDENTIDADE PESSOAL	13
1.1. <i>O desenvolvimento da identidade segundo Erikson (1968)</i>	13
1.2. <i>A identidade como construção narrativa</i>	14
1.3. <i>A construção da identidade feminina</i>	15
1.4. <i>A integração do papel gravídico e materno na definição pessoal da adolescente</i>	15
CAPITULO IV: AJUSTAMENTO À GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: VARIÁVEIS INDIVIDUAIS, FAMILIARES E CONTEXTUAIS – O PAPEL DO SUPORTE SOCIAL.....	17
1. VARIÁVEIS INDIVIDUAIS	17
1.1. <i>Desenvolvimento cognitivo</i>	17
1.2. <i>Desenvolvimento emocional</i>	17
2. VARIÁVEIS CONTEXTUAIS E FAMILIARES – o papel do suporte social	18

2.1. Suporte social.....	18
2.2. Papel da família	19
2.3. Papel da mãe	20
2.4. Papel do pai do bebé	21
2.5. Papel do grupo de pares	21
ESTUDO EMPIRICO	23
CAPÍTULO V: METODOLOGIA.....	23
1. OBJECTIVO GERAL.....	23
2. MÉTODO	24
2.1.Grupo em estudo: estudo de casos	24
2.2. Técnica de recolha dos dados.....	26
2.2.1. Entrevista da Vivência Individual e Construção Social da Gravidez Adolescente (EVICS)	26
2.2.2. Entrevista do Impacto da Gravidez Adolescente (EIGA) (orientada para a perspectiva da mãe da jovem grávida).....	27
2.2.3. Entrevista Aberta dirigida aos pais dos bebés das jovens grávidas	28
2.3. Procedimentos de recolha de dados	28
2.4. Procedimentos de análise dos dados	29
2.4.1. Análise de conteúdo	30
2.4.2. Análise estrutural da narrativa	33
2.4.3. Análise da expressividade emocional.....	34
CAPITULO VI: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	37
1. CONCLUSÕES E REFLEXÕES.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

LISTAGEM DE ANEXOS

Anexo 1: Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica

Anexo 2: Pedido de colaboração às instituições

Anexo 3: Caracterização sócio-demográfica dos participantes e dos seus microssistemas

Anexo 4: Guião da Entrevista: Entrevista da Vivência Individual e Construção Social da Gravidez Adolescente (EVICS).

Anexo 5: Cartas de jovens grávidas sobre a sua experiência da gravidez

Anexo 6: Guião de entrevista de McAdams “The life story interview” (1993, traduzido e adaptado por Ricardo Pinho e Joaquim Luís Coimbra, 2003)

Anexo 7: Guião da Entrevista: Entrevista do Impacto da Gravidez Adolescente (orientada para a perspectiva da mãe (EIGA)

Anexo 8: Guião da entrevista aberta dirigida aos pais dos bebés das jovens grávidas

Anexo 9: Declarações de consentimento informado

Anexo 10: Sistema categorial utilizado e grelhas individuais de análise de conteúdo de todos os participantes

Anexo 11: Grelhas de frequência de palavras emocionais por cada participante grávida

Anexo 12: Bibliografia de Anexos

LISTAGEM DE QUADROS

Quadro 1: Caracterização sumária do grupo de estudo: grávidas adolescentes

Quadro 2: Caracterização sumária do grupo de estudo: mães das grávidas adolescentes

Quadro 3: Caracterização sumária do grupo de estudo: pais dos futuros bebés das grávidas adolescentes

Quadro 4: Sistema categorial utilizado na análise de conteúdo das narrativas das jovens grávidas

Quadro 5: Sistema categorial utilizado na análise de conteúdo das narrativas das mães das jovens grávidas

Quadro 6: Sistema categorial utilizado na análise de conteúdo das narrativas dos pais dos bebés

Quadro 7: Codificação utilizada na análise estrutural das narrativas [adaptada de Labov, (1972, *in* Riessman, 1993)

Quadro 8: Codificação utilizada na análise da expressividade emocional das narrativas das jovens grávidas

Quadro 9: Frequência de palavras emocionais por cada adolescente grávida

INTRODUÇÃO

Falar da gravidez na adolescência é falar, simultaneamente, de uma realidade extremamente complexa, associada a várias dimensões: biológicas, psicológicas, sociais, culturais e outras macroestruturais. A vivência de uma gravidez nesta fase, é assim, um fenómeno complexo onde interagem, de forma dinâmica, factores específicos que se relacionam com dimensões de ordem individual e psicológica, mas também com os diferentes contextos onde as adolescentes estão inseridas.

De acordo com Delgado (2007), no contexto da sociedade ocidental moderna, de redução e adiamento da maternidade, a gravidez na adolescência tem vindo a adquirir maior visibilidade pela comunicação social e a ser olhada de uma forma mais abrangente, suscitando interesse e atenção crescentes nos vários domínios (político, económico, social, moral, jurídico) e constituindo objecto de políticas e discursos sociais, ora pedagogizantes ora moralizantes.

Na actualidade, Portugal é um país em que o modelo familiar socialmente prevalecente ainda é o de procriação dentro do casamento, na fase adulta. A gravidez e a maternidade na adolescência colidem com o modelo tradicional, sendo rotulados socialmente como comportamentos desviantes e objectos de transgressão e reprovação social (Pacheco, 2005).

Portugal, que, durante vários anos, foi o segundo país da União Europeia com maior taxa de nascimentos e mães adolescentes passou recentemente para 9º lugar com a adesão de novos estados membros, mantendo mesmo assim valores estatísticos elevados (INE, 2009). No nosso país, estão em curso vários projectos de investigação, entre os quais, dois são coordenados por Maria Cristina Canavarro com o objectivo de conhecer a realidade da gravidez na adolescência em Portugal (Garcia, 2010).

A presente investigação toma por objecto: “Quando a cegonha chega mais cedo e sem aviso: o que dizem as grávidas adolescentes”: vivências pessoais e sociais, definição pessoal, ajustamento, apoio e expressividade emocional. Este trabalho radica no meu interesse pela adolescência, pelo trabalho com jovens, por escutar, compreender e estudar percursos, contextos de vida idiossincráticos, interacções, (inter)subjectividades pessoais, sociais, acontecimentos de vida desafiantes, modo como são vivenciados, geridos, e por um contacto profissional com realidades onde a gravidez e a maternidade ocorriam mais cedo do que é esperado socialmente. No fundo, o meu interesse pelo desenvolvimento humano nesta área particular, não só do lado da investigação, mas também da intervenção como promoção, que constitui o modo mais adequado de remediar ou prevenir problemas humanos e sociais em que as dimensões psicológicas desempenham um papel de relevância.

Este fenómeno tem vindo a ser alvo de estudo nas ciências sociais desde a década de 60/70. Inicialmente centrado numa visão parcial, em dimensões individuais, como situação inevitavelmente de alto risco do ponto de vista social, económico, educativo e familiar, tanto para as adolescentes, como para os seus filhos. Com o desenvolvimento de novas investigações e a chegada de novos modelos teóricos, factores que, conjugados com a consciência de propostas que, de facto, desempenhavam uma função moralizante, uma nova leitura e compreensão do fenómeno emergiu. A perspectiva privilegiada actualmente da gravidez na adolescência é a de uma visão ecológica-desenvolvimental (Campos & Coimbra, 1991), onde o fenómeno é estudado e compreendido como complexo, multideterminado, sistémico e holístico, reflectindo a ocorrência de uma diversidade de caminhos de desenvolvimento, deixando antever portanto, a existência de uma história desenvolvimentista idiossincrática e a importância dos factores relacionados com o meio, como redes de suporte familiar na promoção da adaptação a este acontecimento, que exige amplas reestruturações nos diferentes domínios de existência da jovem e pelo reconhecimento da multiplicidade de resoluções na forma como as adolescentes lidam com este acontecimento (Canavarro & Pereira, 2001; Mendes, 2006).

Apesar das recentes investigações, a maioria dos estudos revisitados têm-se cingido à recolha de informação quantificável, numa abordagem que se tomada como exclusiva, corre o risco de ser redutora, deixando por explorar de forma aprofundada as vivências dos diferentes protagonistas envolvidos, como a gravidez nesta fase se articula com tarefas cruciais como a estruturação do sentido de identidade pessoal, como são geridas as experiências emocionais e outras questões como por exemplo a representação social da gravidez adolescente.

Neste sentido, a importância deste estudo justifica-se pela necessidade de contribuir para novas formas de compreender e estudar processos tão complexos segundo as vozes de diferentes perspectivas e protagonistas, continuar a desmistificar visões clássicas da gravidez adolescente como uma situação de risco incontornável e estudar interações entre os diferentes contextos de existência, no quadro de uma perspectiva desenvolvimental-ecológica, onde as culturas de envolvimento e os seus elementos assumem um papel fundamental.

Este trabalho está organizado em duas partes: revisão e reflexão sobre da literatura neste domínio e o estudo realizado. A primeira parte é constituída por quatro capítulos e a segunda por dois capítulos. No primeiro capítulo, começamos por realizar uma contextualização da gravidez na adolescência numa perspectiva ecológica. Em seguida, abordamos a questão da construção social da gravidez no sentido em que o modo como ela é vivida a nível pessoal resulta também, e é reflexo de subjectividades socialmente construídas. No segundo capítulo, focamo-nos na gravidez na adolescência, principais tarefas de desenvolvimento, principais mudanças na adolescência e na gravidez. No terceiro capítulo, falamos sobre a construção identitária e gravidez na adolescência, recorrendo às teorias sobre a identidade mais significativas neste domínio e a variáveis associadas como o desafio da integração do novo papel na definição pessoal da adolescente. O capítulo seguinte recai sobre o ajustamento à gravidez, desenvolvendo-se as variáveis individuais relacionadas com o desenvolvimento cognitivo e emocional e variáveis contextuais e familiares, descrevendo igualmente aspectos relativos à relação com as redes de apoio da jovem adolescente com os familiares, com o pai do bebé e com os pares e do modo como estas se articulam com a gestão de desafios que a jovem terá de enfrentar.

A segunda parte deste trabalho é dedicada ao nosso estudo qualitativo em torno da exploração e compreensão pormenorizadas das experiências, vivências e significações pessoais, socialmente contextualizadas da gravidez de quatro jovens, durante o período da adolescência. Temos como objectivo conhecer e compreender como as adolescentes se ajustam à experiência da gravidez, relações de apoio, a integração da gravidez no sentido de identidade pessoal, tonalidades emocionais e o impacto da gravidez/ reacções/relações de apoio na família de origem pela voz da mãe da jovem que engravida e pelo namorado da jovem. Este momento engloba os últimos dois capítulos referentes à secção da metodologia, nomeadamente, as questões orientadoras do estudo, o método seguido, que, por sua vez, abrange o grupo de participantes, a construção de guiões de entrevistas e procedimentos de recolha e análise dos dados. Depois de descritas, são apresentadas as principais conclusões, tecidas reflexões, limitações do nosso estudo bem como implicações e sugestões para a investigação. Por fim, devo afirmar que este trabalho sofreu avanços e recuos, mudou várias vezes de nome, passou por caminhos cruzados e entroncamentos, condicentes com um processo em espiral que implicou tomadas de decisões, investimentos, acção independente, escolhas relativamente aos temas a desenvolver, às opções metodológicas a seguir, sendo ora acrescentadas ora retiradas dimensões como a construção social da gravidez, o papel do estado social, a vinculação às figuras parentais, a vivência da sexualidade, a maternidade e o papel materno, respectivamente, e, muitas vezes, mexidas nas questões orientadoras, nos instrumentos de recolha de dados, despoletando uma diversa gama e *shaking* de emoções, pensamentos e acções.

Gostaria de deixar dois apontamentos: a organização desta tese é uma entre muitas possíveis e, apesar, do constrangimento de limitação de páginas, espero que este tema seja abordado da forma que merece.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA

CAPÍTULO I: A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NUMA PERSPECTIVA DESENVOLVIMENTAL-ECOLÓGICA

Do ponto de vista psicológico, o ser humano movimenta-se, interagindo em vários contextos, atravessando vários estádios de desenvolvimento, acontecimentos, transições e experiências, contribuindo todas essas transacções para a forma como o seu desenvolvimento se processa.

Seguindo como fio condutor e grelha de análise uma perspectiva desenvolvimental-ecológica (Bronfenbrenner, 1979; Campos & Coimbra, 1991), a gravidez na adolescência rompe com uma visão tradicional e determinista segundo a qual a condição de grávida adolescente seria de risco com condições adversas para a mãe e para o seu bebé, sendo que o futuro estaria inevitavelmente traçado. Ao contrário, a visão histórico-social, que uma perspectiva desenvolvimental-ecológica sugere, abre outras possibilidades de compreensão deste fenómeno, com outro valor heurístico.

1. MODELOS ECOLÓGICOS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

1.1. A perspectiva ecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979)

Em 1979, Urie Bronfenbrenner publica o livro *Ecology of Human Development*, no qual descreve o seu modelo ecológico. Conceptualmente, o autor (Bronfenbrenner, 1979 p.21) define a ecologia do desenvolvimento humano como sendo: “o estudo científico da acomodação mútua e progressiva entre, por um lado, um indivíduo activo em constante crescimento e, por outro lado, as propriedades sempre em transformação dos meios imediatos em que o indivíduo vive, sendo este processo influenciado pelas relações entre os contextos mais imediatos e os contextos mais vastos em que aqueles se integram”.

Por outras palavras, para Bronfenbrenner (1979), o desenvolvimento é o produto das transacções entre o sujeito e o seu ambiente próximo, o qual é por sua vez o produto de forças que operam no ambiente social mais vasto. Na sua perspectiva, é importante abordar o desenvolvimento nos vários contextos que compõem os diferentes níveis do seu ecossistema. Alguns têm uma influência directa e proximal como é o caso da família, outros estão menos próximos mas contribuindo igualmente, ainda que indirectamente para o desenvolvimento.

Segundo Bronfenbrenner (1979), em qualquer momento do desenvolvimento, a experiência individual é composta por um conjunto de estruturas concêntricas e sincrónicas organizadas sob a forma de um conjunto de caixas dispostas umas dentro das outras, em que cada estrutura concêntrica contém em si mesma a próxima, englobando quatro níveis progressivamente mais abrangentes.

Os níveis estruturais do ambiente ecológico são os seguintes: Microsistema (contexto mais imediato, que contém o indivíduo em desenvolvimento e no qual ele experiencia papéis e actividades específicas); Mesossistema (relações entre dois ou mais microsistemas em que o indivíduo participa num dado momento do seu desenvolvimento e os processos que entre eles ocorrem); Exossistema (é uma extensão do Mesossistema, englobando, um ou mais contextos em que o sujeito não participa directamente, mas que afectam os processos que ocorrem nos contextos mais próximos); Macrossistema (abarca os padrões culturais, ideológicos e organizacionais, os sistemas políticos, sociais e económicos e os acontecimentos históricos que afectam os processos ocorrentes nos contextos mais próximos) e o Cronossistema (diz respeito aos elementos do macrossistema ao longo do tempo).

1.2. Modelo Bioecológico (Bronfenbrenner & Morris, 1998)

Fruto de uma série de trabalhos e de novos estudos, o autor reformulou e desenvolveu o seu modelo ecológico do desenvolvimento humano, passando a chamar-se Bioecológico de modo a reforçar a ênfase nas características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Nesta nova reformulação, as diferentes formas de interacção das pessoas não são percebidas simplesmente como uma função do ambiente, mas como uma função do processo, que é definido em termos da relação entre o ambiente e as características da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1999 *in* Martins & Szymanski, 2004). Assim, o desenvolvimento é estudado através da interacção de quatro dimensões multidireccionais interrelacionadas: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Os investigadores destacam o papel dos processos proximais como motores de desenvolvimento, sendo que as dimensões tempo e espaço são devidamente enquadradas, assim como o seu papel na produção de resultados desenvolvimentais (para uma melhor aprofundamento consultar Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Após esta pequena alusão ao modelo verificamos que a perspectiva avançada por Bronfenbrenner (1979) constitui uma referência para a Psicologia, ao considerar que o desenvolvimento do ser humano tem a ver, directa ou indirectamente, com todo o contexto onde este ocorre, que compreende não apenas o indivíduo mas também sistemas contextuais dinâmicos e em constante desenvolvimento no seu interior e na interface com diferentes contextos. O sujeito é percebido como uma entidade dinâmica e actuante que interage e influencia o meio envolvente, num processo bidireccional e de acomodação mútua. Outro aspecto saliente ao nível do microsistema, é o facto de o sujeito ver a realidade não como ela existe mas como ela é percebida o que tem implicações ao nível da intervenção e investigação psicológica.

Em cada momento do desenvolvimento, é importante conhecer os contextos ambientais em que o sujeito se movimenta e a natureza das interacções entre o sujeito e esses contextos. Constitui uma das características mais relevantes da teoria ecológica do desenvolvimento, a noção de que o desenvolvimento é função de forças que emanam de múltiplos contextos e das relações que entre eles se estabelecem. As noções de macro, meso e exossistema permitem, a operacionalização de modelos de intervenção que dão conta da complexidade no estudo do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

De uma forma geral, este modelo ao enfatizar as transacções recíprocas entre o indivíduo e os vários níveis de contextos, constituem grelhas de leitura importantes na análise e compreensão da diversidade de trajetórias de vida. Estes modelos são de grande valor e trazem consigo implicações essenciais ao pressupor a impossibilidade de prognosticar o desenvolvimento individual.

Os primeiros estudo indicavam as grávidas e mães adolescentes como incapazes de lidar com as exigências e responsabilidades da gravidez e da maternidade, vivendo em meios desfavorecidos, materializados em habitações carenciadas com famílias numerosas, baixos níveis de escolaridade da adolescente e dos seus familiares, precariedade e factores associados à pobreza (Justo, 2000).

Os estudos mais recentes destacam a variabilidade na forma como as grávidas adolescentes gerem os desafios da adolescência com os papéis e responsabilidades da gravidez e maternidade, bem como no modo como falam sobre o futuro (Jongenelen, 1998; MacLeod, 2001; McDermott & Graham, 2005; Nurius, Casey, Lindhorst e Macy, 2006; Oxford, Lorhr, Gilmore, Morrison & Spieker, 2005). Uma percentagem significativa de grávidas adolescentes mostra-se capaz de reescrever o guião das suas vidas (McDermott & Graham, 2005; Reading, 2003; Riley, 2005).

Estudos que se têm debruçado sobre os contextos de vida das grávidas adolescentes revelam um conjunto de riscos sócio-contextuais cujo impacto é difícil de separar da influência da própria gravidez juvenil (Canavarro & Pereira, 2001; East & Felice, 1996; Furstenberg, Brooks-Gunn & Morgan, 1987; Luster & Haddow, 2005).

Uma das investigações clássicas neste domínio foi a encabeçada por Furstenberg em 1987, em Baltimore nos Estados Unidos da América, cuja equipa acompanhou, ao longo de 17 anos, mães adolescentes afro-americanas, provenientes, na sua maioria, de comunidades socialmente desfavorecidas. Os resultados desta investigação colocaram em evidência que o impacto a longo-prazo da maternidade precoce, em áreas como a saúde, a escolaridade ou a estabilidade financeira era fraco ou moderado. A actuação simultânea de um conjunto de factores sociocontextuais, nomeadamente a residência em bairros sociais pobres, o abandono escolar, a pertença a agregados familiares com baixo nível educacional, empregos mal remunerados, a dependência de subsídios da segurança social, aliados à sustentação de projectos pessoais limitados, produzia, segundo os autores, um conjunto de efeitos negativos cujo impacto era difícil de separar do impacto da gravidez e maternidade juvenil.

Neste sentido, esta conjectura tendia a exacerbar as circunstâncias de vida adversas. Na mesma linha de argumentação, Hotz, McElroy e Sanders (1997) defendem que as duras condições sociais de proveniência podem funcionar como factores de predisposição para uma gravidez precoce.

Autores como Catherine Raeff (1994, 1996), Merrick (1995), Kalil e Spindel (2003), Prettyman (2005) defendem que, nalgumas circunstâncias, a gravidez adolescente pode funcionar como uma oportunidade desenvolvimental ao implicar a mobilização de recursos individuais e contextuais de modo a responder eficazmente às exigências desta transição não-normativa. Segundo Kalil & Spindel (2003) a adolescente que até aí não tinha objectivos definidos para a sua vida, passa a visualizar a gravidez e a maternidade enquanto fonte privilegiada de investimento e definição pessoal.

Em suma, à luz de recentes contribuições teóricas e empíricas, a gravidez adolescente é actualmente considerada como um fenómeno multideterminado, podendo envolver uma diversidade de vias desenvolvimentais e assumir uma pluralidade de resultados em termos de trajectórias de desenvolvimento. Deste modo, o foco desloca-se para a compreensão dos processos, das ecologias contextuais, das transacções recíprocas indivíduo-meio, mais do que nos resultados (Jongenelen, 2004).

Neste contexto, é também importante ter em conta as características desenvolvimentais associadas à adolescência. A adolescência é percebida como uma fase do ciclo de vida em que ocorrem profundas mudanças em termos físicos, psicológicos e relacionais, constituindo um período desenvolvimental em que a adolescente é confrontada com dois grandes desafios: construir a sua identidade e desenvolver um maior sentido de autonomia em relação às figuras parentais (Fleming, 1993).

Neste sentido, a adopção de uma perspectiva desenvolvimental-ecológica (Campos & Coimbra, 1991) da gravidez adolescente opera uma mudança de uma visão da gravidez adolescente marcado por um futuro pré-estabelecido para uma realidade multideterminada, onde a gravidez mais do que a causa para as desvantagens verificadas passou a ser perspectivada como uma dificuldade adicional para jovens maioritariamente provenientes de meios ausentes de oportunidades (Mendes, 2006). Segundo a mesma autora, os factores associados com a maternidade adolescente tendem a ser os mesmos que contribuem para os resultados desenvolvimentais negativos dos adultos, mesmo na ausência de gravidez precoce.

2. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE

Cada sociedade possui um sistema de regras e de crenças, provenientes de consensos sociais, cujo grau de rigidez e estrutura são variáveis. Diferentes sociedades definem normas no que toca concretamente a determinadas transições desenvolvimentais e acontecimentos (não) normativos dos seus membros, como é o caso da gravidez adolescente. Nesta medida, o modo de vivenciar a gravidez adolescente depende da forma como a sociedade a representa e a constrói.

Canavarro e Pereira (2001) afirmam que a gravidez na adolescência é representada, muitas vezes, na nossa cultura, como um corte brusco e negativo no percurso de vida das jovens, desafiando-as duplamente e às suas famílias, rompendo com as normas morais socialmente vigentes. De acordo com McDermott e Graham (2005), a construção social da gravidez adolescente como desviante e estigmatizada é algo que está enraizado nos valores e políticas sociais contemporâneas, influenciando a vivência psicológica da gravidez adolescente. Nesta linha, em geral as narrativas sociais sobre a gravidez na adolescência adquirem um tom negativo, desviante e moralista, associando-a à pobreza, a estruturas de polarização da desigualdade, à marginalidade social, desestruturação familiar, além de enumerar uma série de riscos sociais, médicos, psicológicos para a grávida e para o bebé (Delgado, 2007; Justo, 2000). A narrativa socialmente dominante é a da gravidez adolescente como indo contra as normas sociais vigentes, segundo vários autores (cf. Merrick, 1995; Musick, 1993; Raeff, 1994; Turner, 2004). Neste sentido, a gravidez adolescente é socialmente indesejável, um salto de barreiras e etapas socialmente esperadas e sequencializadas: escolarização; namoro; conjugalidade; gravidez; maternidade (Mendes, 2006).

Porém, essas mesmas normas sociais podem facilitar essa integração, no sentido em que sociedades de cariz judaico-cristã, o valor da vida e a maternidade assumem um lugar central. Ao centrarem a sua vida em torno do papel maternal, as mães adolescentes encontrarão um propósito para a sua vida, sobretudo as pertencentes a grupos socialmente desfavorecidos (Mendes, 2006; Merrick 1995; Raeff, 1994; Turner, 2004). Assim, as influências sociais e culturais podem facilitar ou dificultar a integração do papel gravídico e materno na identidade da adolescente.

Prettyman (2005) realizou uma investigação com mães adolescentes com o objectivo de avaliar como as participantes lidavam com as representações sociais da maternidade jovem. Na sua maioria as jovens consideram as representações sociais pouco representativas da sua vida. Percepcionam a maternidade como um acontecimento positivo, com um grande poder transformativo e integram na sua identidade pessoal o papel materno. De igual forma, as investigadoras McDermott e Graham (2005) constataram que mães adolescentes procuravam construir uma identidade materna como responsáveis e preocupadas, reflectindo socialmente o que é esperado de um boa mãe.

Luker (1996 *in* Prettyman, 2005, p.3) salienta que: “um dos grandes mitos da gravidez adolescente tem sido baseado na percepção de que se as grávidas e mães adolescentes adiassem o nascimento dos seus filhos para uma altura em que fossem mais capazes, seriam mais bem sucedidas, teriam mais probabilidade de se casarem ou terem casamentos estáveis, os seus filhos seriam mais saudáveis e mais bem sucedidos.”

Os vários estudos apresentados anteriormente, rompem com o discurso social da gravidez adolescente numa lógica de problema para a sociedade e das grávidas adolescentes como um grupo de risco, apelam para a necessidade de uma reflexão sobre o modo de ver e colocar o problema da gravidez adolescente no seu contexto cultural e político próprio, no sentido em que os estudos realizados comprovam que a gravidez não redundava necessariamente em défice, podendo mesmo ser uma oportunidade de desenvolvimento pessoal ao implicar uma ampla mobilização de recursos individuais e contextuais que garantam respostas eficazes às exigências desenvolvimentais invulgares associadas à gravidez adolescente. A adolescente que até aí não tinha objectivos definidos para a sua vida, pode passar a perspectivar a gravidez e a maternidade como uma fonte privilegiada de investimento e de definição pessoal.

Neste sentido, o enquadramento contextual da gravidez adolescente, o estudo das transacções contínuas e recíprocas entre o indivíduo e os vários contextos em que se encontram implicados e a aplicação dos conceitos de multifinalidade e de equifinalidade de Von Bertalanffy podem ajudar na análise e compreensão da diversidade de trajetórias de vida das grávidas e mães adolescentes.

CAPITULO II: A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

1. ADOLESCÊNCIA E GRAVIDEZ: DESAFIOS ACRESCIDOS

1.1. Definir adolescência

Qualquer definição de adolescência revela-se uma tarefa ambiciosa e arriscada dada a complexidade das mudanças biológicas, psicológicas, cognitivas, emocionais e sociais e pela abrangência de características, experiências e processos associadas a esta fase específica do ciclo de vida (Smetana, Campione-Barr & Metzger, 2006).

Apesar das definições clássicas de adolescência se centrarem na delimitação cronológica, utilizando a puberdade como referência, é crucial enquadrá-la em âmbitos, contextos e tempos mais amplos de modo a salientar todo o processo de mudanças e reorganizações nas diferentes áreas de vida dos jovens (física, social, emocional, cognitiva) que determinam as funções e tarefas que terão de desempenhar (Bizarro, 1999).

A Society for Research on Adolescence (SRA) delimitou a adolescência entre os 10 e os 22 anos de idade, subdividindo-a em três fases: a adolescência inicial (10 aos 15 anos), a fase intermédia da adolescência (15 e os 18 anos) e a fase final da adolescência (18 aos 22 anos). Porém, convém salientar que a idade não é uma variável desenvolvimental, mas sim um indicador grosseiro. A adolescência inicia-se com marcadores biológicos associados à puberdade, o período médio é caracterizado pelo desenvolvimento de esforços de autonomia e independência e chega ao seu termo através de marcadores sociais, culturais e políticos, como a tomada de responsabilidades e o assumir de papéis sociais.

Mas mais importante do que delimitar as fronteiras da adolescência com base na faixa etária ou em acontecimentos de vida, importa caracterizá-la com base num todo que integra a idade, as suas modificações inerentes e os contextos onde a interacção entre estas variáveis ocorrem. Assim, dada a extensão deste período, segundo Bizarro (1999) podemos somente defini-lo como uma fase heterogénea e vagamente delimitada, devido, principalmente à dificuldade em identificar critérios para o seu final, podendo apenas afirmar-se que entrar no mundo de adulto é um processo progressivo e não definitivo.

1.2. Crescente interesse científico pelo período da adolescência

Nas últimas duas décadas a investigação sobre a adolescência tem-se desenvolvido a um ritmo crescente, permitindo uma melhor compreensão do significado e características desenvolvimentais desta fase. Este crescimento está patente na criação de novas revistas científicas de especialidade (e.g., Journal of Research on Adolescence) (Smetana, Campione-Barr & Metzger, 2006).

Para o crescente interesse pela adolescência enquanto fase do ciclo vital, contribuíram modelos do desenvolvimento humano como a perspectiva ecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979), a teoria dos sistemas familiares de Minuchin (1974), o alargamento do interesse pela teoria da vinculação para além da infância, (Main, 1985) cito de memória, entre outros. Simultaneamente, têm sido realizados estudos de carácter longitudinal, surgindo áreas de estudo aplicadas a adolescência que revelam importantes contributos para o conhecimento sobre esta fase do ciclo de vida (e.g., comportamento anti-social, o consumo de drogas, a gravidez indesejada, a depressão, o ajustamento social, as relações com pares, a sexualidade).

Apesar da importância deste período de vida e do crescente aumento de investigação nesta área, pensamos que ainda falta muita estrada para conhecer e compreender, nomeadamente a focagem na adolescência numa perspectiva mais processual e

ecológica, a realização de estudos longitudinais, a produção de mais instrumentos de carácter qualitativo direccionados para esta faixa etária.

1.3. Principais tarefas desenvolvimentais

Na literatura convencional, a adolescência tem sido encarada como um período perturbado e turbulento (Sprinthal & Collins, 2003). Vale a pena debruçarmo-nos sobre esta caracterização. Em certos casos, a Psicologia, desliza sem grande consciência, para a naturalização dos fenómenos que estuda, descurando o modo como eles fazem eco das especificidades do macrosistema cultural e político e das variáveis em que o cronossistema, como contexto geracional, introduz nas culturas e políticas da adolescência.

Vários estudos têm referido que esta fase não consiste, necessariamente, num período de “perturbação normativa” e que a maior parte dos adolescentes enfrenta os desafios inerentes a este período sem desenvolverem dificuldades sociais, emocionais e comportamentais significativas (Sprinthal & Collins, 2003). Neste sentido, mais que um factor de risco para alterações a nível do bem-estar poderá ser também percebida como um desafio de adaptação e de promoção do bem-estar psicológico (Bizarro, 1999).

As tarefas de desenvolvimento na adolescência englobam a modificação na relação com os pais; a intensificação e reformulação da relação com os pares, a aceitação de mudanças físicas e emocionais, a construção da identidade psicológica, o desenvolvimento de novas competências cognitivas; a construção de um projecto de vida que inclua a dimensão vocacional, a construção de um sistema de valores, entre outras (Steinberg, 1999). Nesta fase dá-se também início a uma sucessão de experiências de exploração e envolvimento afectivo/sexual.

A construção de uma identidade pessoal é uma das tarefas mais importantes da adolescência. Esta requer tentativas de exploração para a procura de autodefinição em termos relacionais, de trabalho ou de visão do mundo em geral. Uma vez que a sua imagem pessoal se constrói a cada momento, fruto das transformações em diversas áreas (como a físico-sexual, cognitiva, moral e social) segundo Sprinthal & Collins, (2003) é importante que a jovem desenvolva um sentimento de continuidade interior, por forma a perceber uma certa estabilidade em si próprio. Assim, na adolescência dá-se um grande passo na direcção do processo de individuação, na conquista das próprias características individuais, da autonomia e da liberdade, respondendo o adolescente à pergunta sobre quem é e o que o torna diferente.

Todas estas tarefas desenvolvimentistas exigem uma adaptação por parte da adolescente que as vivencia e uma integração com experiências anteriores. Esta deve aprender ou modificar comportamentos, atitudes, cognições e emoções, como resposta as exigências desenvolvimentistas e ambientais (Sprinthal & Collins, 2003).

Conclui-se assim, que a adolescência é uma fase do ciclo de vida marcada pelo conceito de desenvolvimento que resulta de uma combinação única de alterações internas e de pressões externas como salienta Sprinthal e Collins (2003). Esta definição é essencial na compreensão do fenómeno da gravidez durante o estágio de desenvolvimento da adolescência.

1.4. A gravidez enquanto fenómeno biopsicossocial

Um novo ser humano tem a sua origem na conjugação de uma célula reprodutora masculina – o espermatozóide e de uma célula reprodutora feminina – o óvulo. A gravidez na sua dimensão temporal delimita-se a um período de aproximadamente 266 dias ou 38 semanas de gestação, que medeia entre a concepção e o parto, isto é cerca de 40 semanas desde o primeiro dia da última menstruação. Esta tem início na fertilização de um óvulo por um espermatozóide e a subsequente implantação do mesmo na parede interna do útero. O ovo dará origem ao embrião (Mendes, 2007).

A maioria das vezes pensa-se na gravidez como um acontecimento da vida, mas mais do que um acontecimento, a gravidez é um processo que se enquadra no ciclo de vida, como um período de grande complexidade. Esta, quer do ponto de vista físico quer do ponto de vista psicossocial, representa um desafio de adaptação à grávida enquanto pessoa, por um lado, no seu espaço intrapessoal, onde se projectam as suas ansiedades e as suas expectativas e por outro, no seu espaço interpessoal, onde se definem novas representações sociais, novas expectativas e atitudes. Do ponto de vista psicológico é um processo dinâmico de construção e desenvolvimento humano onde ocorrem profundas transformações e reorganizações, sendo necessário a adaptação novas tarefas desenvolvimentais.

As alterações biológicas resultantes do processo gravídico interagem com as vivências e modificações psicológicas. Esta interacção é fortemente influenciada por variáveis culturais, profundamente integradas sob a forma de sistemas de valores e de crenças.

1.5. Gravidez na adolescência: tarefas psicológicas na gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência define-se, segundo a Organização Mundial de Saúde, como a gestação que ocorre entre os 10 e os 19 anos de idade (OMS, 2000 *in* Ministério da Saúde, 2003). Esta definição não passa de uma convenção etária, com eventual utilidade para a definição de políticas públicas globais, mas não satisfaz como variável de investigação. De novo a diversidade e singularidade, psicológicas, culturais e políticas, são deixadas de fora.

A gravidez na adolescência poderá ser concebida como um acontecimento de vida não normativo que vai exigir novos modos de ser e de estar que garantam novas respostas fundamentais para um ajustamento adequado (Jongenelen, 1998; 2004). Como referimos anteriormente, numa perspectiva desenvolvimentalista a adolescência tem sido conceptualizada como um período do ciclo de vida no qual ocorrem diversas mudanças desenvolvimentais nos planos individual, biológico, psicológico, ambiental e social e que vão implicar desafios nas várias esferas de existência. Uma gravidez na adolescência põe em causa este processo normativo porque, por um lado, transforma a resolução de tarefas da adolescência e, por outro, confronta a jovem com tarefas específicas da idade adulta para as quais ela poderá não estar desenvolvimentalmente preparada (Figueiredo, 2001a; Jongenelen, 1998). A gravidez pode então dificultar a realização adequada das tarefas desenvolvimentais da adolescência, nomeadamente no que se refere à construção da identidade e da autonomia emocional e comportamental. Não obstante, Catherine Raeff (1994; 1996) admite que as tarefas desenvolvimentais da adolescência possam ser estimuladas quando a gravidez acontece nesta fase ao projectar a adolescente para um conjunto de experiências adicionais que podem constituir uma oportunidade de desenvolvimento.

Enquanto período de desenvolvimento a gravidez caracteriza-se por tarefas específicas que estão associadas ao seu desenvolvimento cronológico. Porém, refira-se que os timings de resolução das tarefas de desenvolvimento podem variar de mulher para mulher. Colman e Colman (1994) propõem o desenvolvimento psicológico da gravidez ao longo de uma sequência de etapas: a “Integração”, que corresponde ao 1º trimestre, caracteriza-se pela aceitação por parte da mulher de que está grávida e traduz-se pela alteração de hábitos de vida e pela preparação por si própria e pela sua família para a chegada do bebé; a “Diferenciação”, que corresponde ao segundo semestre e coincide com os primeiros movimentos fetais, em que a grávida começa a vivenciar a autonomia do feto; e, por fim, a fase da “Separação”, correspondente ao 3º trimestre na qual a grávida começa a antecipar o processo pelo qual se vai desligar da gravidez, ou seja, o parto.

De acordo com Canavarro (2001) são apresentadas sete tarefas desenvolvimentais da gravidez e puerpério: aceitar a gravidez; aceitar a realidade do feto; reavaliar e reestruturar a relação com os pais; reavaliar e reestruturar a relação com o

cônjuge/companheiro; aceitar o bebê como pessoa separada; reavaliar e reestruturar a sua própria identidade e reavaliar e reestruturar a relação com o(s) outro(s) filho(s).

A primeira tarefa – aceitação da gravidez – que acontece no 1º trimestre, a gravidez na adolescência, não planejada e geralmente não desejada, pode ser mais dificilmente reconhecida, uma vez que se trata de um acontecimento não normativo com o qual a jovem não está preparada para lidar e que tem um forte impacto no seu equilíbrio emocional. Para além disso, é diferente a vivência das mudanças corporais numa adolescente comparativamente a uma adulta. A imagem corporal é um elemento importante da identidade e uma potencial fonte de auto-estima na adolescência, que a gravidez descontinua. As jovens ainda se estão a adaptar às mudanças corporais da puberdade e têm de se confrontar com a mudança corporal da gravidez (Figueiredo, 2001a). Todavia, pode também acontecer que a gravidez ajude na construção da identidade sexual da jovem (Raeff, 1994).

A segunda tarefa consiste em aceitar a realidade do feto como entidade física e psicológica distinta, que se está a preparar para o funcionamento em separado. Esta tarefa também não é fácil na gravidez adolescente, dado que a relação inicial com o bebê é ainda de grande simbiose e estabelece-se no plano da fantasia, em que primeiramente a mãe concebe o bebê como parte de si. Gradualmente, com o decorrer da gravidez, a autonomia do bebê começa a ser percebida pela mãe, a sua representação torna-se mais realista, integrando os sinais do bebê e os movimentos fetais (Figueiredo, 1997).

A terceira tarefa - reavaliação da relação com os pais, pressupõe a evolução da jovem no sentido de uma maior autonomia em relação a estes. Porém, uma grávida tende a uma reaproximação com as figuras parentais, sobretudo com a mãe, e reavalia a sua relação com estes em função da sua história desenvolvimental e do modo como ela foi integrada, procurando um novo equilíbrio e levando a dinâmicas de funcionamento familiares diferentes. No caso da grávida ser adolescente, uma aceitação favorável da gravidez pela família é fundamental, dado que, à partida, o apoio familiar permite que ela se prepare para o papel parental e, do mesmo modo, resolva as tarefas desenvolvimentais da adolescência (Relvas & Lourenço, 2001). Todavia, segundo os últimos autores referidos, este suporte deve ser transitório para que ambos assumam os seus reais papéis na prestação de cuidados à criança. No entanto, pode acontecer o contrário: o papel de suporte da família dificultar o processo de autonomia e independência face aos pais e, como tal, a reestruturação da relação com os pais ficara comprometida, questão que abordaremos adiante (Jongenelen, 2004).

A quarta tarefa – a reavaliação da relação com o companheiro – diz respeito ao facto de lidar com as novas questões no relacionamento com o companheiro, já que a maternidade vai implicar a passagem da unidade de casal a família. Quando a grávida é adolescente, a relação conjugal, inicia-se muito frequentemente, no decorrer da gravidez ou com o nascimento do bebê. Esta circunstância leva à necessidade de se desenvolverem papéis conjugais e a sua reorganização no sentido de maior flexibilidade, de modo a integrar uma aliança parental (Canavarro & Pereira, 2001).

Tendo em consideração a grande harmonia entre as necessidades da mãe e as do bebê,, surge a 5ª tarefa - aceitar o bebê como pessoa separada e independente. Nesta fase, a jovem terá de se desligar da gravidez para aceitar o bebê como um indivíduo com necessidades próprias e específicas (Colman & Colman, 1994). A adolescente, dado as suas características, poderá ter dificuldade em separar as suas necessidades das necessidades próprias, específicas e reais do bebê (Colman & Colman, 1994).

A sexta tarefa consiste em integrar a identidade parental, que implica avaliar as mudanças decorrentes da maternidade e integrá-las na identidade pessoal prévia. Contudo, dado que, na realidade, as adolescentes não possuem um sentido totalmente

consolidado e integrado de *self* – uma vez que provavelmente ainda estão envolvidas na experimentação de papéis, como parte do processo de construção da identidade – poderão ter mais dificuldade em integrar o papel parental como parte positiva de si em termos de identidade (Osofsky, Hann & Diamond, 1993). No entanto, como veremos mais para a frente, estudos revelam a variabilidade individual no modo como as mães adolescentes integram o papel maternal.

A última tarefa refere-se à reavaliação da relação com o(s) outro(s) filho(s) no caso de mulheres múltiparas. Segundo Colman e Colman (1994) a resolução adequada dessas tarefas vai possibilitar uma mobilização de recursos mais adequada face às mudanças que a gravidez acarreta, bem como permitirá lidar com os novos papéis e com as relações em transformação que resultam da gravidez.

O facto de ser uma adulta “instantânea” pode colidir com a necessidade de resolução simultânea das tarefas desenvolvimentais da adolescência e da gravidez. Este processo é particularmente dificultado quando algumas tarefas desenvolvimentais entram em conflito como vimos, como por exemplo a necessidade acrescida de apoio familiar e a procura de autonomia na adolescência; ou a necessidade de que cuidem de si e a necessidade de prestar cuidados ao bebé (Jongenelen & Soares, 1999).

1.6. Visão demográfica da gravidez adolescente

A incidência da gravidez na adolescência é muito variável consoante os países e as épocas. Num contexto de redução da fecundidade e da natalidade, Portugal continua a ser um dos países da União Europeia com uma taxa elevada de gravidez juvenil (*cf.* Anexo 1). À redução da fecundidade e da natalidade não é alheia uma maior liberalização dos comportamentos sexuais e não menos importante, da separação entre reprodução e sexualidade.

Em 1998, Portugal foi o primeiro país da União Europeia em número de mães adolescentes (Unicef, 1998, 2001, *in* APF, 2003). Nesse ano, em cada 1000 mulheres, 21,2 nascimentos bem sucedidos eram de mães na faixa etária dos 15 aos 19 anos. Nos últimos censos realizados, de 2001, Portugal ocupava o segundo lugar, precedido do Reino Unido. O total de nados-vivos de jovens com menos de 20 anos subiu, nesse ano a 6873 (6,09%). Destes nascimentos, 90 corresponderam a mães com menos de 15 anos – número que corresponde a 0,08% do total de nados-vivos ocorridos (APF, 2003).

Numa retrospectiva temporal mais recente, no ano de 2006, nasceram em Portugal 4905 bebés filhos de mães com idade inferior a 19 anos. No caso de 73 bebés, a idade situava-se abaixo dos 15 anos (faixa etária dos 10 aos 14 anos). No ano de 2007 nasceram 4846 filhos de mães com idade inferior a 19 anos. No ano de 2008 nasceram 4555 bebés filhos de jovens na mesma faixa etária. No ano de 2009 nasceram 4350 bebés filhos de mães com idade inferior a 19 anos num total de 99576 nados vivos. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) e do PORDATA, a taxa de fecundidade da faixa etária dos 15 aos 19 anos no ano de 2005 foi de 19%; em 2006 foi de 17%; em 2007 16,9%; em 2008 16,2% e em 2009 15,5% (INE, 2006; 2007; 2008; 2009; PORDATA, 2009) (*cf.* Anexo 1). Segundo o Instituto Alan Guttmacher (2005), anualmente, cerca de 14 milhões de mulheres no mundo são mães entre os 15 e os 19 anos de idade. A maternidade entre as adolescentes é mais comum nos países em desenvolvimento, onde 25 a 50% das jovens tiveram o seu primeiro filho antes dos 18 anos de idade. Nos países desenvolvidos este valor é inferior a 10%.

Apesar destes últimos números sofrerem pequenas oscilações e representarem um decréscimo nos valores de natalidade juvenil, relativamente a anos anteriores, a sua relevância é ainda muito significativa expressa na comunicação social, na

comunidade científica e nos poderes políticos, económicos e sociais. Actualmente, Portugal com a entrada de novos países na União Europeia ocupa o 9º lugar mantendo, mesmo assim valores elevados (INE, 2009).

Sublinhe-se que os números apresentados referem-se a gravidezes levadas a termo, situação que não dá conta a totalidade de gravidezes ocorridas entre adolescentes. É importante também analisar criticamente estes dados, no sentido em que as estatísticas nacionais são referentes apenas a “partos adolescentes” e englobam mulheres dos 10 aos 19 anos, o que é uma faixa etária muito abrangente sendo as condições de desenvolvimento muito diferentes.

CAPITULO III: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

1. IDENTIDADE PESSOAL

A identidade pessoal é uma das temáticas mais abrangentes da Psicologia e tem sido um dos conceitos mais estudados no contexto da adolescência, com vista à compreensão do seu desenvolvimento. Alsaker e Kruger (2006) salientam que a identidade é a definição de quem se é, tendo em conta as características biológicas, psicológicas culturais e políticas em relação ao contexto social em que o indivíduo se insere. É um processo de construção contínua ao longo do ciclo vital, integrando sentimentos, pensamentos, emoções, comportamentos, atitudes, projectos de vida, etc. Envolve um sentido de unidade entre as diferentes concepções de si próprio; um sentido de continuidade ao longo do tempo e um sentido de mutualidade em relação aos outros (Costa, 1990; Erikson, 1968).

O auto-conceito, um termo conceptualmente próximo da identidade representa a forma de organização mental da informação das experiências pessoais: a teoria que construímos acerca de nós mesmos. O auto-conceito tem uma componente afectiva, a forma como os sujeitos se avaliam em diferentes situações, a auto-estima. Nesta nova situação, o conceito da jovem que engravida tem de se adaptar e integrar os múltiplos desafios acrescidos, alterando os conteúdos do auto-conceito.

Actualmente, as perspectivas que vigoram são as que encaram o desenvolvimento da identidade como fruto das transacções contínuas entre a pessoa e o meio (Bosma & Kunnen, 2001). Em seguida apresentamos as principais perspectivas sobre esta temática, entre muitas outras possíveis.

1.1. O desenvolvimento da identidade segundo Erikson (1968)

É praticamente impossível falar da formação da identidade sem falar de Erickson (1968). O autor defende que a identidade consiste numa combinação única de interesses, motivações, necessidades e defesas psicológicas em interacção com características, género, forças e limitações biológicas individuais, o que ocorre num determinado contexto cultural e social. Para que a identidade se desenvolva, o jovem deve ser capaz de realizar determinadas tarefas que, em geral, envolvem a orientação vocacional, um código de valores e a expressão adequada e satisfatória de papéis sexuais e de género (Erikson, 1968). Erikson (1968) salienta que a formação da identidade constitui o maior desafio do período da adolescência, através do ensaio de respostas para questões como: “quem sou eu?” “o que eu quero ser e fazer da minha vida?” “Qual é o meu papel e função no mundo?”

Para Costa (1990) a construção da identidade tem uma função psicológica que provém da necessidade do sujeito organizar e compreender a sua individualidade de modo coerente e uma função social que surge das pressões sociais para a realização de escolhas e compromissos ao nível familiar, profissional e social. Este processo de síntese e integração confere um sentido de unidade e continuidade.

Erikson (1968) com base na sua experiência clínica apresentou uma perspectiva de desenvolvimento onde identificou oito estádios, cada um correspondendo a um período cronológico específico. Cada um destes estádios é caracterizado por um dilema/crise particular em que o indivíduo desenvolve atitudes básicas que contribuem de forma positiva ou negativa para o seu desenvolvimento posterior. A qualidade da resolução é dependente da resolução de estádios anteriores, mas o autor observa que o que construímos na infância em termos de personalidade não é totalmente fixo e pode ser modificado por experiências posteriores. De acordo com o autor, entenda-se a crise, não com o tempero negativo que normalmente se lhe atribui, mas antes como um desafio aos constructos desenvolvimentais que vão surgindo na trajectória do indivíduo segundo um gradiente de maior complexificação – também o princípio epigenético – encara o desenvolvimento como uma sucessão de momentos críticos de crescimento ou de perigo de defeito, sucedidos em ritmo apropriado e na sequência adequada (Erikson, 1968).

Neste período, o desafio é centrado em termos da formação da identidade *versus* confusão. Neste momento, a adolescente vivencia todo um conjunto de alterações corporais, com a maturação sexual, com a incerteza dos papéis que virá a desempenhar na idade adulta, com o peso das opiniões dos outros e com a necessidade de definir para si própria, valores, objectivos e investimentos pessoais e interpessoais a longo-prazo (Erikson, 1968). O sentimento de confiança e a capacidade de autonomia são, para Erikson (1968), dois elementos-chave na definição de um sentido de identidade forte e coeso. No entanto, nas primeiras fases de desenvolvimento, a adolescente pode não ter tido condições e oportunidades sociais favoráveis para desenvolver esses sentimentos. Com objectivo de facilitar o processo de construção da identidade, a sociedade confere aos adolescentes uma moratória psicossocial de modo a explorarem e experimentarem diversos papéis. A fidelidade é apontada por Erikson (1968) como a virtude que surge da resolução bem sucedida da crise da identidade e é concebida como a identificação pessoal a um conjunto de valores e escolhas.

No pressuposto de que a identidade se constrói segundo uma dimensão de exploração de si próprio e do mundo o que permite fazer investimentos em diferentes áreas da existência, a relação da adolescente com as suas figuras de vinculação adquire um papel importante. Segundo teorias de vinculação, a exploração do mundo e de si própria só é possível quando a adolescente sente segurança, estabilidade e acessibilidade das figuras de vinculação.

Alcançado um sentido de identidade coeso, as adolescentes estão capazes de abordar os estádios subsequentes do desenvolvimento psicossocial, nomeadamente o conflito intimidade vs. isolamento cuja expressão máxima se situa na capacidade de desenvolver relações íntimas verdadeiramente genuínas (Erikson, 1968).

Em suma, a identidade é para Erikson (1968;1980) um processo integrador das transformações pessoais, articulando as experiências passadas e presentes, com as exigências sociais e as expectativas em relação ao futuro (Erikson, 1968; 1980). O grande contributo de Erikson residiu em abrir um novo olhar sobre o desenvolvimento psicológico humano, em termos de ciclo de vida, integrando uma perspectiva mais global e integrativa ao centrar-se na interacção entre o biológico, psicológico e o social, ao valorizar todo o ciclo de vida humano e ao integrar tanto as mudanças ao nível das capacidades e necessidades dos sujeitos, como as alterações nas exigências sociais ao longo do tempo.

1.2. A identidade como construção narrativa

À luz das teorias construtivistas, a identidade é concebida como uma construção em equilíbrio precário, uma actividade que permite construir significado para si próprio e para o mundo e emerge nos processos de interacção individual. Neste sentido, a narrativa surge como uma metáfora central para a compreensão da identidade (Gonçalves, 2000). As teorias construcionistas acentuam o facto da narrativa permitir construir para si próprio e para os outros, uma posição no mundo, que pode ou não ser viabilizada pelos seus interlocutores (Botella, 2001).

McAdams (1985, *in* McAdams, 2001) desenvolveu uma teoria da identidade enquanto história de vida. Segundo Mc Adams (2001) é através da construção de narrativas pessoais que as pessoas atribuem coerência e propósito para as suas vidas, ao mesmo tempo que lhes permitem serem conhecidos pelos outros. Para este autor, a identidade pode tomar a forma de uma história, com personagens, enredo, cenários, temas e capítulos, constituindo uma construção orientada pelo contexto sócio-cultural e co-protagonizada. A identidade desenvolve-se em torno de dois eixos: no eixo sincrónico que se situa no aqui e agora e é relativo à complexidade da identidade num dado momento. O eixo diacrónico refere-se ao desenvolvimento da identidade ao longo do tempo e à capacidade de perceber uma continuidade temporal, apesar das transições e mudanças ao longo do tempo. Com o objectivo de aceder às histórias de vida, McAdams desenvolveu uma entrevista “ Life story interview” (McAdams, 1985, *in* McAdams, 2001) a qual serviu de inspiração à construção dos nossos guiões de entrevista como iremos ver em seguida.

1.3. A construção da identidade feminina

Para Gilligan (1982), uma das principais autoras que se dedicou ao estudo da identidade feminina, o sentido feminino de *self* se desenvolve através do estabelecimento de relações. As mulheres avaliam-se fazendo referência às relações em que estão implicadas: mãe, esposa, filha, amiga, etc. Para a mesma autora, mesmo as mulheres bem sucedidas em termos profissionais, atingem a identidade mais através da cooperação do que da competição. No entanto, esta teoria foi questionada por vários autores dado o crescente investimento das mulheres na sua realização profissional.

Josselson (1996), uma autora que também se tem dedicado a esta temática, conceptualiza a identidade feminina como acontecendo na interacção dos domínios de competência pessoal e de proximidade interpessoal, sendo a identidade algo que acontece gradualmente, através da realização de escolhas e tomadas de decisão e da sua revisão e reactualização. A competência é relativa aos sentimentos de agência e eficácia na realização de tarefas significativas no trabalho, nas relações e em actividades de carácter social. A proximidade interpessoal refere-se à necessidade de estabelecer ligações aos outros. A autora define a identidade como um dispositivo de elaboração de sentidos para as suas experiências e a forma como comunicam esses significados aos outros. Neste sentido, o desenvolvimento da identidade é simultaneamente um processo interno e um processo que ganha expressão no contexto interpessoal, algo que vai acontecendo gradualmente através de reactualizações e revisões constantes sem alterar profundamente a identidade (Josselson, 1996). Ambas as autoras enfatizam a importância da dimensão afiliativa na caracterização da identidade das mulheres.

1.4. A integração do papel gravídico e materno na definição pessoal da adolescente

À luz das teorias mais recentes, os processos de desenvolvimento da identidade são dinâmicos e complexos, envolvendo influências individuais, sociais e culturais (Prettyman, 2005).

A gravidez e a maternidade constituem um dos pontos mais relevantes em que a identidade feminina se expressa. Trazem novos desafios, a realização de novas tarefas e exigem a adaptação a novas mudanças, requerendo novas respostas emocionais, comportamentais e cognitivas (Canavarro, 2001). A gravidez e maternidade implicam um conjunto de perdas e ganhos para a jovem. Vários autores salientam como possíveis “ganhos”: o facto da maternidade poder ser uma oportunidade de crescimento e maturação, redefinição de objectivos pessoais, realização de investimentos. Birkeland (2002); Merrick (1995) e Raeff (1994; 1996) apontam como “perdas” as dificuldades em lidar com uma criança em diferentes fases do seu desenvolvimento, a incerteza quanto à adequação das práticas, as restrições de liberdade impostas pela maternidade, a necessidade de encontrar estruturas de suporte para a guarda e a prestação de cuidados à criança, a sobrecarga financeira imposta pelo nascimento de um bebé, a dificuldade em conciliar a maternidade com os restantes papéis pessoais, as exigências de tempo, peso das rotinas diárias ou o cansaço daí decorrente.

Tendo em consideração que, na adolescência, a identidade se encontra ainda em desenvolvimento, o acontecimento da gravidez e da maternidade projecta a adolescente para um conjunto de desafios e exigências sem lhe conceder a possibilidade de explorar alternativas (Osofsky, Hann & Peebles, 1993; Raeff, 1994). Além disso, a construção da identidade materna na adolescência implica a resolução de tarefas da adolescência com tarefas da gravidez e da maternidade que, por vezes, podem ser mais desafiantes em termos da sua compatibilização.

Catherine Raeff (1994, 1996) refere que a gravidez e a maternidade constituem uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento invulgar ao colocar a adolescente perante uma multiplicidade de experiências adicionais às da maioria das jovens da mesma idade, podendo constituir-se como possibilidade de avanço no processo de individuação. Porém, pode acontecer que a construção da identidade, à luz da gravidez e maternidade não facilite uma maior exploração e experimentação de outras

alternativas no processo de construção da sua identidade pessoal, sendo que a adolescente faz um investimento antecipado o que poderá constituir-se numa identidade outorgada (Raeff, 1994, 1996).

SmithBattle e Leonard (1998) conduziram um estudo longitudinal, integrado numa perspectiva construtiva, com o objectivo de avaliar pontos de viragem, padrões, perspectivas de futuro das mães adolescentes. As narrativas pessoais eram marcadas na sua maioria, pela capacidade da experiência da maternidade potenciar mudanças pessoais, da primazia das necessidades e desejos da criança. A maior parte das jovens mães entrevistadas percepcionava a experiência da maternidade como positiva, promotora de uma definição pessoal consistente com as significações sociais e familiares associadas ao papel de mulher e novas perspectivas de futuro. Porém, para jovens desfavorecidas socialmente, sem rede de apoio social, a gravidez e a maternidade tendiam a agravar sentimentos de inferioridade, frustração e desânimo aprendido.

Deste modo, a ocorrência de uma gravidez na adolescência não é um factor determinante do percurso de vida da jovem que engravida, no entanto, quando combinada com factores adversos acarreta resultados desfavoráveis.

Investigações recentes têm salientado a variabilidade individual na gestão de diferentes papéis - a adolescente que também é filha, namorada, estudante, amiga, trabalhadora tem de se adaptar e integrar a identidade gravídica e depois a materna, numa altura em que as suas particularidades desenvolvimentais podem constranger esta integração. Para algumas adolescentes a maternidade poderá constituir um factor de motivação para a concretização dos projectos profissionais. Para outras jovens a maternidade pode diminuir as expectativas e investimentos futuros na realização profissional e pessoal (Mendes, 2006; Kalil & Spindel, 2003). Os modelos ecológicos sobre o desenvolvimento humano reconhecem que as experiências ao nível do microsistema são afectadas por factores localizados nas ecológicas de vida mais abrangentes como salientado precedentemente (Bronfenbrenner, 1979). Logo, é fundamental ter em atenção a qualidade dos contextos de vida.

As grávidas e mães adolescentes adaptam-se à realidade da gravidez e maternidade de uma forma idiossincrática. A integração da gravidez e do papel materno no sentido da identidade é um terreno empírico pouco explorado, pouco estudos avaliam como as adolescentes se constroem enquanto mães. A forma como integram é influenciada pelas suas teorias pessoais sobre o papel gravídico e materno, pelos recursos pessoais, pelos contextos em que se movimentam e pelos dispositivos culturais.

CAPÍTULO IV: AJUSTAMENTO À GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: VARIÁVEIS INDIVIDUAIS, FAMILIARES E CONTEXTUAIS – O PAPEL DO SUPORTE SOCIAL

A gravidez na adolescência é uma tarefa exigente que envolve, frequentemente, a construção de projectos alternativos e a mobilização de recursos internos e externos que influenciam o ajustamento. As particularidades desenvolvimentais da adolescência podem dificultar o ajustamento das grávidas adolescentes a um conjunto de novas responsabilidades e novas realidades.

1. VARIÁVEIS INDIVIDUAIS

1.1. *Desenvolvimento cognitivo*

No que respeita ao desenvolvimento cognitivo, o egocentrismo, a idealização e a invulnerabilidade pessoal, constituem características mais proeminentes do pensamento adolescente. (Elkind, 1982; Whitman; Bransky, 2004).

O egocentrismo refere-se à incapacidade de assumir a perspectiva do outro e coordená-la com a sua própria perspectiva. Em consequência, ao focar-se mais nas suas próprias teorias e preocupações, a jovem tem dificuldade em conceptualizar que também as outras pessoas têm as suas e que elas podem ser divergentes. O egocentrismo característico desta fase tem associadas ideias típicas identificadas por Elkind (1982), a idealização traduz-se na sustentação de crenças irrealistas, sem correspondência na realidade, antes traduzindo aquilo que a pessoa gostaria que acontecesse; a invulnerabilidade pessoal refere-se à ideia de que a adolescente tem de que é única e se sente imune às leis naturais que recaem e que regulam a vida dos outros indivíduos. O pensamento adolescente é, igualmente marcado por limitações ao nível do pensamento abstracto que se traduz em dificuldades no planeamento da acção e projecção no futuro. Estas características poderão embargar o assumir de um conjunto de responsabilidades e reorganizações que a gravidez acarreta e pode colidir por exemplo com os cuidados a ter na gravidez.

No campo específico da gravidez e da maternidade, um constructo que vários autores dão visibilidade é o de preparação cognitiva para a parentalidade (Lounds, Borkowski, Whitman, Maxwell & Weed, 2005). Segundo estes autores, deste conceito fazem parte os conhecimentos do desenvolvimento infantil, práticas parentais e de atitudes na realização do papel parental. Segundo um estudo levado a cabo por Rellinger (2001) esta capacidade parece estar em défice em grávidas adolescentes, no sentido em que as suas características cognitivas, a falta de experiências semelhantes com os pares, podem dificultar o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil. De acordo com o estudo de Oz, Tari e Fine (1992), realizado com adolescentes mas já mães, nos primeiros meses após o parto, foi verificado que apresentavam valores mais elevados de auto-conceito e complexidade cognitiva, confiavam mais na sua capacidade para serem boas mães e revelavam-se mais optimistas em relação ao futuro, comparativamente aos seus pares sem filhos. No entanto, os autores alertam para o facto de estas mudanças apenas se poderem manter a curto prazo.

1.2. *Desenvolvimento emocional*

A gravidez acarreta uma série de alterações emocionais que terão um impacto na forma como as grávidas assumem este desafio. Segundo Sroufe (1997) a emoção é um fenómeno complexo que envolve: expressão comportamental e a experiência subjectiva. No âmbito do desenvolvimento emocional, várias investigações destacam a imaturidade emocional da grávida adolescente e as limitações colocadas pela gravidez no processo de exploração e afirmação da sua individuação. Neste acontecimento de vida não normativo, a adolescente poderá não estar emocionalmente preparada para lidar com todas as exigências e responsabilidades o que introduzirá vulnerabilidades acrescidas e esta transição.

Pela revisão da literatura, encontramos estudos que procuram aferir o modo como a jovem grávida se adapta emocionalmente a esta transição. Figueiredo (2000), uma autora que se tem dedicado sobre esta questão, menciona que a gravidez e maternidade na adolescência poderão elevar o risco de desajustamento emocional. Relativamente à sintomatologia depressiva entre grávidas e mães adolescentes, as taxas de incidência da perturbação depressiva variam entre os 26% e os 68% (Figueiredo, 2000; Birkeland, 2002). Birkeland (2002) salienta a perturbação depressiva como um dos principais problemas da gravidez e maternidade adolescente, dado o impacto negativo desta patologia na qualidade do relacionamento mãe-filho.

Barrat, Roach e Morgan (1996) compararam três grupos: adolescentes sem filhos, mães adultas solteiras e mães adultas casadas e chegaram à conclusão que o estatuto conjugal e as estratégias de coping utilizadas pelas mães adolescentes poderiam funcionar como factores protectores no ajustamento psicológico a este acontecimento. Os autores verificaram também que as mães adolescentes referem níveis de satisfação com a vida superiores aos valores encontrados nas adolescentes sem filhos, mas inferiores às das mães adultas casadas.

De acordo com Brooks-Gunn e Furstenberg (1986) variáveis psicológicas como baixa auto-estima, baixo auto-conceito, baixa auto-confiança, baixa tolerância à frustração, assim como elevados níveis de ansiedade, sentimentos de fatalismo, desânimo e alienação estavam associados a dificuldades de ajustamento à gravidez.

Mais uma vez, as investigações descritas evidenciam que o impacto da gravidez e maternidade adolescente não pode ser explicado apenas pela idade da jovem, devendo ser contextualizado e não separado da influência do capital social e cultural.

2. VARIÁVEIS CONTEXTUAIS E FAMILIARES – o papel do suporte social

O desenvolvimento humano ocorre nos contextos em que nos desenvolvemos e com as pessoas com quem interagimos. Neste sentido, as relações estabelecidas com os contextos relacionais e sociais assumem uma importância fundamental na compreensão dos fenómenos psicológicos e são parte integrante do nosso desenvolvimento.

Na última década, investigações têm salientado a importância do apoio social, dimensão que tem sido muito estudada, com o objectivo de compreender o papel deste factor na trajectória e na interacção que o indivíduo estabelece com o meio. Tem sido revelado pela investigação que o apoio social surge maioritariamente como um factor protector, podendo actuar sobre os efeitos adversos da gravidez e maternidade precoce. (Figueiredo 2001b).

2.1. Suporte social

O suporte social tem vindo a ser referido vastamente na literatura como muito importante para lidar com transições/acontecimentos de vida que podem potenciar crise, tem sido apontado como elemento facilitador da adaptação a situações adversas.

O conceito de apoio social integra várias características: quantidade e coesão das relações sociais que envolvem uma pessoa, força dos laços estabelecidos, frequência de contactos, tipo de interacções em que se baseia o apoio (partilha de informação, suporte emocional, ajuda económica, apoio à realização de tarefas) ou no modo como é percebido o sistema de apoio em termos de disponibilidade e de qualidade de resposta efectuada (percepção de suporte social). O suporte social pode ainda integrar múltiplas fontes (e.g., família, amigos, profissionais, companheiro), concretizar-se de várias formas (e.g., informacional, emocional, prático), assumir diferentes frequências (e.g., diário, semanal), durações (e.g., semanas ou meses), ser pontual ou estender-se no tempo (Vaz-Serra, 1999).

As investigações da última década têm apontado como principais fontes de apoio para as grávidas adolescentes, a família de origem, nomeadamente a mãe, o companheiro e outros membros da comunidade alargada, sendo que as menos citadas são os pares, o pai da adolescente e os irmãos (Jongenelen, 1998, 2004).

Letourneau, Stewart e Barnfather (2004) desenvolveram uma meta-análise de estudos em torno do suporte social na gravidez e maternidade adolescente, tendo verificado que as fontes de apoio mais referidas são a sua família e o companheiro, seguida dos amigos, e por último, o apoio proporcionado por profissionais, nomeadamente enfermeiros, psicólogos ou médicos.

Grávidas e mães adolescentes avaliadas com um *locus* de controlo interno e com níveis superiores de desenvolvimento psicossocial, tendem a revelar crenças mais positivas sobre a eficácia dos comportamentos de procura de ajuda, bem como a valores inferiores de stress percebido e de ocorrência de sintomatologia depressiva (Gomez, 2003). Investigações recentes ressaltam ainda, a importância da qualidade da organização de vinculação das mães adolescentes, na facilidade com que estas recorrem à rede de apoio e na forma como percebem diferentes dimensões do suporte social (e.g., Pacheco, Costa e Figueiredo, 2003, Jongenelen, 2004; Mendes, 2006). No seu estudo Mendes (2006) procurou diferenciar mães adolescentes com base em perfis diferentes de ajustamento à maternidade à luz das questões de identidade e de vinculação. Foram encontradas associações significativas entre os perfis de adaptação à maternidade e a qualidade de organização da vinculação das mães adolescentes.

A investigação relativa ao papel do apoio social no ajustamento das grávidas e mães adolescentes sugere que a utilização de uma rede de suporte social satisfatória promove a resiliência, facilitando a adaptação à gravidez e a maternidade, práticas parentais mais adequadas, associando-se ainda com indicadores de bem-estar e a sentimentos de satisfação pessoal (Gomez, 2003; Jongenelen, 2004; Letourneau, Stewart & Barnfather 2004, Mendes, 2006).

Apesar da maioria da literatura ter revelado efeitos favoráveis do apoio social, alguns estudos têm destacado os efeitos negativos do conflito relacional e, igualmente, destacado que existem formas inadequadas de procurar apoio (e.g., Gomez, 2003).

2.2. Papel da família

Numa primeira fase, o estudo da gravidez adolescente centrou-se unicamente na grávida e não nos contextos envolventes, passando recentemente a focalizar-se na família da jovem que engravida. A família é um sistema em constante transformação, que se adapta às exigências das diversas fases do ciclo de desenvolvimento, bem como às mudanças nas solicitações sociais, com o fim de assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial dos seus membros (Alarcão, 2006). É assim, um sistema aberto em constante relação com o exterior, que se desenvolve através de um equilíbrio dinâmico entre duas forças aparentemente contraditórias: a tendência homeostática e a capacidade de transformação. Qualquer tipo de tensão, seja esta originada no interior da família ou no exterior, vai-se repercutir no funcionamento do sistema e exigirá um processo de adaptação que consiga manter a continuidade da família e permita o crescimento dos seus membros de acordo com a autora referida. Segundo Alarcão (2006) em situações de crise, o ajustamento da família dependerá dos recursos e competências que tem, sendo que a crise não é necessariamente patogénica mas um factor de crescimento individual, colectivo e familiar.

O acontecimento da gravidez da adolescente tem um impacto significativo na dinâmica das relações familiares e o poder de transformar progenitores e respectivas famílias (Canavarro & Pereira, 2001). Apesar de na maior parte dos casos, o anúncio da gravidez poder gerar contestação junto da família, com o passar do tempo, esta torna-se capaz de renegociar as relações, convertendo-se numa das fontes de apoio mais significativas, tanto para a jovem mãe, como para o seu bebé (Cervera, 1994; Contreras, 2004; McDermott & Graham, 2005). No que concerne à reacção dos pais, a vivência da maternidade da adolescente é constituída por uma diversidade de sentimentos, nomeadamente, surpresa, raiva, decepção, culpa ou alegria e algum

questionamento (Justo, 2000). O mesmo autor retrata uma maior reacção por parte da mãe face à gravidez da adolescente. Na sua globalidade, a reacção da mãe é constituída por duas fases: esta reage negativamente face à notícia mas, após algum tempo, toma a iniciativa de prestar os cuidados necessários, enquadrando a gravidez da adolescente nos parâmetros médicos indispensáveis para um decurso saudável da gravidez.

Numa gravidez adolescente a família vai ter de se reestruturar, dão-se mudanças nos papéis, regras, objectivos e padrões de interacção. A família pode passar por três fases a fim de restituir a homeostasia: (a) adquirir novos recursos adaptativos e/ ou mecanismos de coping (b) reduzir a acumulação de exigências (c) mudar a forma como percebe a situação, ou seja, o significado da exigência (modelo de resposta e ajustamento familiar- FAAR) (Santos 2003). Neste sentido, há que fazer sobressair o potencial e capacidades de cada família, encorajando-as a desenvolver processos activos de reestruturação e crescimento.

Segundo vários estudos, a família tem sido referida como tendo um efeito protector, promovendo a resiliência e para as jovens não abandonarem os estudos e terem mais probabilidade de voltar a estudar depois do nascimento do bebé (cf. Furstenberg; 1989; Cervera, 1994, Jongenelen, 2004).

2.3. Papel da mãe

O apoio social prestado pela mãe é muito enfatizado na literatura como um factor relevante na adaptação à gravidez (Canavarro & Pereira, 2001; Figueiredo 2000; Figueiredo, Pacheco, Costa & Magarinho, 2006b; Justo, 2000; Mendes, 2006; Oliveira, 1998; Soares & Jongenelen, 1998; Wahn, Nissen & Ahlberg, 2005). A investigação empírica tem salientado a importância do apoio da mãe no bem-estar das grávidas, contribuindo para o seu ajustamento psicológico, reduzindo o stress, a ansiedade experienciada e diminuindo o risco de perturbação psicopatológica (Jongenelen, 2004).

Cervera (1994) no estudo que realizou na zona de Coimbra com famílias de grávidas adolescentes verificou que a relação da adolescente com a mãe foi-se tornando mais horizontal, caracterizada por um elevado nível de apoio. Para Canavarro e Pereira (2001), a mãe parece constituir-se como um importante fonte de informação e aprendizagem para a adolescente.

Um estudo conduzido por Sadler e Clemmens (2004) com o objectivo de avaliar a qualidade da relação das grávidas adolescentes com as mães revelou que 69% das mães viam a relação com as filhas como positiva e 46% delas indicavam mesmo uma melhoria da relação entre ambas, desde o nascimento do bebé. No caso de conflito, este situava-se, sobretudo na tomada de decisões relativa à educação dos bebés, no tempo gasto pelas adolescentes com os seus amigos, nas tarefas domésticas e em relação às escolhas e prioridades das adolescentes.

De acordo com Sgarbossa e Ford, (2004), a relação da grávida adolescente com a sua mãe assume um lugar de destaque. Mesmo nos casos em que a jovem vivia sozinha ou com o pai da criança, o apoio fornecido pela respectiva mãe constituía uma importante fonte de ajuda, podendo nalguns casos funcionar como o melhor preditor do ajustamento à gravidez e à maternidade. O apoio fornecido pela mãe da adolescente segundo vários autores concretiza-se na ajuda financeira, na partilha das tarefas de prestação de cuidados, na troca de informações acerca da gravidez e maternidade, no proporcionar de suporte emocional e poderá propiciar um retorno à actividade escolar ou laboral e um consequente alcance da autonomia financeira da adolescente (Contreras, 2004; Letourneau, Stewart & Barnfather, 2004; Whitman, Borkowski Keogh & Week, 2001).

Apesar da ênfase positiva dada a esta variável, a investigação encontra que o apoio social fornecido pela mãe poderá surtir também efeitos negativos (Canavarro & Pereira, 2001; Figueiredo 2000; Levandowski, Piccinini & Lopes, 2008; Osofsky & Thompson, 2000; Soares & Jongenelen, 1998). Embora a figura materna possa constituir-se como um modelo positivo para a adolescente, o seu apoio poderá estar relacionado com uma substituição da jovem mãe e associado à baixa responsabilidade e

baixa disponibilidade materna. Um aumento dos conflitos é então possível de suceder, dado que a jovem mãe poderá requerer os direitos de ser a prestadora de cuidados primária (Figueiredo, Pacheco, Costa & Magarinho, 2006b).

A coabitação com a família de origem é igualmente um factor protector, relacionado com o apoio social, que gera alguma controvérsia na medida em que promoverá um maior envolvimento e suporte da figura materna (Soares & Jongenelen, 1998; Osofsky & Thompson, 2000; Figueiredo, Pacheco, Costa & Magarinho, 2006a). Porém, estudos têm vindo a salientar que os efeitos positivos do apoio familiar parecem diminuir ao longo do tempo, promovendo maior conflito familiar, menor ajustamento da mãe adolescente (Jongenelen, 1998, 2004).

2.4. Papel do pai do bebé

Figueiredo, Pacheco, Costa e Magarinho (2006a) verificam que, normalmente, na maternidade na adolescência, os dois progenitores se encontram confrontados com as tarefas e desafios desenvolvimentais próprios desta etapa.

A literatura documentada destaca a importância do apoio do companheiro na adaptação da adolescente à gravidez. No estudo de Jongenelen (1998) mais de metade das participantes apontava o companheiro como a principal figura de apoio, no entanto há a ressalvar que a grande maioria das grávidas eram casadas ou viviam com o companheiro.

Com base na investigação desenvolvida, o apoio proporcionado pelo companheiro tem-se revelado uma das fontes mais importantes na promoção do ajustamento das grávidas adolescentes (Contreras 2004). A qualidade do apoio prestado pelo pai do bebé tende a associar-se de modo positivo com a auto-estima, a estabilidade emocional e com o sentido de eficácia materna da adolescente (Gee & Rhodes, 2003; Contreras, 2004). A continuação da relação entre a mãe e o pai do bebé tende a produzir um efeito positivo no desempenho da parentalidade pela mãe adolescente, quando os seus comportamentos parentais são avaliados dezoito meses após o nascimento da criança (Cutrona, Hessling, Bacon & Russel, 1998). Nesta continuação, Contreras (2004) refere que o facto da mãe se sentir apoiada pelo companheiro se associa a níveis superiores de responsividade à criança, bem como a atitudes educativas positivas. Pelo contrário, mães adolescentes que se percebem pouco apoiadas pelos companheiros tendem a evidenciar menos competentes na interacção com os filhos.

Estas últimas evidências colidem com as ideias que vigoravam em torno de pais adolescentes como descomprometidos da relação tanto com a companheira como com o filho (Krishnakumar & Black, 2003 *in* Mendes, 2006). Mas se numa parte significativa dos casos, o envolvimento com o companheiro se traduz em apoios emocionais e instrumentais, noutros casos a relação com o companheiro é insatisfatória, dificultando a adaptação (Cutrona, Hessling, Bacon & Russel, 1998, Sanders, 2002).

Um aspecto importante a considerar em estudos de apoio social é com quem vive a adolescente, pois o facto de co-habitar com o companheiro pode aumentar a tendência para o destacar como principal figura de apoio. Além disso, os estudos não são conclusivos quando ao facto do apoio aumentar ou diminuir ao longo do tempo.

2.5. Papel do grupo de pares

É um dado adquirido a importância do grupo de pares neste período, a necessidade de pertença como parte integrante da identidade pessoal. A ocorrência de uma gravidez vai implicar mudanças nas relações da adolescente com o grupo de pares, no sentido em que se afasta de algumas experiências vividas pelos pares (Jongenelen, 1998; Mendes 2006). Tornar-se mãe na adolescência significa na maior parte das vezes abandonar ou pelo menos interromper temporariamente a escolaridade e nesse sentido, o afastamento da escola pode contribuir para o afastamento dos pares.

Vários autores constataram que o grupo de pares estava praticamente excluído dos principais elementos de apoio social para as grávidas adolescentes (*cf.* Jongenelen, 1998; Whitman, Borkowski, Keogh & Week, 2001).

Já Borkowski, Farris, Whitman, Weed e Keogh (2007) salientam o efeito positivo do apoio dos pares na resiliência de grávidas adolescentes, sugerindo que as grávidas mais resilientes eram aquelas que para além de serem mais novas e de terem completado mais anos de escolaridade antes de engravidar, eram as que recebiam e tinham mais apoio social dos pares e dos irmãos durante a maternidade.

A investigação acerca do apoio social do grupo de pares na gravidez na adolescência é ainda parca, não analisando como os pares, a escola representam este acontecimento e como poderiam funcionar como uma fonte de suporte social e contribuir para a adaptação a esta transição.

Em suma, pela revisão da literatura, o apoio social fornecido pelos diferentes elementos da rede de apoio contribui, na sua maioria para o bem-estar físico e psicológico da adolescente, sendo de grande importância como amortecedor do stress adicional (*buffering effect*) deste acontecimento de vida (Whitman, Borkowski, Keogh & Week, 2001).

No que concerne aos estudos apresentados, temos de ser cautelosos a fazer interpretações e generalizações dos resultados, pois as investigações utilizam amostras reduzidas, apresentam falhas metodológicas e revelam dificuldades em controlar determinadas variáveis. O impacto do apoio social prestado pela família varia em função de diferentes factores, como a idade da jovem grávida, a etapa do ciclo vital em que a família se encontra, a estrutura do seu agregado familiar, a co-residência, a qualidade da relação e dinâmica familiar e o *timing* em que o apoio se verifica (Contreras, 2004; Jongenelen 2004). A idade parece constituir uma variável importante no modo como as grávidas adolescentes gerem as suas relações com as redes de apoio. Segundo Chase-Lansdale e Brooks (1994), as mães mais jovens tendem a aceitar com mais facilidade a partilha dos cuidados em comparação com as mães mais velhas. Outro ponto de reflexão, relaciona-se com o facto dos estudos que temos visitado analisarem na sua grande maioria as características da rede de apoio social de forma compartimentada, não tendo a devida atenção às características da rede de apoio social em articulação com os diferentes tipos de apoio, com o momento em que o apoio é fornecido e com o facto de certas fontes de apoio serem mais eficazes do que outras.

O efeito do apoio social deve ser então compreendido como mediado por determinados factores, sendo fundamental ter em conta os diferentes níveis de contextos ecológicos definidos anteriormente para uma leitura mais integradora e ecológica dos resultados. Outro aspecto evidenciado prende-se com o facto da investigação ser muito reduzida no apoio social prestado pela comunidade, pelos profissionais e a respeito do papel dos avós e da família de origem do pai do bebé.

ESTUDO EMPIRICO

CAPÍTULO V: METODOLOGIA

Na presente investigação exploratória, o *design* utilizado foi o não experimental, nomeadamente estudos de casos, no sentido de compreender de forma holística e profunda as vivências idiossincráticas e apreender a dinâmica e interacções entre processos e dimensões relevantes dos entrevistados (Yin, 1994).

Adoptou-se assim, uma abordagem qualitativa. Esta é definida segundo vários autores como um tipo de investigação que trabalha com dados não estruturados, tendo por objectivo descrever, compreender factos, fenómenos ou comportamentos, sendo uma das principais características o facto da recolha de dados e a sua análise poderem ocorrer simultaneamente (Tuckman, 2000; Martins & Theóphilo, 2007).

Situamo-nos, desta forma num paradigma hermenêutico, no pressuposto da existência de construções pessoais e realidades múltiplas, enfatizando o processo mediante o qual as pessoas constroem significados. Bogdan e Biklen (1994) referem que o significado é de importância vital na abordagem qualitativa e os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como as diferentes pessoas dão sentido às suas vidas e em compreender melhor o comportamento e experiência humana.

Neste sentido, a investigação qualitativa é útil quando se realiza estudos de casos e quando o interesse recai na primazia dos processos e na ênfase dos significados, como acontece neste estudo. Como refere Pais (2001) ao estudar-se um caso o objectivo não é o de representar o mundo; basta a representação do caso. Aliás, um caso não pode representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se reflectir (Pais, 2001). Considera-se, igualmente, que a metodologia qualitativa é a mais vantajosa neste trabalho no sentido em que permite captar de forma compreensiva a complexidade localizada e vivida de experiências, subjectividades, histórias, práticas, pensamentos, emoções, significados, sentidos, acontecimentos, eventos implícitos e verbalizados, descobrir detalhes semânticos e descritivos mais difíceis de apreender através de outra abordagem metodológica. O enfoque é a exploração minuciosa e compreensão do mundo “interno” dos participantes, dos seus significados idiossincráticos, considerando que a melhor forma de o fazer é através das verbalizações e das histórias contadas sobre si.

É nesta postura que ao longo da preparação e concretização deste estudo nos situamos enquanto ouvintes compreensivos das narrativas de todos os entrevistados. Neste enquadramento, a posição epistemológica e metodológica de teor qualitativo e interpretativo afigura-se como a que melhor permite conhecer o discurso dos participantes em relação à sua experiência indo de encontro às perguntas orientadoras deste estudo.

1. OBJECTIVO GERAL

Inserido no quadro de uma abordagem construtivista e desenvolvimental-ecológica (Campos & Coimbra, 1991), o presente estudo tem como objectivo explorar e compreender em profundidade as experiências, vivências e significações pessoais e socialmente contextualizadas da gravidez, no período da adolescência. De uma forma geral, pretendemos, numa análise

exploratória, conhecer como aceitam a gravidez e a integram no seu sentido de definição pessoal, quais as principais figuras de apoio, a qualidade do ajustamento, representações em relação ao futuro bebé e ao seu papel materno, como lidam com as representações sociais da gravidez adolescente, conhecer tonalidades emocionais e o impacto da gravidez/ reacções na família de origem pela voz da mãe da jovem que engravida e pelo namorado da jovem. Tínhamos a pretensão de conhecer a perspectiva dos pais das jovens grávidas, mas tal não foi possível, uma vez que não se mostraram disponíveis.

Com base neste objectivo geral desenvolveram-se as seguintes questões orientadoras da investigação:

1. Conhecer como as grávidas adolescentes, com as particularidades desenvolvimentais que as caracterizam, aceitam a gravidez e a integram no seu sentido de definição pessoal.
2. Identificar as principais figuras de apoio e a qualidade percebida do suporte fornecido.
3. Explorar a qualidade de ajustamento na gravidez adolescente através do conhecimento das principais mudanças/reorganizações na sua vida, como gerem as principais dificuldades sentidas e quais são os planos para o futuro.
4. Conhecer quais são as representações, sonhos, expectativas das jovens grávidas em relação à criança que vai nascer e ao seu papel materno.
5. Compreender como as grávidas adolescentes do estudo lidam com as construções e representações sociais dominantes da gravidez adolescente e como percebem o papel do estado no apoio a esta população.
6. Explorar o impacto da gravidez precoce na família de origem pela voz da mãe da jovem que engravida e do namorado da jovem grávida.
7. Explorar tonalidades emocionais presentes na experiência da gravidez das quatro jovens e a frequência de palavras emocionais classificadas em 8 categorias emocionais básicas: Amor; Tristeza; Raiva; Medo; Alegria; Culpa-vergonha; Esperança; Desilusão.
8. Realizar uma análise estrutural às narrativas produzidas pelas jovens grávidas.

2. MÉTODO

2.1. Grupo em estudo: estudo de casos

A selecção das participantes grávidas obedeceu a quatro critérios centrais: primiparidade, idade igual ou inferior a 18 anos à data do parto, gravidez não planeada, período de gestação (2º (13 às 27 semanas) e 3º trimestre (28-40 semanas)).

Trata-se de uma amostra não aleatória sendo os elementos escolhidos por conveniência. Várias instituições/comunidades de apoio a grávidas e mães adolescentes foram contactadas, assim como associações (e.g., APF), centros de saúde e centros hospitalares, estabelecendo-se um contacto formal por intermédio de carta (cf. Anexo 2) e deslocando-se aos locais. Depois de alguns esforços, duas associações aceitaram o nosso pedido de colaboração: uma comunidade de apoio a grávidas e mães adolescentes da zona histórica do Porto e a Associação para o Planeamento Familiar de Lisboa. No sentido em que optamos apenas por estudar adolescentes grávidas e deixar mães adolescentes “para segundas núpcias” essa escolha tornou mais difícil o acesso a jovens nesta condição específica. No início da concepção deste projecto pretendíamos estudar grávidas mas também de mães adolescentes.

Relativamente às mães das jovens grávidas, o único critério de selecção foi ser mãe biológica ou adoptiva das participantes grávidas. Apesar de não planeado inicialmente, existiu a possibilidade de entrevistar os pais dos futuros bebés, focando-se na

reação à gravidez e no modo como estavam a gerir esta transição para a parentalidade, não existindo um guião de entrevista propriamente dito. Foram entrevistados três companheiros, no sentido em que um deles se tinha descomprometido por completo da sua responsabilidade parental.

A descrição das participantes e do seu contexto encontra-se no Anexo 3. Nos quadros 1, 2 e 3 encontram-se as principais características sócio-biográficas de todos os participantes entrevistados.

Nome	Maria	Ana	Mariana	Juliana
Idade	15	16	16	16
Escolaridade	6º ano	7ºano incompleto	6º ano incompleto	7ºano incompleto
Situação Profissional	Nunca trabalhou	Nunca trabalhou	Nunca trabalhou	Ajudante de cabeleireiro
Agregado familiar	Institucionalizada	Mãe, pai e três irmãos	Mãe, padrasto, Irmã, avó	Mãe
Estado civil	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira
Localidade	Funchal, Sto. António (Actualmente no Porto)	Bairro do Cerco (Porto)	Alfama (Lisboa)	Reboleira (Amadora)

Quadro 1: Caracterização sumária do grupo de estudo: grávidas adolescentes

Nome	Mãe da Maria	Mãe da Ana	Mãe da Mariana	Mãe Juliana
Idade	46	43	47	46
Escolaridade	4º ano	4º ano	4º ano	3º ano
Situação profissional	Empregada de limpeza	Empregada Fabril	Desempregada (frequenta um curso)	Desempregada
Agregado familiar	A viver sozinha	Marido e filha	Companheiro, duas filhas e mãe	filha
Estado civil	Separada	Casada	União com o Padrasto da Mariana	Solteira
Localidade	Funchal, Sto. António (Actualmente no Porto)	Bairro do Cerco (Porto)	Alfama (Lisboa)	Reboleira (Amadora)

Quadro 2: Caracterização sumária das mães das adolescentes grávidas

Nome	Pai do bebé da Maria	Pai do bebé da Ana	Pai do bebé da Mariana	Pai do bebé da Juliana
Idade	26	19	22	22
Escolaridade	6º ano	7º ano incompleto.	7º ano	6ºano
Situação profissional	Operário da construção civil	Padeiro	Desempregado	Desempregado (frequenta um curso)
Agregado Familiar	Mulher e um filho	Mãe e irmãos	Mãe e irmãos	Mãe e irmãos
Estado civil	Casado (outra família)	Solteiro	Solteiro	Solteiro
Localidade	Funchal	Bairro do Cerco (Porto)	Alfama (Lisboa)	Cova da Moura (Amadora)

Quadro 3: Caracterização sumária dos pais dos bebés

2.2. Técnica de recolha dos dados

O presente estudo integrou a construção de dois guiões de entrevistas, como técnicas de recolha dos dados. Vários autores salientam que em estudos exploratórios a técnica da entrevista semi-estruturada, pelo seu grau de flexibilidade e fraca directividade permite recolher os testemunhos e interpretações dos participantes, respeitando os seus próprios quadros de referência, a sua linguagem e as suas características mentais (Pais, 2001).

A opção pelos guiões de entrevista permite, por um lado aos entrevistados que estruturam os seus pensamentos em torno de temáticas do nosso interesse, por outro lado evita redundâncias discursivas. Neste tipo de instrumento, o entrevistador não tem necessariamente de seguir a ordem das questões como está no guião e pode reformulá-las, mas deverá em princípio procurar dar respostas a todas as questões previstas. Podem eventualmente surgir novas questões durante a entrevista (Lakatos & Marconi, 1991). Gil (1999) corrobora, referindo que a entrevista apresenta vantagens, comparada a outras técnicas sociais: possibilita uma maior liberdade à (re)construção do guião, de modo a adaptá-lo às características dos participantes; o entrevistador pode adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista e possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase de respostas. Riessam (1993) enfatiza que as perguntas abertas encorajam mais facilmente a narrativização e permitem ao entrevistado construir respostas em colaboração com os ouvintes, à procura de significação.

2.2.1. Entrevista da Vivência Individual e Construção Social da Gravidez Adolescente (EVICS)

Foi, então, construído o guião de uma entrevista semi-estruturada: Entrevista da Vivência Individual e Construção Social da Gravidez Adolescente (EVICS). A entrevista foi desenvolvida como semi-estruturada, organizada em torno de núcleos temáticos, com abertura para cada participante elaborar livremente as suas narrativas (cf. Anexo 4).

Com vista a desenvolver a qualidade do guião foi solicitado a três jovens que reunissem as mesmas características do grupo em estudo que descrevessem por escrito como foi a sua gravidez (cf. Anexo 5).

O guião da entrevista - EVICS está organizado em duas grandes partes, num total de 50 questões. Cada uma destas se encontra subdividida em temas compostos por diversas questões. Assim, a primeira parte foi elaborada com o propósito de explorar e compreender dimensões relativas à participante: (a) Família de origem; (b) Percurso pessoal; (c) História de namoro; (d) Situação e percurso escolar e profissional; (e) Gravidez e acompanhamento médico e (f) Projectos de vida futuros.

O segundo grupo foi construído com vista a estimular a produção narrativa das participantes em relação a sete temáticas relacionadas com a experiência individual da gravidez e a sua construção social. Integra os seguintes núcleos temáticos: (a) Tomada de conhecimento da gravidez; (b) Dificuldades, desafios e exigências acrescidas; (c) Figuras significativas na vivência da gravidez; (d) Expectativas em relação à criança e ao papel materno; (e) Integração da gravidez no *self*; (f) Individualização; (g) Ruptura vs. Continuidade com a tradição. Todas as perguntas são abertas, iniciando-se com uma pequena introdução com vista a facilitar a produção narrativa das entrevistadas.

Os dois últimos núcleos temáticos: “Individualisation” e “Rupture with tradition” foram baseados em duas dimensões descritas no artigo de Coimbra e Menezes (no prelo): Society of individuals or community strength: community psychology at risk in risk societies.”

A sua estrutura por temas foi inspirada na entrevista da História de Vida (“Life story interview”) de Mc Adams (1985 in Mc Adams, 2001) (cf. Anexo 6) que se encontra estruturada sobre a forma de questões abertas acerca de memórias autobiográficas significativas de acordo com determinados temas. Nesta entrevista a pessoa é solicitada a dividir a sua vida em capítulos e a descrever oito episódios específicos da sua vida: episódio positivo mais significativo, episódios negativo mais significativo, ponto de viragem, memória mais antiga, memória particularmente significativa da infância, outra da adolescência e posteriormente da idade adulta. Além disso, o sujeito destaca as personagens mais importantes da sua história, falando sobre o modo como se projecta no futuro. Nesta entrevista pretende-se avaliar os aspectos que o sujeito decide revelar, os acontecimentos significativos, implicações e as conclusões retiradas.

O objectivo geral subjacente à construção do guião da entrevista residiu na apreensão do modo como as adolescentes encaram e se adaptam à experiência da gravidez, como gerem as principais mudanças/reorganizações na sua vida, como integram a gravidez na sua definição e como a percebem no contexto sócio-cultural, focalizando a lente nos significados e modos como é vivenciada.

2.2.2. Entrevista do Impacto da Gravidez Adolescente (EIGA) (orientada para a perspectiva da mãe da jovem grávida)

Com o intuito de conhecer e compreender o impacto da gravidez (reações e apoios familiares) na família de origem, foi construído um segundo guião de entrevista dirigido à mãe da jovem adolescente: “Entrevista do Impacto da Gravidez Adolescente” (EIGA), no sentido em que a revisão bibliográfica efectuada aponta para a mãe da jovem como a principal figura de apoio neste momento de vida.

O guião da entrevista inicia-se com um conjunto de perguntas ao (a) Percurso pessoal e profissional da entrevistada e, em seguida, contempla questões relacionadas com a (b) Tomada de conhecimento e desenvolvimento da gravidez da filha; (c) Impacto/mudanças ocorridas com a gravidez; (d) Relações de apoio e tipo de ajudas disponibilizadas; (e) Projectos e expectativas futuras para a filha. Engloba, assim cinco núcleos temáticos, totalizando 15 questões (cf. Anexo 7).

O objectivo de construção da EIGA residiu em apreender o modo como personagens próximas à jovem grávida vivenciavam a experiência da gravidez. Surgiu no decorrer das primeiras incursões no terreno aliada com a estratégia de pesquisa bibliográfica que refere a importância do apoio social nomeadamente da figura materna na adaptação à gravidez.

Na redacção das questões de ambos os guiões teve-se a preocupação de redigir as mesmas de forma clara e com uma linguagem adaptada às participantes, de modo a serem facilmente compreendidas. Para além deste cuidado, os guiões foram

construídos de modo a evitar as tradicionais abordagens estandardizadas de entrevistas de pergunta/resposta, permitindo incluir a análise de aspectos do discurso e do significado.

As questões de ambas as entrevistas foram desenvolvidas tendo também como base grelhas conceptuais da Psicologia da Gravidez. As entrevistas foram revistas em reuniões de discussão com o orientador da dissertação e colegas com experiência clínica relevante na área. Deste processo resultaram sucessivas versões provisórias das entrevistas cuja qualidade foi sendo analisada do ponto de vista teórico e empírico.

Ambos os guiões das entrevistas foram construídas por não se encontrar nas várias revisões bibliográficas um instrumento cabal, capaz de explorar de forma aprofundada as vivências e semânticas aplicadas a esta dupla transição desenvolvimental num período de grandes (re)organizações e (re) ajustamentos como é a adolescência. Ademais, na nossa opinião os estudos e os instrumentos encontrados não conseguiam captar os diversos significados e subjectividades desta tão íntima e complexa experiência de cariz emocional.

Neste sentido, as duas entrevistas pretendem servir de roteiro para manter a conversação em torno da vivência da gravidez adolescente, levantar diálogos sobre percursos, experiências, vivências, representações, expectativas e projectos futuros.

2.2.3. Entrevista Aberta dirigida aos pais dos bebés das jovens grávidas

Partindo do pressuposto que outras personagens preenchem um papel importante na vivência da experiência da gravidez e pelo conteúdo das entrevistas realizadas às jovens terem revelado que os companheiros desempenham um papel de revelo (com excepção de uma jovem, em que o pai do bebé não deseja assumir a paternidade), no decorrer da recolha de dados, aproveitou-se o facto dos namorados se mostrarem disponíveis para falarem abertamente sobre o modo como estavam a vivenciar/gerir também esta transição e apoiar a adaptação da adolescente. Foi então realizada uma entrevista aberta à volta deste tema. As questões foram surgindo no fluir da conversa, sendo que a entrevistadora orientou a participação dos entrevistados.

Pensamos que todas estas personagens são influentes no processo de adaptação à gravidez (cf. Anexo 8).

2.3. Procedimentos de recolha de dados

Procurámos que as condições de realização das entrevistas e a postura da entrevistadora fossem idênticas de modo a garantir uma boa qualidade na recolha de todas as histórias. Antes da realização de cada entrevista foi desenvolvido um contacto pessoal entre a investigadora e cada participante. Nesses contactos foi veiculada a seguinte informação: a natureza e objectivos da investigação; a técnica utilizada; a duração média da entrevista; a confidencialidade dos dados obtidos e a salvaguarda da identidade. Neste contacto inicial também se pretendia confirmar se os participantes compreenderam todos os aspectos envolvidos e agradecer a sua colaboração.

As entrevistas foram agendadas de acordo com as disponibilidades manifestadas. No caso das entrevistadas que estavam inseridas numa comunidade teve-se o cuidado de compatibilizar com os horários da instituição. Primeiro foram entrevistadas as adolescentes grávidas e depois as suas mães e por último os futuros pais dos bebés com excepção de um, como anteriormente descrito. No geral, as participantes não colocaram dúvidas nem questões de clarificação evidenciando ter compreendido todas as informações recebidas e as suas implicações. As entrevistas foram efectuadas em contexto conhecido/familiar para os participantes (nas associações e na comunidade de apoio a jovens grávidas onde uma adolescente estava inserida).

No procedimento de recolha de dados, desenvolveu-se um clima de confiança e segurança entre a entrevistadora e cada respondente, propício ao *self-disclosure*. Procedeu-se a uma breve explicação oral do estudo e do guião da entrevista, lendo-se as pequenas introduções aos núcleos temáticos da EVICS sendo que os seus títulos serviam apenas de orientação para a

entrevistadora. Cada participante foi entrevistado, tendo sido a sua entrevista gravada em formato áudio, após consentimento informado (cf. Anexo 9). Ao longo do processo das entrevistas foi mencionado que podiam usar o tempo que pretendessem para se recordar, bem como realizados incentivos mínimos, escuta atenta e pró-activa e manifestações de compreensão. Também se utilizou estratégias tais como devolução, síntese, reformulações, confrontação, entre outras. Pretendia-se encorajar a livre expressão de pensamentos e sentimentos, tentando incidir nos processos que medeiam os significados. As participantes foram também incentivadas a relatar acontecimentos concretos, de modo a ser analisada a consistência dos seus relatos. Cada entrevista demorou em média duas horas, enquanto as entrevistas às mães das grávidas adolescentes demoraram em média uma hora e as dos companheiros, trinta/quarenta minutos.

Os guiões das entrevistas (e.g., ordem das perguntas; elaboração de novas questões) foram ajustados às entrevistadas e às suas idiossincrasias, sendo alterados consoante a dinâmica estabelecida com a entrevistadora, acrescentadas ou retiradas perguntas, desde que se considerasse relevantes para as respostas às questões orientadoras da investigação.

A entrevista teve também um potencial de agente de intervenção, ao iniciar a estimulação de novas (re)construções e integrações para as suas vivências.

2.4. Procedimentos de análise dos dados

Os conteúdos das entrevistas produzidos, depois de gravados em formato áudio foram transcritos integralmente, ou seja, palavra a palavra, existindo a preocupação de se registar os comportamentos não verbais relevantes que foram colocados entre parêntesis para uma melhor identificação e diferenciação. De facto, a referência à paralinguagem como uma importante fonte de informação que se revela na interacção face a face entrevistadora/entrevistado e é expressa no tom de voz, intensidade, hesitações, silêncios, linguagens, movimentos e gestos foi um elemento muito presente ao longo das entrevistas.

As transcrições das entrevistas foram realizadas pela investigadora deste estudo. Na transcrição da entrevista optou-se por colocar a negrito as respostas e utilizar as siglas “Ent” um nome fictício da entrevistada (Maria, Ana, Mariana e Juliana) no sentido de diferenciar as comunicações de ambos e ajudar na leitura mais organizada da informação. Os nomes originais foram assim, substituídos por nomes fictícios, bem como qualquer nome referido ao longo das entrevistas. Outro procedimento consistiu em colocar os títulos/temas presentes no guião da entrevista na transcrição com vista a uma maior facilidade na procura da informação.

Realizamos três procedimentos de análise: análise de conteúdo, análise estrutural da narrativa e análise emocional. A opção pela conjugação de três tipos de análise teve como objectivo realizar uma análise completa e aprofundada às histórias contadas, aproveitando-se as suas mais-valias de cada método.

A análise de conteúdo tem a mais-valia de analisar as características do texto, o qual constitui a única fonte de dados. Porém, considera apenas a informação produzida e não os discursos linguísticos, não existindo um estudo detalhado das estruturas do texto e das suas funções interactivas e sociais. A análise da estrutura da narrativa permite compensar esta lacuna, explorar a competência narrativa e compreender a organização de significados pela estrutura narrativa. A exploração da forma como as participantes se exprimem emocionalmente, a referência e a frequência a emoções positivas ou negativas pode ser útil na compreensão do processo de adaptação a esta transição.

2.4.1. Análise de conteúdo

A informação recolhida foi primeiramente sujeita a procedimentos de análise de conteúdo, definida por Laurence Bardin (2008: p.42) como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” Para Bardin (2008) a análise de conteúdo constitui-se como uma “hermenêutica controlada”, uma “tarefa paciente de desocultação”, oscilando entre a objectividade e a subjectividade. A função da análise de conteúdo é dupla: a função heurística, que enriquece a tentativa exploratória e a função de confirmação ou infirmação de conjecturas.

Neste processo, aproveitou-se algumas sugestões de L'Écuyer (1990) e Bardin (2008) e a referir: leituras preliminares que se iniciam com a leitura por inteiro de todo o material disponível, fase a que Bardin (2008) se refere como “leitura flutuante”, na qual se apreende as características básicas do material a analisar, são identificadas ideias-chave das entrevistas, enumerando expressões e frases que ilustrem e clarifiquem o seu sentido signifiante. São ainda seleccionadas as “unidades de significação”, ou seja, partes em que o texto é separado com vista à descoberta da sua significação profunda por classificação e que, relativamente aos objectivos da análise, devem possuir em si mesmas um sentido completo. De acordo com L'Écuyer (1990), a “unidade de sentido” é mais adequada a uma análise qualitativa de conteúdos e a “unidade de numeração” mais adequada à comparação entre grupos.

Deste modo, para este estudo exploratório adoptou-se como unidade de significação a “unidade de sentido”, sendo o texto partido em partes que têm em si um sentido global unitário, sentido esse que pode ser esclarecido através de partes de texto distantes que fazem também parte dessa unidade de sentido. Outra sugestão diz respeito ao processo de categorização e classificação. Este processo tem como finalidade a definição e enunciação das categorias de análise das narrativas, procurando-se agrupar as unidades de significação por analogia de sentido. Desta forma, os enunciados cujo sentido se aproxima são agrupados em categorias, conjuntos ou temas, de forma a evidenciar-se a significação profunda dos discursos em estudo. Uma categoria é a representação de uma classe de significados que detém um sentido que é comum aos vários enunciados que lhe correspondem. À categoria é, geralmente, dado um título, que tem em conta esses aspectos em comum. O objectivo da categorização, de acordo com Bardin (2008) é o fornecimento de uma representação simplificada de dados brutos através da sua condensação. L'Écuyer (1990) refere que as categorias devem ser diferentes o suficiente para que evitem sobrepor-se e devem ser definidas de modo a não existirem dúvidas relativamente à pertença deste ou daquele enunciado. A descrição qualitativa, outro momento da análise de conteúdo consiste na descrição das particularidades específicas dos vários entrevistados reagrupados sob cada uma das categorias. Nela se evidenciam relações de significados no interior de uma categoria e entre categorias. A interpretação e discussão dos resultados de uma análise de conteúdo pode ser realizada de três formas diferentes: pode ser tirada directamente da análise qualitativa; pode ir para além dos dados, recorrendo-se, então, a uma interpretação simbólica; e/ou pode ser feita por referência a conceitos e modelos teóricos.

Tendo em conta as sugestões anteriores, procedeu-se a diversas (re)leituras preliminares/flutuantes das entrevistas, com o objectivo de familiarização com a produção narrativa, de forma a apreender os diversos sentidos, temas, relações e categorias neles presentes. Foram formadas categorias preliminares, às quais foi dado um título provisório, identificando-se os temas mais evidentes e separando-se o que era semelhante daquilo que era diferente. Em segundo lugar, foi revista a classificação prévia, analisando-se a pertença de cada enunciado, retomando-se a lista de enunciados não classificados e refinando-se as categorias através do questionamento da sua pertinência. Gerou-se subcategorias, tendo sido necessário redistribuir enunciados. Desta

forma, as categorias de análise foram identificadas e definidas, tendo sido constituídas grelhas de análise. Procurámos, então, extrair dos dados em forma bruta todos os segmentos pertinentes a um dado tema/categoria, os quais são extraídos do seu contexto “natural” a fim de serem transferidos para o contexto “conceptual” e atribuir-lhes um sentido dentro de um processo de modelização e de interpretação (Bardin, 2008). Deste modo, as categorias foram denominadas a partir da linguagem dos intervenientes. Por último, realizou-se a confrontação de todos os enunciados com a grelha de análise, retomando-se os questionamentos anteriores de forma a realizar-se uma classificação final.

O sistema categorial relativo às grávidas adolescentes é constituído por treze categorias. A primeira categoria: “Família de origem” - a que correspondem as subcategorias: “figuras do espaço familiar”, “caracterização sócio-demográfica” e “relações familiares”. A segunda categoria: “Percurso pessoal” é constituída pela subcategoria “dados sociodemográficos”. A terceira categoria: “História de namoro” engloba duas subcategorias: “tempo de namoro”, “caracterização sócio-demográfica do pai do bebé”. A quarta categoria: “Situação e percurso escolar e profissional” agrupa quatro subcategorias: “perspectivas e vivências escolares”; “percurso escolar”, “projectos vocacionais” e “trajecto profissional”. A quinta categoria: “Gravidez e Acompanhamento Médico e Psicológico” é constituída por três subcategorias: “tempo gestacional”; “percepção das transformações corporais”; “alterações físicas e emocionais”. A sexta categoria: “Projectos de vida futuros” é constituída por duas subcategorias: “construir uma família”; “projecto escolar e profissional”. A sétima categoria: “Tomada de conhecimento da gravidez” é constituída por quatro sub-categorias: “reações iniciais emocionais e cognitivas das grávidas face à gravidez”; “reações iniciais emocionais e cognitivas dos familiares face à gravidez”; “reações iniciais emocionais e cognitivas do pai da criança face à gravidez” e “fatalismo”. A oitava categoria: “Dificuldades, desafios e exigências acrescidas” é constituída por duas subcategorias: “mudanças” e “dificuldades”. A nona categoria: “Figuras significativas durante a gravidez” compreende “fontes de apoio” e “percepção da qualidade de apoio”. A décima categoria: “Expectativas em relação à criança e ao papel materno” é constituída por: “representações, sonhos e expectativas em relação à criança” e “representações relativas ao papel materno”. A décima primeira categoria: “Integração da gravidez no self” é composta pela subcategoria: “maturidade grávidica”. A décima segunda categoria: “Individualização” é formada pelas sub-categorias: “idiossincrasias” e “autonomia”. A décima terceira categoria: “Ruptura *versus* Continuidade com a tradição” é composta por: “discursos sociais sobre a gravidez e maternidade precoce”; “diferenças geracionais” e “papel do estado” (cf. Anexo 10).

O sistema categorial relativo às mães das jovens grávidas é constituído por seis categorias: “Percurso pessoal” que é composto por três sub-categorias: “figuras do espaço familiar”, “caracterização sócio-demográfica”; “relações familiares”; A segunda categoria: “Percurso escolar e profissional” é constituída por: “percurso escolar” e “trajecto profissional”. A terceira categoria: “Tomada de conhecimento da gravidez da filha” é composta por uma subcategoria: “reações iniciais emocionais e cognitivas face à gravidez da filha”. A quarta categoria: “Impacto da gravidez da filha” é constituída por duas sub-categorias: “mudanças” e “estranheza”. A quinta categoria: “Relações de apoio” é constituída por uma sub-categoria: “mãe cuidadora”. A sexta categoria: “Projectos futuros para a filha” é constituída por uma sub-categorias: “estudar e trabalhar” (cf. Anexo 10).

O sistema categorial referente aos pais do bebé é composto por quatro categorias: a primeira categoria: “Percurso pessoal” que é constituído por duas sub-categorias: “dados sócio-demográficos” e “contexto de familiar”. A segunda categoria: “Impacto da gravidez” é constituída por duas sub-categorias: “reações emocionais e cognitivas à tomada de conhecimento da gravidez” e “mudanças inerentes”. A terceira categoria: “Relações de apoio” é constituída por uma sub-categoria: “pai do bebé cuidador”. A quarta categoria: “Projectos futuros” é composta por duas sub-categorias: “cuidar do filho que vai nascer” e “arranjar trabalho e construir lar” (cf. Anexo 10).

Categorias	Sub-categorias
1. Família de origem	a) Figuras do espaço familiar e caracterização sócio-demográfica b) Relações familiares
2. Percorso pessoal	a) Dados socio-demográficos
3. História de namoro	a) Tempo de namoro b) Caracterização sócio-demográfica do pai do bebé
4. Situação e percurso escolar e profissional	a) Perspectivas e vivências escolares b) Percorso escolar c) Projectos vocacionais d) Trajecto profissional
5. Gravidez e acompanhamento médico e psicológico	a) Tempo gestacional b) Percepção das transformações corporais c) Alterações físicas e emocionais
6. Projectos de vida futuros	a) Construir uma família b) Projecto escolar e profissional
7. Tomada de conhecimento da gravidez	a) Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas face à gravidez b) Reacções iniciais emocionais e cognitivas dos familiares face à gravidez c) Reacções iniciais emocionais e cognitivas do pai da criança face à gravidez d) Fatalismo
8. Dificuldades, desafios e exigências acrescidas	a) Mudanças b) Dificuldades
9. Figuras significativas durante a gravidez	a) Fontes de apoio b) Percepção da qualidade do apoio
10. Expectativas em relação à criança e ao papel materno	a) Representações, sonhos e expectativas em relação à criança b) Representações relativas ao papel materno
11. Integração da gravidez no <i>self</i>	a) Maturidade grávida
12. Individualização	a) Idiosincrasias b) Autonomia
13. Ruptura vs. Continuidade com a tradição	a) Discursos sociais sobre a gravidez e maternidade precoce b) Diferenças geracionais c) Papel do estado

Categorias	Sub-categorias
1. Percurso pessoal	a) Figuras do espaço familiar e caracterização socio-demográfica b) Relações familiares
2. Percurso escolar e profissional	a) Percurso escolar b) Trajecto profissional
3. Tomada de conhecimento da gravidez da filha	a) Reacções iniciais emocionais e cognitivas face à gravidez da filha
4. Impacto da gravidez da filha	a) Mudanças b) Estranheza
5. Relações de apoio	a) Mãe cuidadora
6. Projectos futuros para a filha	a) Estudar e trabalhar

Quadro nº 5 – Sistema categorial relativo às mães das jovens grávidas

Categorias	Sub-categorias
1. Percurso pessoal	a) Dados socio-demográficos
2. Impacto da gravidez	a) Reacções emocionais e cognitivas à tomada de conhecimento da gravidez b) Mudanças inerentes
3. Relações de apoio	a) Pai do bebé cuidador
4. Projectos futuros	a) Cuidar do filho que vai nascer b) Arranjar trabalho e construir lar

Quadro nº 6 – Sistema categorial relativo aos pais do bebé

2.4.2. Análise estrutural da narrativa

Como precedentemente referido, complementámos a análise textual com o método de análise estrutural da narrativa (Barthes, 1976). As narrativas são as histórias que os seres humanos contam e que organizam o conhecimento que temos do mundo e do que acontece e a linguagem é uma forma de agir sobre o mundo e sobre os outros. A análise narrativa inicialmente explorada por linguistas, tem vindo a ser um método de investigação muito utilizado nas últimas duas décadas para estudar períodos específicos de transição/acontecimentos de vida (Farrel, Rosenberg & Rosenberg, 1993, *in* Lieblich Tuval-Marhiach & Zilber, 1998).

Na análise efectuada optou-se por usar como unidade narrativa mínima um conjunto de palavras cujo critério de unidade é a sua significação, substancialmente independente das unidades linguísticas, embora possa coincidir com as mesmas (Barthes, 1976).

Segundo Labov e Waletzky (1967) a estrutura narrativa é uma conceptualização que diz respeito à função referencial da narrativa e que sinaliza o que aconteceu. Os autores propuseram que, para além da informação referencial, as narrativas incluem informação avaliativa e indicações sobre o significado de um acontecimento. Labov (1972 *in* Riessman, 1993) sugere a classificação dos excertos narrativos segundo as seguintes categorias: “Orientação” [OR] (segmento que orienta o ouvinte em relação ao tempo, espaço, situação e personagens pertinentes para o desenvolvimento da acção); “Desenvolvimento da acção” [DA] (segmento sequencial relativo a uma sequência de acontecimentos); [RA] “Resolução da acção” (segmento final relativo a uma sequência de acontecimentos) “Avaliação de significado” [AS] (segmento que avalia o significado da acção). Pela constante revisão das narrativas e das categorias sugeridas por Labov (1972 *in* Riessman, 1993) foram realizadas reformulações no sentido de aperfeiçoar a cotação das narrativas, adaptando-a ao nosso estudo. Criamos então duas novas componentes da narrativa: “Relevância” [RE] (segmento que avalia a permanência e a profundidade da abordagem de um tema e “Ênfase” [EN] (segmento repetido ao longo do excerto narrativo).

Codificação	Dimensões	Descrição
1. [OR]	Orientação	Segmento discursivo que orienta o ouvinte em relação ao tempo, espaço, situação e personagens pertinentes para o desenvolvimento da acção
2. [DA]	Desenvolvimento da acção	Segmento discursivo sequencial relativo a uma sequência de acontecimentos
3. [RA]	Resolução da acção	Segmento discursivo final relativo a uma sequência de Acontecimentos
4. [AS]	Avaliação de Significado	Segmento discursivo que avalia o sentido da acção
5. [ENF]	Ênfase	Segmento discursivo repetido ao longo do excerto narrativo
6. [RE]	Relevância	Segmento que avalia a permanência e a profundidade da abordagem de um tema

Quadro 7: Codificação utilizada na análise estrutural das narrativas [adaptada de Labov, (1972, *in* Riessman, 1993)

2.4.3. *Análise da expressividade emocional*

Somos constituídos por emoções, experiências afectivas que estão intrincadas com a nossa história pessoal, com os significados que atribuímos às situações, às pessoas, aos lugares. As emoções constituem uma fonte privilegiada para o conhecimento dos indivíduos, são centrais no nosso desenvolvimento, exercendo uma grande influência na vivência e na comunicação de significados, sendo a melhor forma de mostrar os nossos estados interiores. Assumem-se como um constructo abrangente e complexo que tem vindo a ser alvo de maior atenção nos vários ramos das ciências sociais e humanas e que envolvem processos de origem biológica e de construção social.

Segundo Izard (1991) uma definição completa de emoção terá de ter em conta (i) a experiência ou a sensação consciente da emoção, (ii) o processo que ocorre a nível cerebral e do sistema nervoso central e (iii) a expressão observável dos padrões da

emoção. Assim, podemos considerar a emoção como um processo complexo cujas manifestações e traduções abrangem três níveis: neurofisiológico, comportamental e experiencial (Izard, 1991).

Apesar de muitas vezes aparecerem indistintamente como sinónimos na literatura, emoções, sentimentos e afectos não são designações equivalentes. De acordo com Nemiah, Freyberger e Sifneos (1976 *in* Strongman, 1998), o afecto constitui um termo mais global relativamente aos termos emoção e sentimento e inclui duas dimensões: uma biológica (emoção) e outra psicobiológica (sentimento). Assim, os sentimentos referem-se aos aspectos mais subjectivos/ experienciais dos afectos e as emoções, por sua vez, traduzem a sua componente somática. Por outras palavras, os sentimentos são emoções com acréscimo de imaginação, imagens e pensamentos que fazem parte dos processos psicológicos individuais. As emoções envolvem um conjunto de componentes, como a componente comportamental, cognitiva, avaliativa, fisiológica, expressiva e subjectiva estando todas relacionadas (Sifneos, 1995 *in* Strongman, 1998).

À luz da Neurobiologia actual, de acordo com Damásio (2010), as emoções são programas complexos, em grande medida automatizados, de acções modeladas pela evolução. As acções são completadas por um programa cognitivo que inclui certos conceitos e modos de cognição, mas o mundo das emoções é, sobretudo, um mundo de acções levadas a cabo no nosso corpo, desde as expressões faciais e posições do corpo até às mudanças nas vísceras e meio interno. Os sentimentos de emoção, por outro lado são percepções compostas daquilo que acontece no corpo e de um estado de recursos cognitivos alterados e evocação de certas ideias.

No presente estudo exploramos a expressividade emocional apenas das grávidas adolescentes, através do comportamento verbal mas tivemos em consideração a comunicação não-verbal (e.g., sorriso, choro, aumento do tom de voz, expressão facial mais aberta ou mais fechada).

O conteúdo emocional foi assinalado nas transcrições das narrativas das jovens às questões da entrevistadora e depois classificadas em seis categorias emocionais básicas: “Amor”, “Tristeza”, “Raiva”, “Medo”, “Alegria”, “Culpa-Vergonha”, na versão original (Korman, 1988). Pela sua pertinência, no decorrer das releituras das entrevistas acrescentamos duas categorias que se revelaram significativas no discurso das participantes – “Desilusão” e “Esperança”. Desta forma, utilizamos como indicadores expressões, palavras que revelassem conteúdo emocional. Por exemplo “amo-o muito” (AMOR); “vou ter uma menina.... espero que seja uma menina linda, de olhos grandes, sempre a sorrir... perfeita” (SORRISO; ALEGRIA) “Às vezes também fico assustada que algo corra mal” (MEDO); “Senti-me muito mal... com vergonha... todos olhavam para mim a última vez que lá fui” (VERGONHA-CULPA).

Saliente-se que esta análise é muito incipiente e imbuída de subjectividades. Trata-se de um primeiro ensaio de indagar e descodificar tonalidades emocionais e seus significados. Estas categorias caracterizam-se por:

Classificação	Descrição/Critérios
1. Amor	Conjunto de palavras emocionais que simbolizam um sentido de bem-estar do sujeito, que é personalizado e atribuído à presença ou existência do objecto amado. O sujeito sente-se excitado e enérgico e procura o contacto social, mas um contacto específico. A pessoa deseja ver e estar junto do objecto amado para comunicar os seus sentimentos. O amor consiste numa forma personalizada de alegria, tendendo os sujeitos a ver apenas o lado positivo das coisas e a sentirem-se invulneráveis, mas relatam sentimentos de confiança, e segurança quando estão na presença ou quando pensam sobre a pessoa amada, o que implica menor actividade do que na alegria (e.g., desejo, atracção, carinho, gratidão).
2. Raiva	Conjunto de palavras emocionais que significam que algo interfere negativamente com a execução dos planos ou dos objectivos do sujeito, ao reduzir o seu poder, ao violar as expectativas, frustrando ou interrompendo as suas actividades no sentido de determinados objectivos. A situação é ilegítima, portanto, contrária ao que devia ser e a pessoa sente-se mais forte e enérgica para rectificar a injustiça (e.g., farto, cólera, ciúme, desdém).
3. Tristeza	Conjunto de palavras emocionais em que, ao contrário do medo, a situação de ameaça já foi concretizada e a pessoa experimentou um resultado indesejável, como por exemplo a perda de uma relação ou a rejeição social. O sujeito fica desprotegido e impotente para mudar as circunstâncias desagradáveis, torna-se inactivo, letárgico e evita o contacto social. A tristeza conduz o indivíduo numa direcção negativa, levando-o a pensar exclusivamente nos aspectos desagradáveis dos acontecimentos (e.g., abatimento, derrota, mágoa).
4. Medo	Conjunto de palavras emocionais que correspondem a interpretações de acontecimentos, como potencialmente perigosos ou ameaçadores para o sujeito e que consistem numa antecipação de dano físico, perda, rejeição ou fracasso, e ainda factores situacionais, uma situação nova por exemplo, que tornam o sujeito vulnerável e desprotegido, embora vigilante e activo, mas sem capacidade para lidar eficazmente com a situação (e.g., sobressalto, aflição, pânico, alarme).
5. Alegria	Conjunto de palavras emocionais que significam que o sujeito obteve algo desejado ou desejável, correspondendo a um ganho ou ao sucesso no domínio da realização ou no domínio social. A pessoa procura o contacto dos outros e tende a comunicar e a partilhar os seus sentimentos positivos, o que a torna enérgica e activa, centrando-se numa apresentação positiva, no lado claro das coisas e sentindo-se invulnerável em face dos problemas (e.g., entusiasmo, boa-disposição, êxtase).
6. Culpa -Vergonha	Conjunto de palavras emocionais que revelam a vulnerabilidade e a responsabilização do indivíduo, devido à sua excessiva exposição ou à transgressão de normas sociais ou morais. A integração desta emoção deve-se à sua relevância clínica. (e.g., remorso, humilhação, embaraço, arrependimento).
7. Esperança	Conjunto de palavras emocionais que induz a esperar que algo se irá realizar ou suceder. Averill, Catline e Chan (1990 in Oliveira, 2004) sugerem que se trata de uma emoção governada por regras cognitivas. A emoção da esperança justifica-se quando os objectivos são importantes, sob o controlo dos sujeitos e socialmente aceitáveis
8. Desilusão	Conjunto de palavras emocionais que revelam desapontamento decorrente de uma experiência negativa, o que pressupõe engano sobre algo ou alguém.

Quadro 8: Codificação utilizada na análise da expressividade emocional das narrativas das jovens grávidas

CAPITULO VI: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Por questões de gestão das limitações do espaço desta dissertação, segue-se uma apresentação sumária descritiva e interpretativa, relatando investigações pertinentes que se relacionam com as perguntas orientadoras do nosso estudo. No sentido em que estudámos histórias de casos, faremos uma análise intra- individual e inter-individual.

A metodologia qualitativa orientada por uma perspectiva hermenêutica de conhecimento dos processos e subjectividades, reporta-nos às questões orientadoras as quais voltamos a enunciar:

1. Conhecer como as grávidas adolescentes, com as particularidades desenvolvimentais que as caracterizam, aceitam a gravidez e a integram no seu sentido de definição pessoal.

Maria: A aceitação da gravidez na Maria está associada a algum fatalismo e estranheza inicial pelo facto de ter sido um acontecimento totalmente abrupto e inesperado. A aceitação da sua gravidez foi um processo gradual que contemplou momentos de grande ambivalência e insegurança. No entanto, a Maria resignifica o seu discurso de aceitação do sucedido. O significado inicial de choque e drama é substituído pela positividade da gravidez e maternidade e dá indícios de integrar esta experiência que posteriormente dará origem a uma nova realidade, a maternidade. A este facto não é alheio o término próximo da gravidez: “Comecei logo a chorar, fui para casa e chorei todo o dia e chorava sempre.” “Apesar de adivinhar.... não queria ... não queria acreditar, parecia que o mundo ia acabar”. “Foi muito duro.” “Um choque” (...) “Fiquei muito assustada.” “Agora o que conta é estar grávida e ser uma futura mamã” (...) “Sou vista como uma mulher e uma futura mãe.”

Ana: Desde a descoberta da sua gravidez, a Ana demonstrou nas suas palavras aceitar este acontecimento de vida não normativo e o estar a integrar progressivamente na sua definição pessoal: “No início fiquei sem saber o que fazer... depois adaptei-me... a vida é assim” (...) “Como me vejo?” “Vou ser mãe e isso muda tudo!”

Mariana: O discurso da Mariana evidencia num primeiro momento uma atitude oscilante em relação ao facto de estar grávida povoada por incertezas, sentimentos de tristeza mas também pela centralidade da gravidez na sua vida: “Senti-me perdida, não sabia o que fazer.” (...) “Já não podia fazer nada.” “Foi uma bomba a cair em cima da minha cabeça.” “Não queria estar grávida.” “Sim já quero” (...) “Vejo-me como grávida e futura mãe... prontos, é isso.”

Juliana: A Juliana revela muitas dificuldades em aceitar a sua gravidez as quais associa, sobretudo a dificuldades económicas. O modo como se define enquanto pessoa passa pelo facto de estar grávida, já antecipando a transição para o papel materno: “É muito difícil para nós”. “Foi muito complicado”. “A minha vida já é tão difícil.” (...) “Eu ganho pouco e o meu namorado também ganha pouco no curso, as coisas são muito caras, vai ser pior quando ele nascer” (...) “Com muito custo. Já cometi muitos erros, mas agora tudo vai ser diferente com o meu filho”. “Vou ser mãe, vou viver para o meu filho e para o meu namorado” (...) “Vejo-me como uma mulher que vai ser mãe.”

De acordo com Colman e Colman (1994), uma das tarefas centrais da gravidez e maternidade consiste na capacidade para integrar o papel de grávida e, sobretudo, de mãe, seu significado e implicações no sentimento de identidade pessoal e reconhecê-lo como uma parte positiva de si própria. Apesar da identidade pessoal estar ainda em plena construção na adolescência, no geral, as participantes conseguem reconhecer as mudanças positivas e negativas da gravidez e aceitar as dificuldades, com algum optimismo

em relação ao futuro, o que pode estar relacionado com a circunstância das quatro protagonistas estarem perto do final de gestação. Além disso, o facto de estarem grávidas e serem futuras mães é evidenciado na descrição que fazem sobre elas mesmas.

2. Identificar as principais figuras de apoio e a qualidade percebida do suporte fornecido.

Maria: A Maria identifica como fonte de apoio apenas a sua mãe, evidenciando uma ligação muito forte entre elas, a qual se intensificou quando a mãe veio para o continente com o objectivo de ficar perto da filha. Mostra sentir-se muito apoiada pela mãe, principal figura prestadora de cuidados. O apoio prestado para além de emocional é também instrumental, moderando os efeitos do stress e aumentando a probabilidade de uma transição mais bem sucedida para a maternidade: “A minha mãe é o meu grande apoio”. “Se não fosse ela não sei como as coisas seriam.” “Só nos temos uma à outra.”

Ana: A Ana tem uma família apoiante e prestadora de cuidados, mostrando-se satisfeita com o apoio recebido que se estende para lá do núcleo familiar e abrange tias e pessoas mais próximas. O namorado da Ana é também percepcionado como uma figura apoiante: “Todos têm-me ajudado muito, no enxoval...no quatinho dele, na minha roupa...a minha tia tem-me dado muita roupinha para o bebé.” “O meu namorado dá-me muita atenção e carinho e paga-me sempre tudo.”

Mariana: A Mariana valoriza o apoio prestado pela mãe e pelo namorado e fala abertamente sobre as dificuldades sentidas e como as pessoas mais próximas têm-na ajudado a lidar com essas dificuldades: “Têm-me ajudado muito, dão-me força para continuar em frente... nas dificuldades (...) é muito complicado (...) têm-me ajudado muito nas coisas que tenho de comprar como na roupinha para o bebé, no berço.” “O meu namorado dá-me muita atenção e carinho”!! “A minha mãe tem-me ensinado muitas coisas.” “O meu namorado ajuda-me imenso.” “Sim, estou satisfeita.”

Juliana: A Juliana revela-se muito satisfeita com o apoio do namorado, elegendo-o como a principal e única figura de apoio: “Sim, ele dá-me muita atenção e é muito carinhoso comigo.” “Não me falta com nada. Amo-o.”

Nas falas das intervenientes o namorado e a mãe da adolescente ocupam um lugar privilegiado, funcionando como uma importante fonte de apoio e contribuindo de forma significativa para o seu ajustamento. À luz de várias investigações anteriormente nomeadas, o apoio dos elementos da rede social pode revestir-se de grande importância, tendo um efeito amortecedor do *stress* e promovendo a resiliência. É amplamente aceite que uma boa rede de suporte social constitui um factor protector importante contra a emergência de trajectórias de (des)ajustamento em grávidas e mães adolescentes (Soares, 2000; Jongenelen, 2004, Mendes, 2006). As participantes envolvidas conseguem dar indícios de capacidade de integração e de adaptação às exigências da gravidez encarando-a com esperança, como um processo que irá dar origem à maternidade. Esta observação vai de encontro às noções derivadas da psicopatologia do desenvolvimento (Soares, 2000) sobre a diversidade de trajectórias de um mesmo acontecimento.

3. Explorar a qualidade do ajustamento na gravidez adolescente através do conhecimento das principais mudanças/reorganizações na sua vida, como gerem as principais dificuldades sentidas e quais são os planos para o futuro.

Maria: As mudanças mais evidentes no discurso da Maria estão relacionadas com o facto de ter saído da ilha da Madeira para ir para uma comunidade de apoio a grávidas adolescentes na cidade do Porto, implicando a adaptação a todo um novo contexto, novas pessoas, um conjunto de regras, uma vida diferente, onde tudo é novo. A Maria foi gerindo as dificuldades de adaptação com a ajuda da sua mãe e das suas colegas. Os seus projectos futuros são sair da comunidade para ir viver com a mãe, ser uma boa mãe e ir trabalhar: “A minha vida mudou completamente”. “Está a ser tudo diferente”. “Agora quero que o meu bebé nasça perfeito e com boa saúde (...) quero sair daqui ter a minha casa, ir viver com a minha mãe.” (...) “Ir trabalhar.”

Ana: A Ana refere que foi uma grande mudança no seu quotidiano, que alterou todos os seus hábitos e rotinas, tendo de abdicar da sua vida livre de preocupações e assumir responsabilidades para as quais ela não estava preparada. A gravidez da Ana também precipitou a interrupção dos estudos. As dificuldades financeiras com a gravidez e com o bebé que vai nascer, antecipadas pela Ana, são vistas como uma dificuldade muito acrescida. O apoio dado pelas pessoas que lhe estão próximas tem funcionado como uma fonte de recurso face às dificuldades. Como projectos futuros, a Ana pretende viver em conjunto com o namorado e gostaria de ser esteticista: “Agora passo os dias em casa. A ver televisão. Só saio para ir ao médico e comprar coisas para o bebé e para a casa”. (...) “Separei-me das minhas amigas” (...) “Agora tenho de pensar no meu bebé. Ia estudar, mas agora não posso.” (...) “E dificuldades por causa de dinheiro, a vida está cara e um bebé fica mais caro.” “Assim que o bebé nascer, vou viver com o meu namorado”. “Ele anda a ver casas para nós.”

Mariana: As principais mudanças relacionam-se com o facto de estar mais tempo em casa devido à situação gravídica, ter de se adaptar a mudanças corporais e ter de assumir novas responsabilidades. As dificuldades como por exemplo, a adaptação a um novo esquema corporal, dificuldades financeiras são geridas com a mobilização de recursos pessoais e da rede de apoio social: “Agora fico em casa, sou eu que cuido da minha avó.” “Agora são novas responsabilidades.” “Mudei... agora tenho de saber comer, custou habituar-me (às *transformações corporais*), mas prontos.” “São muitas mudanças no meu corpo.” (...) Os seus projectos de futuro passam por casar com o seu namorado e realizar um curso na área da educação: “Com a ajuda da minha mãe e do meu namorado.” “Quero casar com o meu namorado e gostava de tirar um curso de educadora.”

Juliana: A ocorrência de uma gravidez não planeada nem desejada veio agravar a situação económica desfavorecida e adiar os seus projectos académicos. À pergunta sobre como está a lidar com as dificuldades nomeadas pela Juliana como as dificuldades económicas, a Juliana invoca a ajuda de Deus. Os seus projectos em termos futuros encontram-se relacionados com o desejo de criar o filho que vai nascer: “Um bebé que vai nascer muda tudo.” “A minha vida nunca foi pêra doce.” “Eu ganho pouco e o meu namorado também ganha pouco no curso, as coisas são muito caras.” “Com muito custo, Deus queira que a coisas melhorem, Deus há-de ajudar-me.” “Criar o meu filho e ser feliz.”

4. Conhecer quais são as representações, sonhos, expectativas das jovens grávidas em relação à criança que vai nascer e ao seu papel materno.

Maria: O discurso da Maria é pautado por muitas incertezas e inseguranças, antecipa a chegada do bebé com grande expectativa mas também com muito receio. Fala de sonhos, idealizações, fantasias relacionadas com o bebé: “Tenho muito medo do parto, que as coisas corram mal. Tenho muitos medos. Já sonhei que ele tinha morrido à nascença já me imaginei muitas vezes a passear com ele de carrinho”. “Às vezes ponho-me a imaginar como vai ser o meu bebé e começo a falar com ele.” (...) “Quero que o meu bebé tenha tudo o que eu nunca tive.”

Ana: Nas suas falas a Ana vislumbra-se como uma mãe atenta e presente. Já prepara a chegada do bebé que vai nascer, fantasiando a sua bebé nas suas características e temperamento: “Sim, Vou ter uma menina, vai-se chamar Mariana.” “Às vezes ponho-me a pensar nisso.” “Espero que seja uma menina linda, de olhos grandes, sempre a sorrir (...) um bocadinho traquina, não muito. Sonho que seja acima de tudo saudável.” “Acho que vou ser uma boa mãe, vou fazer tudo por isso (...) quero estar presente, dar-lhe uma boa educação.”

Mariana: São verbalizadas pela Mariana idealizações relacionadas com o bebé que vai nascer, antecipando com expectativa a chegada do bebé e o desempenho do papel maternal: “Já está quase tudo pronto.” “Espero que seja um menino lindo (...) que não dê trabalho.” (...) Espero ser uma boa mãe. Acho que vai ser bom. Deus queira que corra tudo bem. Quero o melhor para ele.”

Juliana: A Juliana vislumbra um cenário pintado de rosa em relação ao seu papel de mãe e às características do bebê. “O meu bebê vai ser um menino lindo, bem comportado e muito amigo dos pais.” “Vai ser fácil de acalmar e sempre a sorrir.” (...) “Acho que vou ser uma boa mãe, vou-lhe dar muito amor”. “Quero que ele seja muito feliz, que tenha o melhor do mundo.”

Pelas descrições apresentadas, as jovens envolvidas no estudo fantasiam sobre o seu bebê e sobre o papel de mãe com grande expectativa, onde são visíveis sonhos, ideais, idealizações relacionadas com o bebê. Apesar do cenário cor-de-rosa, começam a reconhecer as exigências do papel maternal. Denota-se também a vontade em investir futuramente no papel de mãe, dando indícios de se representarem a si próprias como futuras mães. Estudos nesta área referem que o fantasiar sobre o futuro durante o período da gravidez irá posteriormente dar lugar ao confronto com a realidade das exigências e responsabilidades que o papel materno acarreta (cf Jongenelen, 1998; 2004).

5. Compreender como as grávidas adolescentes do estudo lidam com as construções e representações sociais dominantes da gravidez adolescente e como percebem o papel do estado no apoio a esta população.

Maria: A Maria demonstra não se reconhecer nos discursos sociais que vêem a gravidez como uma experiência desviante, salientando que ser mãe faz parte do papel da mulher. Em relação ao papel do estado, a Maria fala do facto de existirem comunidades de apoio para grávidas mas, por outro lado, sentir que as grávidas adolescentes são escondidas: “Sim, somos olhadas como coitadinhas, com pena.” “Quando estava no Funchal as minhas vizinhas diziam à minha mãe que tinham pena de mim.” (...) “As pessoas vêem isso de forma má, mas não é assim.” “O estado tem casas de apoio (...) somos escondidas como fosse um crime.”

Ana: A Ana revela desvalorizar o que os outros dizem, mas salienta que no local onde vive, as vizinhas têm-na ajudado e perguntam se o bebê está bem. Em relação ao papel do estado a Ana refere este ser ausente: “Acho que as pessoas se deviam preocupar com a vida delas em vez de olhar para os outros.” (...) “Têm-me ajudado e perguntam sempre pelo bebê.” (...) “Acho que não apoia nada.”

Mariana: A adolescente expressa que a gravidez na sua idade é comentada em tom depreciativo, também não se revendo num discurso social estigmatizado sobre esta temática. Em relação ao papel do estado a Mariana também declara a sua ausência: “Sim, há muito disso, as pessoas falam muito: ah tão novinha e grávida. É assim!” “Eu não tenho apoio nenhum.”

Juliana: A Juliana verbaliza que a gravidez adolescente surge como uma experiência reprovada socialmente, apesar de não se encaixar neste discurso. Salienta o apoio da comunidade local, nomeadamente das vizinhas que fornecem apoio instrumental. Apesar de a sua mãe receber o rendimento social de inserção, a Juliana não é beneficiária de apoios sociais: “São mal vistas. Uma ou outra vizinha pergunta-me sempre como o bebê está e dá-me coisas para o bebê”. “Nós, pobres somos sempre os mais prejudicados em tudo, o estado podia ajudar mais.” “A minha mãe tem o rendimento mínimo, eu não tenho ajudas nenhuma.”

A experiência da gravidez adolescente surge como recriminada socialmente, como um fenómeno censurado, no entanto as jovens não se revêm nesse modelo. No que se refere ao lugar do estado como provedor de direitos e cuidados, as jovens não salientam apoios sociais. A este nível, são escassos os estudos que analisam a gravidez adolescente pela voz da sociedade e dos poderes políticos e sociais.

6. Explorar o impacto da gravidez precoce na família de origem pela voz da mãe da jovem que engravida e do namorado da jovem grávida.

Maria: A gravidez da Maria teve um forte impacto na dinâmica de uma família onde coexistiam problemas de violência doméstica e de alcoolismo. A gravidez inesperada da Maria e todas as circunstâncias envolvidas coincidiu com a saída da mãe para uma casa de apoio a vítimas de violência doméstica e depois com a vinda dela para o continente: “Parece que o céu nos caiu

em cima! Um terramoto que aconteceu no pior momento.” “Com a gravidez ainda ficamos mais unidas.” “Vim para cá porque já não aguentava mais e para estar perto da minha filha.” “Quero começar uma vida nova.”

Ana: A súbita gravidez da Ana foi bem acolhida pela família, nomeadamente pela mãe, a qual se mostrou imediatamente disponível para apoiá-la. Salienta ter ficado contente com a notícia que ia ser avó e expressado também que organizou a sua vida por forma ajudar mais a filha, acrescentando que a sua família sempre teve fortes valores morais e católicos: “O que eu podia fazer? Só podia apoiá-la. É a vida.” “Temos de aceitar o que Deus nos dá.” (...) “Vamos ser avós.”

O namorado da Ana aceitou com agrado a notícia da gravidez, tendo a sua rotina diária modificado, assim como os seus planos futuros: “Tenho trabalhado mais para ganhar mais dinheiro.” (...) “Ajudo-a em tudo o que posso. Já ando à procura de casa.” “Estou mortinho que o bebé nasça.”

Mariana: A gravidez accidental da Mariana foi bem recebida pela sua mãe, apesar de ter salientado mais perdas que ganhos: “Muitas mudanças... para já perdeu a juventude dela o que muda tudo. Um filho nesta idade muda a vida de qualquer rapariga”. (...) “Fiquei muito contente com a notícia”.

O namorado da Mariana reagiu com surpresa, mostrando-se contudo, agradado com a nova transição que se avizinha. É saliente nas suas verbalizações: “Não estamos preparados... é um susto.” (...) “Tenho estado com ela nas consultas, vi a ecografia!” “Acompanho-a em tudo.” “Ficamos mais unidos agora, agora é a sério.”

Juliana: A mãe da Juliana não concretizou o impacto da gravidez da filha em termos de mudanças, apenas referiu a existência delas. “Agora é tudo diferente, muitas mudanças”. O facto da mãe da Juliana ser lacunar pode estar relacionado com o estado depressivo em que se encontra.

O namorado da Juliana ressalta que foi apanhado desprevenido, demonstrando felicidade com a mudança para um novo estatuto e sendo uma figura prestadora de apoio e cuidado: “Vou ter com ela todos os dias, estamos juntos. Não estava a contar, estou feliz por saber que vou ser pai.” “Comecei a trabalhar mais.”

As mães das adolescentes e os namorados reconhecem que a primeira reacção foi de surpresa seguida por uma postura de aceitação e de apoio. A gravidez adolescente provocou também uma certa reflexão relativamente a valores e à união familiar. Todos os participantes ouvidos convivem de forma positiva com as circunstâncias e implicações da gravidez. A aceitação positiva pela família de origem e pelo namorado corrobora a conclusão encontrada na literatura de que uma boa aceitação da gravidez, por parte do namorado e das famílias de origem, é fundamental, sendo fontes de apoio essenciais (Soares, Marques, Martins, Figueiredo, Jongenelen & Matos, 2000; Figueiredo, Pacheco, Costa & Magarinho, 2006a). Pensamos assim, que dar voz a outros participantes envolvidos pode ajudar a compreender os desafios e significados da gravidez adolescente e a integração das mudanças. Contraria a ideia dos companheiros das jovens como ausentes e descomprometidos da gravidez.

A análise das comunicações expressas também possibilitou ir mais além das perguntas orientadoras. A partir da identificação de outros temas presentes na linguagem da Maria foi possível identificar o vínculo frágil com o contexto escolar: “Não dava para estudar, também não gostava de estudar.” (...) “Nunca gostei da escola.” A frustração inicial da notícia da gravidez por colidir com projectos das jovens deu lugar à aceitação conformada no caso da Mariana: “Sinto que estou a perder a minha juventude, mas a vida é mesmo assim.” “Temos de levar para a frente.” A educação sexual surge como uma temática importante no discurso da Mariana, sendo que salienta a necessidade de existirem nas escolas psicólogos e a efectivação da educação sexual: “Acho importante.” “Devia haver nas escolas psicólogas.” “Na escola ninguém nos fala sobre a sexualidade. Não se fala sobre métodos para evitar a gravidez.” “Devia haver educação sexual nas escolas.” A Juliana e a Mariana avaliam a situação da tomada de conhecimento da gravidez como não sendo controlável, com uma situação fatídica: “Foi muito azar, não queria acreditar que estava grávida.” “Já não podia fazer nada.” “Foi só uma vez.”

Análise estrutural da narrativa

Maria: Ao nível do parâmetro de orientação, a informação acerca das personagens, do contexto social e espaço-temporal é reduzida, sendo as circunstâncias gerais pouco pormenorizadas: “Na praia” (...) “Desde que vim para o continente nunca mais o vi” (...) “Quando estava no Funchal” (...) “Andava a sentir-me muito mal, desmaiei” (...) “Mas já estava com 4 meses. Levaram-me para o hospital.” “Só contei à minha mãe. Disse que eu não tinha juízo.” (...) “Estou a viver aqui.” No que respeita à categoria de acção, a Maria desenvolve pouco as acções: “Estou a viver aqui, somos 7 raparigas entre os 14 e 20 anos”. “Vimos de sítios diferentes”. “Gosto de estar com as outras raparigas” (...) “O meu coração começou logo a tremer. Comecei logo a chorar e fui logo para casa e fechei-me no quarto a chorar”. “Foi muito duro! Às vezes há problemas, mas prontos.” (...) “Está a ser tudo diferente, tantas mudanças.” Em termos de resolução da acção, este índice não se encontra presente, sobretudo pelo facto de se tratar de uma experiência que ainda está a decorrer. O grau de avaliação de significado pauta-se por ser muito frequente com intensa tonalidade emocional a qual percorre de forma saliente tanto a sua linguagem verbal como a não verbal. É perceptível o modo como a Maria exprime os seus receios, hesitações, angústias, inseguranças a respeito da sua experiência gravídica. Neste contexto, diríamos que há uma forte atribuição de sentido emocional, o que também é indicador do seu envolvimento na história que narra: “Fiquei triste, com medo. Passou-me tanta coisa pela cabeça”. “Não sabia o que ia acontecer”. (...) “Não tive sorte nenhuma, nunca a tive”. A ênfase, assim como o parâmetro relevância, é atribuído ao Tema: “Tomada de conhecimento da sua gravidez”, onde aparecem palavras repetidas, com algum aprofundamento emocional: “andava a sentir mal (...) o meu coração ficou logo a tremer... fiquei toda a tremer. Não me vinha o período há muito tempo. Lembro-me que comecei logo a chorar e fui para casa a chorar, fechei-me no quarto a chorar. Não queria acreditar, parecia que naquele instante o mundo ia acabar”. “Foi muito duro”. “Muda tudo, saber que vamos ter um bebé”.

Ana: No que respeita a cada um dos parâmetros, verifica-se que a narrativa de Ana é predicada por alguns marcadores de orientação, dando informação relativa às personagens, ao contexto social e espaço-temporal onde decorre a acção e que contextualizam e tornam compreensível a narrativa. Esses indicadores estão distribuídos através de vários pontos ao longo do discurso. Assim, os orientadores de espaço estão presentes em expressões como: “Estava com três meses e meio, estava no médico com a minha mãe” (...) “Vivo aqui no bairro do cerco” (...) “tenho 16 anos”. Relativamente aos segmentos de acção e o seu desenvolvimento em sequências de acontecimentos, a Ana fez o relato de alguns episódios, de forma ordenada e organizada numa sequência temporal e causal, permitindo apreender o que aconteceu, nomeadamente quando fala da descoberta da sua gravidez inesperada: “Estava com três meses e meio. Foi no médico. Andava muito adoentada, não andava a sentir-me bem e fui um dia ao médico com a minha mãe. Fiz análises e deu que estava grávida (...) com mais de 3 meses.” “Quase desmaiei, faltou-me o chão.” “Nunca esperava estar grávida, foi uma vez que aconteceu. Foi muito azar.” Quanto à resolução da acção, este índice, embora presente, é pouco desenvolvido e vem geralmente na sequência da finalização do relato de um conjunto de acontecimentos. Esta questão poderá relacionar-se com o facto da experiência da gravidez estar ainda a decorrer, como referimos. No que respeita à avaliação, a Ana efectua diversas avaliações ao longo da sua narrativa, reportando-se sobretudo a sentimentos e estados emocionais, como a alegria, a culpa, o medo, o amor. A ênfase está sobretudo presente no Tema: “Dificuldades, desafios e exigências acrescidas”: “Muito difícil, muito difícil, muda tudo.” A relevância é saliente no Tema: “Tomada de conhecimento da gravidez”, onde aborda o impacto inicial da sua gravidez: “Nunca esperava estar grávida, foi uma vez que aconteceu. Foi muito azar (...) A médica é que me acalmou. A minha mãe estava muito nervosa” (...) “Mas agora as coisas estão melhores, todos já se habituaram à ideia.”

Mariana: No que concerne ao critério referente à orientação, predominam indicadores temporais e espaciais que transmitem uma sensação de algum enquadramento em relação ao contexto social e pessoal onde decorre a acção, assim como ao espaço físico e à dimensão temporal: “Os meu pais separaram-se há 10 anos” (...) “tenho 16 anos” (...) “namoramos há 8 meses” (...) “trabalhei no pingo doce na charcutaria e também trabalhei numa loja chinesa” (...) “estou no 8º mês”. Os segmentos de acção são pouco desenvolvidos, marcando-se por poucas sequências e resoluções de acções, o que faz com que seja uma narrativa pouco rica nesse aspecto: “Tudo é diferente, fico em casa a tratar da casa e da minha avó e da minha irmã, só saio de casa para ir ao hospital ou fazer compras para o bebé.” No que respeita à avaliação, a Mariana efectua várias avaliações de significado, permitindo desta forma aceder ao significado emocional que a narrativa descrita tem na vida da narradora: “Fiquei muito assustada e triste, não sabia o que fazer” (...) já gosto muito dele”. A ênfase é colocada no Tema: “Dificuldades, desafios e exigências acrescidas”: “Senti-me muito mal, mesmo (...) uma gravidez assim muda tudo (...) tudo.” A Mariana não aborda nenhum tema com profundidade, daí que o parâmetro “relevância” não seja visível.

Juliana: Em relação ao grau de orientação, a Juliana vai dando, ao longo da sua narrativa, inúmeros indicadores temporais: “Estão separados há 8 anos” (...) “há dois anos que está preso.” “Vivem todos na Cova da Moura” (...) “Eu vivo aqui, em Reboleira, aqui na Amadora” (...) “Tenho ido às consultas com a Dra. no hospital Amadora-Sintra” entre outros. Estes elementos enquadram e orientam a narrativa. Na categoria de acção, a narrativa produzida pela Juliana é lacunar, desenvolvendo pouco, ainda que se compreenda a ordem lógica e sequência dos acontecimentos narrados, também muito, pela presença de uma boa orientação temporal. O discurso de Juliana é predicado por vários indicadores de avaliação de significado ao longo de toda a narrativa, sendo evidente tanto ao nível verbal como não verbal. O seu grau de comprometimento volitivo e avaliativo é visível através de expressões acerca de sentimentos, capazes de criar uma forte tonalidade afectiva: “Fiquei tão triste e cheia de culpa. Já não havia nada a fazer” (...) “Vou ser mãe, vou-lhe dar muito amor.” A ênfase é colocada no Tema: Dificuldades, desafios e exigências acrescidas: “Um bebé que vai nascer, muda tudo”. “A minha vida nunca nunca foi pèra doce, sempre consegui tudo sozinha, com muito trabalho.” A Juliana não desenvolveu o seu discurso com profundidade, nesse sentido o parâmetro relevância não é encontrado.

Os discursos das adolescentes são relativamente breves e centrados, pouco descritivos e factuais, mas muito ricos em significado, existindo um elevado envolvimento e atribuição de sentido emocional à narrativa. O parâmetro mais frequente é a “avaliação de significado”, parâmetro que apresenta um maior número de utilizações ao longo dos temas abordados. Os parâmetros de organização do discurso: “orientação”, “desenvolvimento da acção” e “resolução da acção” são pouco utilizados ao longo das narrativas. O parâmetro “ênfase” é também saliente pela repetição de algumas expressões e acontecimentos. No que toca ao parâmetro “relevância” as jovens entrevistadas não abordam temas com grande profundidade, com excepção do Tema 1 - “Tomada de conhecimento da gravidez” sendo aquele que apresenta maior número de segmentos, visto ter sido, de modo geral, o mais longo para todas as adolescentes. Nas quatro adolescentes e em ambos os momentos o parâmetro prevalecente é a “Avaliação do significado”, apresentando uma clara predominância no Tema 1 - “Tomada de conhecimento da gravidez”, também uma presença marcada no Temas 2 – “Dificuldades, desafios e exigências acrescidas” e alguma prevalência no Tema 4 – “Expectativas em relação à criança e ao papel materno”. Esta constatação vai de encontro ao facto do guião de entrevista apelar à construção de narrativas pessoais e à consequente atribuição de significado. Neste sentido, a natureza do discurso sai enriquecida, permitindo aceder às vivências subjectivas.

Caracterização da expressividade emocional

Maria: A Maria mostrou-se inicialmente retraída, com muito pouco contacto ocular, dificuldade inicial em falar e um discurso muito pausado. No entanto, ao longo da interacção com a entrevistadora foi-se revelando mais expressiva, em termos de

emoções e sentimentos. Demonstrou uma gama de emoções variadas e ambivalentes, onde a alegria e a tristeza estiveram simultaneamente presentes nos episódios relatados. Episódios de vida marcantes, como o facto de o pai ser alcoólico, terem ocorrido episódios de violência doméstica, o choque da descoberta de uma gravidez totalmente inesperada e abrupta intensificaram a expressividade emocional da Maria. A participante fez muitas referências a emoções de tristeza, revelando um grande sofrimento no seu tom de voz: “Custou muito no início, muita dor” (...) “só chorava, sentia uma grande tristeza, que parecia que não ia aguentar tanto sofrimento.” Mostra alegria quando fala da sua gravidez, do facto de se ter sentido emocionada na ecografia, chorando quando viu o coração do bebé e viu que ia ter um menino. “Chorei de alegria”... senti que vou ser mãe e isso muda tudo...” Associada a estas emoções estiveram modificações fisiológicas como relatadas pela Maria: “Senti o meu coração a tremer, sensação que ia desmaiar, senti-me branca de medo”. Assim, a descoberta da sua gravidez é caracterizada por uma sensação de pânico, medo da reacção das pessoas, muitas incertezas sobre o que fazer. A culpa e a vergonha também estão muito presentes no discurso da Maria, por sentir que cometeu um acto imoral: “Ele tem outra família... uma mulher e filhos...”, referindo várias vezes este facto num tom de voz baixo e envergonhado. A alegria está, igualmente presente quando fala sobre o seu futuro bebé, sonhos, expectativas, sobre o seu futuro papel de mãe: “Ponho-me a imaginar o meu bebé e começo a falar com ele... já sonhei muitas vezes com ele...” Mostra também desilusão quanto ao futuro mas, ao mesmo tempo, esperança: “O futuro é incerto... agora não sei. Quero que o bebé nasça perfeito e com boa saúde (...) quando o meu bebé nascer e quando ele já tiver uns meses quero ir trabalhar, há que ter esperança”. O amor exprime-se na relação que tem com a mãe: “O que me tem valido é a minha mãe. A minha mãe é o meu grande apoio.” “Se não fosse ela não sei como as coisas seriam (...) ajuda-me em tudo”. No final, quando a entrevista terminou e, portanto, já não estava a ser gravada disse que pensava que lhe ia custar muito falar sobre a sua gravidez, mas que lhe fez bem falar sobre o que sentia.

Ana: A Ana caracteriza-se por um discurso emocional onde prevalece a alegria, o entusiasmo quando fala do bebé que vai nascer e dos sonhos em relação a este: “Sim, vou ter uma menina, vai-se chamar mariana.” “Espero que seja uma menina linda, um bocadinho traquina (...) não chore muito durante a noite.” O amor surge na relação familiar e na relação que tem com o pai do bebé: “É boa” (...) “gosto muito de todos” (...) “Amo-o muito” (...) “Vão ser avós e nós vamos ser pais” (sorrindo). “São as pessoas mais importantes da minha vida” (...). “Estão todos contentes” (...) “Dão-me muita atenção”. É a participante que possui menos referências a palavras emocionais, mas por outro lado, possui mais referências positivas (e.g., alegria, amor). Tal como no caso das outras participantes prevalecem sentimentos de ambiguidade: “Espero que tudo corra bem (...) é tanta coisa a mudar, tenho medo que alguma coisa corra mal...” A culpa-vergonha surge quando narra a tomada de conhecimento da sua gravidez: “fiquei tão envergonhada depois.” (...) “Foi muito difícil no início.” Ninguém consegue imaginar como é! Tinha vergonha de sair à rua.” A desilusão surge pelo desencantamento de perder a sua juventude: “já não me posso divertir como dantes.” O Medo e as dúvidas emergem do futuro desconhecido, do parto: “são muitas dúvidas” e de não estar preparada para um acontecimento deste tamanho com a minha idade” como referiu.

Mariana: Ao longo da interacção, a Mariana revela alguma emotividade expressa nos sorrisos, na contenção para não chorar apesar dos seus olhos lacrimosos e no forte contacto ocular com a investigadora. Evidencia um discurso espontâneo, parecendo lidar bem com a complexidade emocional associada à gravidez precoce. Aceita com naturalidade e alguma esperança as mudanças associadas: “Agora são novas responsabilidades.” “Tenho de pensar que vou ter um bebé, no futuro dele.” No seu discurso, demonstra alegria e sorri quando fala do bebé: “Quando vou comprar coisas para o bebé sinto-me muito contente, sonho que tudo vai correr bem.” “Já está tudo pronto.” “Vou ter um menino que se vai chamar António.” “Vai ser um menino lindo, saudável, perfeito, de olhos claros, azuis, como os meus” e alguma tristeza e desilusão quando recorda a descoberta da gravidez e as dificuldades inerentes. Ao contar como soube da sua gravidez, os olhos começam a ficar lacrimosos, o tom de voz

muda, tornando-se mais intenso e nalguns momentos hesita antes de falar: “No início foi tudo dificuldades, foi uma bomba a cair em cima da minha cabeça...” (...) já não podia fazer nada quando soube (...) era tarde demais....” Expressa emoções associadas a algum receio com o momento do parto, de vergonha-culpa com o facto das outras pessoas tomarem conhecimento da sua gravidez: “Senti-me tão culpada (...) fiquei muito assustada e triste, não sabia o que fazer. senti-me perdida” (...) “Mesmo assim senti-me tão culpada (...) pedi que não contasse a ninguém mas contou logo ao meu padrasto.” (...) “Senti-me tão envergonhada.” Demonstra medo relativamente às reacções dos outros familiares e do seu namorado: “Tinha tanto medo da reacção do meu namorado (...) o meu coração estava a tremer e eu por todos os lados.” Fala de amor na relação que tem com o namorado e com a mãe, dúvidas, incertezas quanto ao seu futuro, tendo definido o seu percurso pessoal com o projecto de casamento: “Gosto muito dele” (...) “quero casar com o meu namorado e gostava de tirar um curso de educadora”. “Vejo como muito difícil, temos de escolher, não podemos ter tudo”.

Juliana: A Juliana evidencia no seu discurso alguma tristeza e algumas emoções associadas à raiva ao recordar-se de acontecimentos familiares complicados: “A vida sempre foi muito injusta para mim.” ao referir as dificuldades que sempre passou na sua infância e adolescência. O Amor é expresso na relação que tem com o pai do bebé: “Sim, ele dá-me muita atenção e é muito carinhoso comigo.” “Não falta com nada” (...) “Amo-o muito.” A relação familiar é pouco falada e parece ausente de emoções positivas: “Nunca fomos muito unidos.” “Não gosto de falar sobre isso” (*relativamente à relação com a família*). A Alegria prevalece quando fala sobre o bebé que vai nascer, sobre os preparativos e sobre o pai do bebé. Demonstra também amor pelo bebé que vai nascer: “Acho que vou ser uma boa mãe, vou-lhe dar muito amor.” Tristeza e culpa-vergonha quando relembra a descoberta da sua gravidez, relatando as suas reacções: “Fiquei tão triste e cheia de culpa por não ter tido cuidado.” “Já não dava para fazer nada, a gravidez estava muito avançada.” A vergonha e a culpa advêm de sentir que cometeu muitos erros: “Já cometi muitos erros” (...) “toda a gente dizia coisas atrás das minhas costas” (...). O medo surge na descoberta da sua gravidez: “Fiquei pálida, assustada e com muito medo. Foi muito azar!” Revela reacções de medo/ temor em relação às reacções do seu namorado que depois não foram concretizadas: “Contei ao meu namorado a chorar, ele reagiu muito bem, ficou contente com a notícia de ser pai. Estava cheia de medo de lhe falar, não sei como ele ia reagir.” Demonstra também emoções de medo em relação à possibilidade de ficar sem o filho, pois relata que os irmãos mais velhos foram retirados por ordem do Tribunal de Menores ao pai, que detinha a sua guarda. É visível alguma desilusão nas perdas com a sua gravidez: “Agora estou quase sempre em casa, não saio com ninguém (...) Estou a perder muita coisa.” (...) “Tive momentos muito difíceis na minha vida.” A Juliana revela esperança no futuro: “Com muito custo... mas Deus queira que as coisas melhorem” em simultâneo com muitas incertezas e dúvidas, fruto das duras condições financeiras que enfrenta como mencionado por ela.

O facto da gravidez ocorrer num período desenvolvimentalmente inapropriado projecta as adolescentes para um conjunto de experiências emocionais complexas, ambivalentes, onde a angústia, o medo e a alegria vão povoando os seus cenários de vida. Dentro de um olhar holístico, verifica-se uma rica expressividade emocional, uma ambivalência de sentimentos expressa em todas as participantes, assim como sentimentos de vulnerabilidade, de instabilidade emocional e um elevado grau de envolvimento emocional com a entrevistadora e com a história narrada.

Existem vários pontos em comum nas narrativas: em todas é perceptível a forte carga e complexidade emocional associada à gravidez precoce, mas também a capacidade de assumir dúvidas, responsabilidades, dificuldades, ganhos e perdas.

A Maria destacou-se pela sua contenção emocional inicial, mais quebras no discurso e hesitações e um certo bloqueio emocional presente no início, mudando radicalmente ao longo da entrevista. A Ana revela mais afectos positivos, dando mais mostras emocionais de aceitar a gravidez como um acontecimento que contribuiu para mudanças importantes na sua vida,

parecendo reconhecer perdas mas também ganhos. A Mariana demonstra alguma normalização e redundância das suas experiências neste momento. Em relação à Juliana revela um discurso carregado de maior afecto negativo.

De uma forma sumária, a Maria contabilizou 19 referências a palavras emocionais, a Ana 15, a Mariana 18 e a Juliana 16, perfazendo um total de 68 referências. A emoção mais frequente foi a “alegria”, seguida da “culpa-vergonha” e da “tristeza”. A menos referida foi a emoção “raiva”. A contagem da frequência de palavras emocionais por temas presentes no guião da entrevista encontra-se no anexo 11.

Emoções:	Tristeza	Raiva	Medo	Alegria	Culpa- Vergonha	Amor	Desilusão	Esperança	Total
Maria	5		2	4	4	1	1	2	19
Ana			2	6	4	3			15
Mariana	3		2	4	2	2	3	2	18
Juliana	2	1	1	5	2	3	1	1	16
Total	10	1	7	19	12	8	5	5	68

Quadro 9: Frequência de palavras emocionais por cada adolescente grávida

As protagonistas deste estudo parecem lidar de forma eficaz com a ambivalência emocional, abordando-a com alguma naturalidade, expressando as suas emoções na sua grande maioria intensas e mutuamente contraditórias. Parece então, existir uma aceitação das emoções experienciadas que terá a sua continuação e eventual integração no momento seguinte: a maternidade com toda a sua maravilhosa gama de experiências emocionais de grande potencial transformador!

Nestes estudos de caso, as emoções constituem um caminho privilegiado para um melhor e mais explícito conhecimento das intervenientes, num contexto narrativo catalisador de recordações e relatos de experiências passíveis de gerar emoções positivas mas também bastantes negativas. Além disso, a forma como as grávidas adolescentes se exprimem emocionalmente pode ajudar na compreensão de como se adaptam a esta transição apressada.

1. CONCLUSÕES E REFLEXÕES

Exploramos, analisamos e aprofundamos o material recolhido nas entrevistas através de uma análise do seu conteúdo, da sua estrutura narrativa e do seu teor expressamente emocional, com o objectivo de compreender as histórias que neste momento dominam a vida das nossas protagonistas.

Foi dado destaque às teorias ecológicas e desenvolvimentais, abordando-se a adolescência e gravidez enquanto desafios acrescidos quando sucedem ao mesmo tempo, a integração da gravidez na definição pessoal, variáveis intrapessoais e interpessoais que intervêm no ajustamento à gravidez na adolescência, temas que iniciaram os quatro capítulos desta dissertação de mestrado. Procuramos explorar e compreender como as grávidas adolescentes aceitam a gravidez e a integram no seu sentido de definição pessoal; quais as principais figuras de apoio e a qualidade percebida do suporte fornecido; como se adaptam às principais mudanças, como gerem as principais dificuldades e quais são os seus planos para o futuro; quais as representações em relação à criança que vai nascer e ao seu papel materno; como lidam com as representações sociais dominantes da gravidez adolescente; como percebem o papel do estado no apoio a esta população e como a mãe da adolescente e o futuro pai do bebé percebem o impacto da gravidez adolescente. Exploramos a estrutura das narrativas produzidas pelas jovens e a sua expressividade emocional.

Realizamos entrevistas com vários participantes: as quatro jovens grávidas a quem demos nomes fictícios: Maria, Ana, Mariana e Juliana, as suas mães e os pais dos futuros bebés, com excepção do pai do bebé da Maria como já referido anteriormente. A análise ao conteúdo de todos os participantes permitiu chegar a um conjunto de ideias conclusivas: as protagonistas revelam uma aceitação progressiva da situação gravídica, começando a preparar-se para a maternidade e a dar indícios da integração da gravidez na sua definição pessoal. Apesar da identidade pessoal estar no auge da sua construção na adolescência, no geral, as participantes conseguem reconhecer as mudanças positivas e negativas da gravidez e aceitar as dificuldades, com algum optimismo futuro. Demonstram estar a reagir de forma positiva e adaptativa às tarefas da gravidez, sendo que as principais mudanças relacionam-se com restrições da sua liberdade, maior permanência em casa e uma maior dependência em relação às figuras parentais. As dificuldades sentidas como por exemplo a falta de preparação, uma situação económica desfavorecida, adaptação a mudanças corporais, são geridas com a mobilização de recursos pessoais como por exemplo crenças positivas e com o apoio instrumental e emocional das principais figuras de suporte nomeadas, como a mãe da adolescente e o seu namorado. Os planos futuros passam pelo projecto cimeiro de ser mãe, no entanto parece existir a pretensão de conciliar a maternidade com o prosseguimento dos estudos. Apesar de autores como Vasco Prazeres (2002) entre outros, perspectivarem a gravidez na adolescência como um meio de aceder a um estatuto adulto, na ausência de outros projectos de vida acessíveis através da escola e do trabalho, as jovens escutadas não descaram a importância de continuar a investir na sua educação académica. A fonte principal do apoio emocional e instrumental é a mãe e o pai do bebé que irá nascer. A indicação de satisfação com os apoios, revela que os apoios são positivos e fonte fundamental na sua adaptação, como alguma literatura compreende (Oliveira, 1998; Soares & Jongenelen, 1998; Justo, 2000; Apfel & Seitz, 1997 *in* Figueiredo 2000; Canavarro & Pereira, 2001; Wahn, Nissen & Ahlberg, 2005; Figueiredo, Pacheco, Costa e Magarinho, 2006b; Mendes, 2006). As jovens entrevistadas idealizam e antecipam a chegada do bebé com grande expectativa mas também com muito receio, visualizando-se como futuras mães. Não se reconhecem nos discursos sociais que vêm a gravidez como uma experiência desviante, salientando que ser mãe faz parte do papel da mulher. No tocante ao impacto da gravidez, pela voz das mães das jovens e dos namorados das jovens, mostram que a surpresa inicial foi substituída pela aceitação e pelo apoio, tendo reorganizado as rotinas e projectos de futuro.

Parece que podemos concluir que as jovens deste estudo já estariam capazes de utilizar a gravidez para perceber e preparar-se para a maternidade, assumindo um novo equilíbrio na relação eu-mundo. Podemos afirmar que a vivência desta experiência, impregnada de significados parece poder contribuir para o desenvolvimento da adolescente mas também da sua família. Estas ideias conclusivas são convergentes com os estudos que apresentamos, indo então de encontro às perspectivas da investigação e modelos teóricos actuais.

Partindo do interesse pelo conhecimento da expressividade emocional e do pressuposto de que a forma como as grávidas adolescentes se exprimem emocionalmente pode ajudar na compreensão de como se adaptam a esta transição apressada, concluímos que nos discursos das jovens estão presentes emoções contraditórias e ambivalentes, mas que as adolescentes parecem lidar de forma eficaz com a ambivalência emocional, abordando-a com alguma naturalidade, expressando e aceitando as suas emoções de frustração, tristeza, indecisão, receio, medo, mas também de alegria, felicidade, amor e esperança. Assim, após um confronto com emoções ambivalentes que provocam mal-estar, as jovens tornam-se mais aptas para lidar de forma adaptativa com os desafios de ser em jovens e serem futuras mães.

As análises à estrutura narrativa permitiram conhecer que o Tema 1 – “Tomada de conhecimento da gravidez” é o mais longo e mais elaborado e enriquecido emocionalmente, seguindo-se o Tema 2 – “Dificuldades, desafios e exigências acrescidas” e o Tema 4 – “Expectativas em relação à criança e ao papel materno”. O parâmetro mais frequente é a “avaliação de significado”, parâmetro que apresenta um maior número de utilizações ao longo dos temas abordados.

A análise do material também possibilitou ir mais além das perguntas orientadoras. A partir da identificação de outros temas presentes nos discursos, foi possível identificar o vínculo frágil e irregular que a Maria manteve com o contexto escolar; a frustração inicial seguida do conformismo com a situação gravídica da Mariana; a necessidade de educação sexual nomeada também pela Mariana; a presença do fatalismo e do acaso encontrada no não controlo das sexualidades da Juliana e da Mariana.

Importa também referir as principais dificuldades e limitações deste trabalho para que sirvam de base reflexiva para o planeamento e realização de estudos posteriores neste domínio. A dificuldade de acesso à população foi uma das maiores dificuldades encontradas neste estudo, tendo sido realizados inúmeros contactos, como precedentemente referido. Uma outra limitação relaciona-se com a não possibilidade de ter sido ouvido o futuro pai do bebé da Maria, como já salientado e também os pais das jovens. No respeitante a limitações de índole metodológica, os guiões de entrevista não foram validados nas suas qualidades psicométricas. As perguntas contidas no tema “Integração da gravidez no *Self*” e “Individualização” deveriam ser revistas no sentido em que as jovens tiveram algumas dificuldades nas suas respostas. Podemos também questionar até que ponto o guião de entrevista utilizado para as grávidas adolescentes consegue avaliar a integração da gravidez na definição pessoal das jovens; a representação das jovens enquanto grávidas e como consegue apreender a construção social da gravidez adolescente do ponto de vista das protagonistas. Do mesmo modo podemos discutir como os guiões das entrevistas dirigidos às mães e namorados das jovens permitem conhecer o impacto da gravidez, mudanças e reorganizações nas suas vidas. O nosso estudo não clarificou as variáveis individuais e contextuais facilitadoras do processo de ajustamento das nossas jovens. Iniciamos um primeiro ensaio no âmbito da exploração da expressividade emocional e da avaliação estrutural das narrativas, a qual num próximo estudo deveria ser esquematizada de forma mais rigorosa.

Teremos de questionar como a técnica de recolha de dados, nomeadamente os guiões de entrevista da forma como estão estruturados são adequados para recolher informação que vá de encontro aos objectivos pensados. Assim, poderão ser utilizados outros instrumentos ou questionários.

Há que ter em consideração a possibilidade das narrativas expressas poderem ser contaminadas com a variável desejabilidade social e com a empatia criada entre a entrevistadora e o entrevistado. Além disso, a elaboração de uma narrativa é sempre a construção de vivências através de um exercício de retrospecção, não permitindo o acesso directo às mesmas. Há ainda que ter em atenção que a narrativa que o sujeito apresenta é, não só uma visão possível da sua história, mas a visão que o sujeito quer dar a quem investiga.

O nosso estudo e os resultados encontrados têm implicações na intervenção e na investigação com esta população. O estudo deste fenómeno poderá ter implicações práticas para a intervenção psicológica durante e após o processo gravídico no sentido de facilitar a resolução de tarefas desenvolvimentais da gravidez; dar resposta às necessidades físicas, psicológicas e sociais da adolescente e do seu bebé e promover processos e competências de desenvolvimento humano, capacitando-as para ganharem mestria e controlo sobre as suas vidas. Este estudo chama também a atenção para a necessidade de continuar a desmistificar visões clássicas de causa-efeito, hipersimplificadas do fenómeno da gravidez adolescente e de interpretações inadequadas dos resultados das investigações; contribuindo para a percepção do fenómeno da gravidez na adolescência como complexo, compreendido como um fenómeno onde interagem de forma dinâmica factores específicos de ordem individual, social, contextual que dificultam ou facilitam a adaptação das adolescentes que estudamos. Ressalta, neste sentido a complexidade inerente ao processo de desenvolvimento, o papel desempenhado pelos factores dos diversos níveis de ecologia e a importância da intervenção nesses diferentes níveis.

O nosso estudo pode fornecer pistas para o estudo das questões identitárias, da representação de si enquanto grávida, da integração de papéis na identidade da jovem grávida quando esta está no auge da sua construção; para a necessidade de reflectir e agir sobre os discursos sociais negativos que circundam a gravidez na adolescência como um fenómeno censurado e recriminado; para a importância da gestão de emoções em momentos de transição e mudanças. Reforça também a relevância do apoio e aceitação da família de origem, do pai do bebé na adaptação das adolescentes à gravidez; a importância de reflectir e intervir a nível sócio-político e educacional, nomeadamente a necessidade de criar e desenvolver apoios sociais e recursos comunitários para apoiarem esta população a lidarem, de forma adaptativa, com esta transição. Acrescentamos que a utilização de uma metodologia qualitativa que privilegiou processos de valorização do ponto de vista dos vários elementos entrevistados, bem como os significados atribuídos às suas vivências é também uma força deste trabalho.

Como sugestões para futuras oportunidades de investigação, temos a pretensão de que este estudo seja um ponto de partida e, portanto, desejamos continuar a acompanhar as jovens na maternidade e os seus bebés num estudo longitudinal, investigando e aprofundando a sua adaptação, a integração do papel materno na identidade, a dinâmica das relações familiares, escutando os pais das jovens, contrastando discursos entre diferentes pessoas envolvidas, avaliando a expressividade emocional, conhecendo como as emoções se relacionam com os padrões de adaptação à maternidade juvenil. Pretendemos estudar com mais profundidade as redes sociais, factores de risco, de protecção e o modo como actuam os canais de recursos e o apoio da comunidade. Como reflectimos precedentemente, seria pertinente avaliar o apoio social cruzando com outras variáveis como a idade, o nível sócio-económico, o nível de escolaridade, variáveis individuais, entre outros. Seria importante avaliar quais os recursos pessoais, as estratégias de *coping* para lidar com as exigências impostas da maternidade, analisar o possível impacto de variáveis macrosistémicas e situacionais e a construção social da maternidade adolescente pela voz dos poderes políticos, da comunidade e dos meios de comunicação social por exemplo. No que diz respeito à integração do papel materno no sentido da identidade, são muito pouco os estudos que avaliam como as adolescentes se constroem enquanto mães e como conciliam diferentes papéis.

Seria importante que, em investigações futuras, fossem integradas dimensões relativas à forma como o pai do bebê, os avós e os avôs maternos e paternos ou outros elementos significativos convivem com as circunstâncias da maternidade. Essas fontes poderão proporcionar informação passível de contribuir para o alcançar de compreensões renovadas sobre os desafios da integração e da aceitação do papel gravídico e materno na adolescência. Seria também pertinente, explorar e conhecer a relação com o pai do bebê, em termos de conjugalidade. Outra sugestão passaria por averiguar relações entre características dos contextos relacionais e sociodemográficos das adolescentes e padrões de adaptação à maternidade, explorando como a gravidez e maternidade na adolescência participa no ciclo de (re)produção das condições sociais e regulação social e cultural; analisar relações entre a integração do papel materno na definição pessoal e o apoio recebido; relações entre dimensões psicológicas como o auto-conceito, a auto-estima e a percepção da qualidade do apoio; por introduzir novos ângulos de abordagem, como por exemplo a construção das sexualidades (e o processo cultural e político que lhe subjaz), o papel de diferentes contextos de vida na educação para a sexualidade, diferenças geracionais e medidas políticas e sociais no fenómeno da gravidez adolescente.

A nível metodológico, sugere-se a articulação com a utilização de uma abordagem quantitativa, para uma análise integrada e, assim, mais rica; aumentar o número de participantes de modo a perspectivar diferentes discursos e introduzir elos de comparação, diferenciação e de relação; produzir uma grelha que capte o comportamento não verbal (e.g., expressões faciais, postura do corpo); constituir grupos de discussão focalizada de modo a captar não só os discursos e respectivos conteúdos, mas também as interações e dinâmicas e, assim, criar condições para aceder às formas como as adolescentes constroem as suas experiências e os seus conhecimentos sociais num processo contínuo de interacção; analisar as narrativas recolhidas à luz das restantes dimensões centrais da matriz narrativa, o processo e o conteúdo narrativo e realizar um acordo inter-juizes na avaliação dessas narrativas. Poderia ser interessante integrar futuramente outras questões no guião da entrevista dirigido às jovens mães, nomeadamente a percepção que a adolescente tem sobre a centralidade que o papel materno assume na sua identidade, tanto na forma como a pessoa se vê, como na forma como pensa que os outros a vêem e recolher elementos autobiográficos da sua história de vida. A abordagem qualitativa deveria continuar a existir, mas com o recurso ao *software NVIVO 8* de modo a ser possível estudar relações entre variáveis. Ficam estas portas abertas para investigações futuras.

Como balanço geral, registamos a *bold* que o estudo construído permitiu aprender e compreender como são localizadas as experiências e o vivido, ao privilegiar as linguagens das próprias pessoas entrevistadas. Desejamos ter oferecido um novo contributo para a compreensão desenvolvimental-ecológica, multideterminada e singular das quatro histórias de gravidez na adolescência: nas suas vivências; representações, adaptação, relações de apoio, definição pessoal e expressividade emocional.

Chegando ao fim desta viagem, conhecendo os resultados encontrados e as conclusões chegadas, as limitações, as implicações e sugestões para estudos futuros, pensamos que esta investigação poderá iluminar acerca do modo como as participantes criam os seus significados, aceder mais facilmente a processos psicológicos e contribuir quer para o desenvolvimento de formas de escutar melhor as suas histórias quer para promover a construção de novas significações para as suas narrativas.

Finalmente impõe-se uma última reflexão, apesar da capacidade de mudança não ser total, não é possível prognosticar o desenvolvimento individual, no sentido em que este não é independente de variáveis mais globais que introduzem variabilidade nas trajectórias individuais. Assim, reforça-se a premência de ultrapassar modelos lineares e simplistas, a legitimação da intervenção psicológica e a tónica é colocada na forma como os processos psicológicos se combinam com as variáveis contextuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alan Guttmacher Institute (2005). *Adolescents Today, Tomorrow's Parents: A Portrait of Americas*. New York: AGI.
- Alarcão, M.(2006). *(Des)Equilíbrios Familiares* (3ª edição). Coimbra: Quarteto.
- Alsaker, F., & Kruger, J. (2006). Self-concept, self-esteem and identity. In S. J. Jackson & L. Groossens (Eds.), *Handbook of adolescent development*. (pp. 90-110). New York: Psychology Press.
- Associação para o Planeamento da Família (2003). *Mamãs de palmo e meio: Gravidez e maternidade na adolescência*. Lisboa: APF.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo* (3ª Edição). (L. Reto, & A. Pinheiro, Trans.) Lisboa: Edições 70, Lda.
- Barrat, M. S., Roach, M. A., & Morgan, K. M. (1996). Adjustment to motherhood by single adolescents. *Family Relations: Journal of Applied and Child Studies*, 45 (2), 209-215.
- Barthes, R. (1976). *Análise Estrutural da Narrativa: pesquisas semiológicas* (4ª edição). Petrópolis: Vozes.
- Base de Dados sobre Portugal Contemporâneo (2009). *Nados-vivos de mães residentes em Portugal*. Retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.pordata.pt/azap_runtime/?n=4.
- Birkeland, R. W. (2002). *Adolescent motherhood: A study of depression, parenting stress, maternal role identity, and maternal self-efficacy*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Department of Psychology, College of Arts and Sciences, University of South Florida.
- Bizarro, L. (1999). *O bem-estar psicológico durante a adolescência*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Portugal.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. (M. J. Alvarez, S. B. Santos, & T. M. Baptista, Trans.) Porto: Porto Editora.
- Borkowski, J., Farris, J., Whitman, J., L., Weed, K. & Keogh, K. (2007). *Risk and Resilience. Adolescents mothers as their children grow up*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bosma, H. A., & Kunnen, E. S. (2001). Determinants and mechanisms in ego identity development: A review and synthesis. *Developmental Review*, 21, 39-66.
- Bottela, L. (2001). Diálogo, relações e mudança: uma aproximação discursiva à psicoterapia construtivista. In M. Gonçalves & O. Gonçalves (Eds.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança* (pp. 91-124). Coimbra: Quarteto.
- Bransky, N. (2004). Parenting dimensions of adolescent mothers of infants and toddlers: A comparative study. *Dissertation Abstracts International*, 65 (2-B), 2004, 1049.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Org.), *Handbook of Child Psychology* vol. 1, (pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (1979). The ecology of human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22 (6), 723-742.
- Brooks-Gunn, J., & Furstenberg, F. (1986). The children of adolescent mothers: Physical, academic, and psychological outcomes. *Developmental Review*, 6, 224-251.
- Campos, B. Coimbra, J. (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.

- Canavarro M. C. & Pereira, A. I. (2001). Gravidez e Maternidade na adolescência: perspectivas teóricas. In M. C. Canavarro (Ed.) *Psicologia da Gravidez e da Maternidade* (pp. 323 – 357) Coimbra: Quarteto.
- Canavarro, M. (2001). Gravidez e Maternidade - representações e tarefas de desenvolvimento. In M.C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da Gravidez e Maternidade* (pp. 17-50). Coimbra: Quarteto.
- Cervera, N. (1991). Unwed teenage pregnancy: Family relationships with the father of the baby. *Families in Society*, 72 (1), pp. 29-37.
- Cervera, N. (1994). Family change during the unwed teenage pregnancy. *Journal of Youth and Adolescence*, 23 (1), 119-140.
- Chase-Lansdale, P. L., & Brooks-Gunn, J. (1994). Correlates of adolescent pregnancy and parenthood. In C. B. Fisher & R. M. Lerner (Eds.), *Applied developmental psychology* (pp. 207-236). New York: McGraw-Hill.
- Coimbra, J. L. & Menezes, I. (no prelo). *Society of individuals or community strength: Community psychology at risk in at risk societies*. Acedido por intermédio dos autores.
- Colman, L. L., & Colman, A. D. (1994). *Gravidez: A experiência psicológica*. Lisboa: Edições Colibri.
- Contreras, J. M. (2004) Parenting behaviours among mainland Puerto Rican adolescent mothers: The role of grandmother and partner involvement. *Journal of Research on Adolescence*, 14 (3), 341-368.
- Costa, M. E. (1990). Desenvolvimento da identidade. In B. P. Campos (Ed.), *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens* (Vol. 2, pp. 251-284). Lisboa: Universidade Aberta.
- Cutrona, C. E., Hessling, R. M., Bacon, P. L., & Russel, D. W. (1998). Predictors and correlates of continuing involvement with the baby's father among adolescent mothers. *Journal of Family Psychology*, 12 (3), 369-387.
- Damásio, A. (2010) O Livro da consciência. A construção do cérebro consciente. (Luís Oliveira Santos, Trad.) Maia: Temas e Debate. Circulo de Leitores.
- Delgado, M. (2007). *Mães Cedo de Mais? Sentidos, estranhezas, sexualidades e educação*. Dissertação de mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto. Portugal.
- East, P. L., & Felice, M. E. (1996). *Adolescent pregnancy and parenting: Findings from a racially diverse sample*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Elkind, D. (1982). Egocentrism in Adolescence. In J. K. Gardner (Ed.), *Readings in developmental Psychology* (2nd.Ed.) (383-390). Boston: Little, Brown and Company.
- Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Erikson, E. (1980). *Identity and the life cycle*. New York: Norton.
- Figueiredo, B. (2001b). Perturbações psicopatológicas do puerpério. In M. C. Canavarro (Ed.) *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. (pp. 161-188). Coimbra: Quarteto.
- Figueiredo, B. (2000). Maternidade na Adolescência: Consequências e trajetórias desenvolvimentais. *Análise Psicológica*, 4 (18), 485-498.
- Figueiredo, B. (2001a). Maternidade na Adolescência: Do risco à prevenção. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 3 (2), 221-238.
- Figueiredo, B., Pacheco, A. & Magarinho, R. (2005). Grávidas Adolescentes e Grávidas Adultas: Diferentes Circunstâncias de Risco?, *Acta Med Port*, 18, 97-105.

- Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R. & Magarinho, R. (2006a). Gravidez na adolescência: das circunstâncias de risco às circunstâncias que favorecem a adaptação à gravidez. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 6 (1), 97-125.
- Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R. & Magarinho, R. (2006b). Qualidade das relações significativas da mulher na gravidez. *Psicologia: teoria, investigação e prática*, 1, 3-25.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia: O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Furstenberg, F. F., Brooks-Gunn, J., & Morgan, S. P. (1987). *Adolescent mothers in later life*. New York: Cambridge University Press.
- Furstenburg, F. F., Brooks-Gunn, J., & Chase-Lansdale, P. L. (1989). Teenaged pregnancy and childbearing. *American Psychologist*, 44, 313-320.
- Garcia, L. (2010). Jornal Sol: Quando um filho é um projecto de vida. Documento acedido a 28 de Agosto de 2010.
- Gee, C. B., & Rhodes, J. E. (2003). Adolescent mothers' relationship with their children biological fathers: Social support, social strain, and relationship continuity. *Journal of Family Psychology*, 17 (3), 370-383.
- Gil, A.C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: Psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press.
- Gomez, D. A. (2003). *The relationship between perceived satisfaction of social supports, locus of control, and beliefs in the efficacy of help seeking behaviours: Implications in the mobilization of social supports among adolescent mothers*. Documento retirado a um 1 de Fevereiro de 2010 de: <http://digitalcommons.pace.edu/dissertations/AAI3100071>.
- Gonçalves, O. F. (2000). *Viver narrativamente: A psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto.
- Hotz, V. J., McElroy, S. W., & Sanders, S. G. (1997). The impact of teenage childbearing on mothers and the consequences of those impacts on government. In R. A. Maynard (Ed.), *Kids having kids: Economic costs and social consequences of teenage pregnancy* (pp. 55-94). Washington D. C.: The Urban Institute Press.
- Instituto Nacional de Estatística (2006). Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=809872&PUBLICACOESmodo=2.
- Instituto Nacional de Estatística (2007). Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=809872&PUBLICACOESmodo=2.
- Instituto Nacional de Estatística (2008). Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=809872&PUBLICACOESmodo=2.
- Instituto Nacional de Estatística (2009). Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=809872&PUBLICACOESmodo=2.
- Izard, C. E. (1991) *The Psychology of Emotions*. New York: Plenum Press
- Jongenelen, I. & Soares, I. (1999). Abordagem desenvolvimental da gravidez na adolescência. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1, 63-87.

- Jongenelen, I. (1998). *Gravidez na adolescência: Uniformidade e diversidade no desenvolvimento*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Portugal.
- Jongenelen, I. (2004). *Vinculação em mães adolescentes e seus bebês: Da matriz contextual à matriz relacional*. Dissertação de Doutorado não publicada. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Portugal.
- Josselson, R. (1996). *Revising herself: The story of women's Identity from College to Midlife*. New York: Oxford University Press.
- Justo, J. (2000). Gravidez adolescente, maternidade adolescente e bebês adolescentes: Causas, consequências, intervenção preventiva e não só, *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2 (2), 97-147.
- Kalil, A. & Spindel, L. (2003). *Multiple roles of teenage mothers during the transition to adulthood*. University of Chicago.
- Korman L. M. (1988). *Emotion Episodes*. North York, Ontario: York University.
- L'Écuyer, R. (1990). *Métodologie de l'analyse developpmentale de contenu: méthode GPS et concept de soi*. Quebec: Presses de 1, Universtié du Quebec.
- Labov, W., & Waletzky, J. (1967). Narrative analysis: Oral versions of personal experience. In J. Helm (Ed.), *Essays in the verbal and visual arts* (pp. 12-44). Seattle: American Ethnological Society.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (1991). *Metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas.
- Letourneau, N., Stewart, M., & Barnfather, A. (2004). Adolescent mothers: Support needs, resources, and support education intervention. *Journal of Adolescent Health*, 35 (3), 509-525.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C.A. & Lopes, R. C (2008). Maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, 25 (2), 251-263.
- Lieblich, A., Tuval-Mashiach, R. & Zilber, T. (1998) *Narrative Research: Reading, Analysis and Interpretation*. London: Sage Publications.
- Lounds, J., Borkowski, J., Whitman, T., Maxwell, S., & Weed, K. (2005). Adolescent parenting and attachment during infancy and early childhood. *Parenting*, 5 (1), 91-118
- Luster, T., & Haddow, J. (2005). Adolescent mothers and their children: An ecological perspective. In T. Luster & L. Onkagaki (Eds.), *Parenting: An ecological perspective* (2ª ed), *Monographs on parenting* (pp. 73-101). New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates Publishers.
- MacLeod, C. (2001). Teenage motherhood and the regulation of mothering in the scientific literature: The south African example. *Feminism & Psychology*, 11 (4), 493-510.
- Martins & Szymanski (2004). *A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em Estudos com Famílias*. Documento retirado em 6 de Janeiro de 2010 de <http://www.revispsi.uerj.br/v4n1/artigos/Artigo%205.pdf>.
- Martins, G. A., & Theóphilo, C. R. (2007). *Metodologia da Investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Editora Atlas.
- McAdams, D. (2001). The Psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5 (2), 100-122.
- McDermott, E. & Graham, H. (2005). Resilient young mothering: Social inequalities, late modernity and the “problem” of “teenage” motherhood. *Journal of Youth Studies*, 8 (1), 59-79.
- Mendes, I. M. (2007). *Ajustamento materno e paterno: experiências vivenciadas pelos pais no pós-parto*. Tese de Doutorado em Ciências de Enfermagem não publicada. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. Universidade do Porto. Portugal.
- Mendes, T. P. (2006) *Mães Adolescentes: Adaptação à Maternidade, Identidade e Vinculação*. Dissertação de Mestrado não publicada. Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Portugal.

- Merrick, E. N. (1995). Adolescent childbearing as a career "choice": Perspective from an ecological context. *Journal of Counselling and Development*, 73, 288-295.
- Ministério da Saúde. (2003). *Plano Nacional de Saúde 2004-2010*, Vol I. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Musick, J. S. (1993). *Young, poor and pregnant: The Psychology of teenage motherhood*. Yale: Yale University.
- Nurius, P., Casey, E., Lindhorst, T., & Macy, R. (2006). Identity health, stress, and support: profiles of transition to motherhood among high risk adolescent girls. In C. Dunkel & J. Kerpelman (Eds.), *Possible selves: Theory, research and applications* (pp. 97-121). Nova Science Publishers.
- Oliveira, B. (2004). *Psicologia Positiva*. Porto: Edições Asa.
- Oliveira, M.(1998). *Gravidez na adolescência: Dimensões do problema*. Cad. CEDES, 19 (45), 48-70.
- Osofsky, J. D., & Thompson, M. D. (2000). Adaptive and Maladaptive Parenting: Perspectives on risk and protective factors. In *Handbook of Early Childhood Intervention* (2ª ed.). Shonkoff, J. P. & Meisels, S. J. (Eds.), Cambridge: Cambridge University Press.
- Osofsky, J., Hann, D., & Peebles, C. (1993). Adolescent parenthood: Risks and opportunities for mothers and infants. In C. Zeanah (Ed.), *Handbook of infant mental health* (pp. 106-119). New York: The Guilford Press.
- Osofsky, J., Osofsky, H., & Diamond, M. (1988). The transition to parenthood: Special tasks and risk factors for adolescent parents. In G. M. Goldberg (Ed.), *The transition to parenthood: Current Theory and research* (pp. 209-232). Cambridge: Cambridge University Press.
- Oxford, M., Gilchrist, L., Gillmore, M., & Lohr, M. (2006). Predicting variation in the life course of adolescent mothers as they enter adulthood. *Journal of Adolescent Health*, 39 (1), 20-26.
- Oxford, M., Gilchrist, L., Lohr, M., Gillmore, M., Morrison, D., & Spieker, S. (2005). Life course heterogeneity in the transition from adolescence to adulthood among adolescent mothers. *Journal of Research on Adolescence*, 15 (4), 479-504.
- Oz, S., Tari, A. & Fine, M. (1992). A comparison of the psychological profiles of teenage mothers and their non-mother peers: I. Ego development. *Adolescence*, 27 (105), 193-202.
- Pacheco, A. (2005). *Maternidade: Vinculação e relações significativas*. Tese de Doutoramento não publicada. Instituto de Psicologia da Universidade do Minho. Portugal.
- Pacheco, A., Costa, R. & Figueiredo, B. (2003). Estilo de vinculação, qualidade da relação com figuras significativas e da aliança terapêutica e sintomatologia psicopatológica: Estudo exploratório com mães adolescentes. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 3 (1), 135-159.
- Pais, M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates - Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Âmbar.
- Pordata (2009). Taxas de fecundidade em Portugal. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.pordata.pt/azap_runtime/?n=4
- Prazeres, V. (2002). *Adolescentes, pais e tudo mais*. Lisboa: Texto Editora.
- Prettyman, S. (2005). "We ain't no dogs": Teenage mothers (re)define themselves. In N. Adams & P. Bettis (Eds.), *Geographies of girlhood identities in-between* (pp. 155-173). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Raeff, C. (1994). Viewing adolescent mothers in their own terms: Linking self conceptualization and adolescent motherhood. *Developmental Review*, 14, 215-244.
- Raeff, C. (1996). A cultural analysis of maternal self-conceptions. *Journal of Applied and Developmental Psychology*, 17, 271-306.
- Reading, R. (2003). Teen-aged mothers in contemporary Britain. *Child: Care, health and development*, 29 (4), 315-316.

- Rellinger, E. (2001). Theoretical perspectives on adolescent parenting. In T. L. Whitman, J. G Borkowski, D. A. Keogh & K. Weed (Eds.), *Interwoven lives: Adolescent mothers and their children* (pp. 23-44). New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates, Publishers.
- Relvas, A. P., & Lourenço, M. C. (2001). Uma abordagem familiar da gravidez e da maternidade: Perspectiva sistémica. In M. C. Canavarro, (Coord.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp. 105-160). Coimbra: Quarteto.
- Riessman, C. (1993). *Narrative Analysis*. London: Sage Publications.
- Riley, S. (2005). Understanding the developmental pathways of “successful” teenage mothers. *Dissertation Abstracts International*, 66 (3-B), 2005, 1760.
- Sadler, L. S., & Clemmens, D. A. (2004). Ambivalent grandmothers raising teen daughters and their babies. *Journal of Family Nursing*, 10 (2), 221-231.
- Sanders, S. (2002). Social support and parental cognitions in adolescent mothers. *Dissertation Abstracts International*, 62 (9-A), 2972.
- Santos, S. V. (2003). *Stress e bem-estar na família. Manuscritos não publicados do Mestrado em Psicologia*, Área de stress e bem-estar. Departamento de Psicologia: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Sgarbossa, D., & Ford, G. (2004). Mothers` friendship quality, parental support, quality of life, and family health work in families led by adolescent mothers with preschool children. *Journal of Family Nursing*, 10 (2), 232-261.
- Smetana, J., Campione-Barr, N. & Metzger, A. (2006). Adolescent-development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology* 57, 225-84.
- SmithBattle, L. & Leonard, V. (1998). Adolescent mothers four years later: Narratives of the self and visions of the future. *Advanced Nursing Science*, 20 (3), 36-49.
- Soares, I. & Jongenelen, I. (1998) Maternidade Na Adolescência: Contributos Para Uma Abordagem desenvolvimental. *Análise Psicológica*, 3 (XVI). 373-384.
- Soares, I. (2000). Introdução à Psicopatologia do Desenvolvimento: questões teóricas e de investigação. In Soares, I. (Ed.) *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (in) Adaptativas ao Longo da Vida* (pp 13-42.). Coimbra: Quarteto.
- Soares, I., Marques, M., Martins, C., Figueiredo, B., Jongenelen, I. & Matos, R. (2001). Gravidez e Maternidade na Adolescência: Um estudo longitudinal In *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. M. Canavarro (Ed.) (pp.359- 407) Coimbra: Quarteto.
- Sprinthal, N. & Collins, W. (2003) *Psicologia do adolescente uma abordagem desenvolvimentalista* (3ª ed.) (C. M. C. Vieira, Trad.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sroufe, A. (1997) *Emotional Development*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence* (5th ed.). New York: McGraw-Hill.
- Strongman, K. T. A. (1998). *Psicologia da Emoção*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Turner, K. (2004). Young women’s views on teenage motherhood: A possible explanation for the relation between socio-economic background and teenage pregnancy outcomes. *Journal of Youth Studies*, 7 (2), 221-238.
- Vaz-Serra, A. (1999). *O stress na vida de todos os dias*. Coimbra: Edição do autor.

- Wahn, E., Nissen, E. & Ahlberg, B. (2005). Becoming and being a teenage mother: How teenage girls in South Western Sweden view their situation. *Health Care Women International*, 26 (7), 591-603.
- Whitman, T. L., Borkowski, J. G., Keogh, D. A. & Weed, K. (2001). *Interwoven lives: Adolescent mothers and their children*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Yin, R. (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2nd) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

ANEXOS

**ANEXO 1: ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DE NADOS VIVOS PELA IDADE DA
MÃE E LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA**

Quadro extraído em 22 de Agosto de 2010 (12:38:22)
http://www.ine.pt

Idade da mãe	Sexo	Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação; Anual (1)											
		Período de referência dos dados											
		2005											
		Local de residência da mãe											
		Total				Portugal				Estrangeiro			
		T				PT				YY			
		Filiação											
		Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada
N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º		
Total	HM	109457	75790	33664	3	109399	75763	33633	3	58	27	31	0
	H	56643	39218	17424	1	56612	39203	17408	1	31	15	16	0
	M	52814	36572	16240	2	52787	36560	16225	2	27	12	15	0
10 - 14 anos	HM	72	0	72	0	72	0	72	0	0	0	0	0
	H	43	0	43	0	43	0	43	0	0	0	0	0
	M	29	0	29	0	29	0	29	0	0	0	0	0
15 - 19 anos	HM	5447	1150	4297	0	5443	1150	4293	0	4	0	4	0
	H	2822	600	2222	0	2820	600	2220	0	2	0	2	0
	M	2625	550	2075	0	2623	550	2073	0	2	0	2	0
20 - 24 anos	HM	16774	8541	8233	0	16760	8537	8223	0	14	4	10	0
	H	8656	4441	4215	0	8649	4439	4210	0	7	2	5	0
	M	8118	4100	4018	0	8111	4098	4013	0	7	2	5	0
25 - 29 anos	HM	34128	25174	8954	0	34119	25170	8949	0	9	4	5	0
	H	17841	13130	4711	0	17838	13129	4709	0	3	1	2	0
	M	16287	12044	4243	0	16281	12041	4240	0	6	3	3	0
30 - 34 anos	HM	35162	27819	7343	0	35144	27808	7336	0	18	11	7	0
	H	18089	14333	3756	0	18078	14327	3751	0	11	6	5	0
	M	17073	13486	3587	0	17066	13481	3585	0	7	5	2	0
35 - 39 anos	HM	14755	11067	3688	0	14745	11062	3683	0	10	5	5	0
	H	7603	5681	1922	0	7597	5677	1920	0	6	4	2	0
	M	7152	5386	1766	0	7148	5385	1763	0	4	1	3	0
40 - 44 anos	HM	2950	1931	1019	0	2947	1928	1019	0	3	3	0	0
	H	1496	976	520	0	1494	974	520	0	2	2	0	0
	M	1454	955	499	0	1453	954	499	0	1	1	0	0
45 - 49 anos	HM	158	102	56	0	158	102	56	0	0	0	0	0
	H	88	54	34	0	88	54	34	0	0	0	0	0
	M	70	48	22	0	70	48	22	0	0	0	0	0
50 e mais anos	HM	8	6	2	0	8	6	2	0	0	0	0	0
	H	4	3	1	0	4	3	1	0	0	0	0	0
	M	4	3	1	0	4	3	1	0	0	0	0	0
Idade ignorada	HM	3	0	0	3	3	0	0	3	0	0	0	0
	H	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0
	M	2	0	0	2	2	0	0	2	0	0	0	0

Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação; Anual - INE, Nados-Vivos

Nota(s):

(1) Em 2008 ocorreu um problema de transmissão de dados, alheio ao INE,

não tendo sido possível até ao momento recuperar a informação para algumas das variáveis do verbete estatístico de nado vivo (baseada nos registos administrativos disponibilizados pelo Ministério da Justiça),

reflectindo-se num aumento do valor de casos nas categorias de ignorado. A situação não compromete a qualidade dos dados, sublinhando-se a necessidade de uma análise cuidada das variáveis. Estes dados poderão ser objecto de revisão.

Última actualização destes dados: 09 de Junho de 2010

Quadro 1: Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica no ano de 2005

Quadro extraído em 22 de Agosto de 2010 (12:37:29)
<http://www.ine.pt>

Idade da mãe	Sexo	Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação; Anual (t)											
		Período de referência dos dados											
		2006											
		Local de residência da mãe											
		Total				Portugal				Estrangeiro			
		T				PT				YY			
		Filiação											
		Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada
		N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
Total	HM	105514	72148	33362	4	105449	72114	33331	4	65	34	31	0
	H	54088	36935	17151	2	54057	36918	17137	2	31	17	14	0
	M	51426	35213	16211	2	51392	35196	16194	2	34	17	17	0
10 - 14 anos	HM	73	0	73	0	73	0	73	0	0	0	0	0
	H	37	0	37	0	37	0	37	0	0	0	0	0
	M	36	0	36	0	36	0	36	0	0	0	0	0
15 - 19 anos	HM	4832	958	3874	0	4831	958	3873	0	1	0	1	0
	H	2520	482	2038	0	2519	482	2037	0	1	0	1	0
	M	2312	476	1836	0	2312	476	1836	0	0	0	0	0
20 - 24 anos	HM	15464	7405	8059	0	15458	7402	8056	0	6	3	3	0
	H	7845	3755	4090	0	7843	3754	4089	0	2	1	1	0
	M	7619	3650	3969	0	7615	3648	3967	0	4	2	2	0
25 - 29 anos	HM	31666	22964	8702	0	31640	22952	8688	0	26	12	14	0
	H	16153	11694	4459	0	16139	11686	4453	0	14	8	6	0
	M	15513	11270	4243	0	15501	11266	4235	0	12	4	8	0
30 - 34 anos	HM	35108	27521	7587	0	35088	27510	7578	0	20	11	9	0
	H	18134	14274	3860	0	18125	14268	3857	0	9	6	3	0
	M	16974	13247	3727	0	16963	13242	3721	0	11	5	6	0
35 - 39 anos	HM	15143	11195	3948	0	15132	11188	3944	0	11	7	4	0
	H	7719	5666	2053	0	7714	5664	2050	0	5	2	3	0
	M	7424	5529	1895	0	7418	5524	1894	0	6	5	1	0
40 - 44 anos	HM	3063	2000	1063	0	3063	2000	1063	0	0	0	0	0
	H	1591	1011	580	0	1591	1011	580	0	0	0	0	0
	M	1472	989	483	0	1472	989	483	0	0	0	0	0
45 - 49 anos	HM	155	103	52	0	154	102	52	0	1	1	0	0
	H	85	53	32	0	85	53	32	0	0	0	0	0
	M	70	50	20	0	69	49	20	0	1	1	0	0
50 e mais anos	HM	6	2	4	0	6	2	4	0	0	0	0	0
	H	2	0	2	0	2	0	2	0	0	0	0	0
	M	4	2	2	0	4	2	2	0	0	0	0	0
Idade ignorada	HM	4	0	0	4	4	0	0	4	0	0	0	0
	H	2	0	0	2	2	0	0	2	0	0	0	0
	M	2	0	0	2	2	0	0	2	0	0	0	0

Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação; Anual - INE, Nados-Vivos

Nota(s)

(1) Em 2008 ocorreu um problema de transmissão de dados, devido ao INE,

não tendo sido possível até ao momento recuperar a informação para algumas das variáveis do verbete estatístico de nado vivo (baseada nos registos administrativos disponibilizados pelo Min. Justiça),

reflectindo-se num aumento do valor de casos nas categorias de ignorado. A situação não compromete a qualidade dos dados, existindo-se a necessidade de uma análise cuidada das variáveis. Estes dados poderão ser objecto de revisão.

Última actualização destes dados: 05 de Junho de 2010

Quadro 2: Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica no ano de 2006

Quadra extraído em 22 de Agosto de 2010 (12:36:40)
<http://www.ine.pt>

Idade da mãe	Sexo	Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação; Anual (1)											
		Período de referência dos dados											
		2007											
		Local de residência da mãe											
		Total T				Portugal PT				Estrangeiro VV			
		Filiação											
		Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada
		N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
Total	HM	102567	68076	34489	2	102492	68047	34443	2	75	29	46	0
	H	52720	36014	17704	2	52683	36002	17679	2	37	12	25	0
	M	49847	33062	16785	0	49809	33045	16764	0	38	17	21	0
10 - 14 anos	HM	70	1	69	0	70	1	69	0	0	0	0	0
	H	32	1	31	0	32	1	31	0	0	0	0	0
	M	38	0	38	0	38	0	38	0	0	0	0	0
15 - 19 anos	HM	4776	861	3915	0	4774	861	3913	0	2	0	2	0
	H	2415	413	2002	0	2413	413	2000	0	2	0	2	0
	M	2361	448	1913	0	2361	448	1913	0	0	0	0	0
20 - 24 anos	HM	14406	6438	7968	0	14397	6437	7960	0	9	1	8	0
	H	7432	3314	4118	0	7426	3313	4113	0	6	1	5	0
	M	6974	3124	3850	0	6971	3124	3847	0	3	0	3	0
25 - 29 anos	HM	29561	20685	8876	0	29539	20679	8860	0	22	6	16	0
	H	15157	10643	4514	0	15149	10642	4507	0	8	1	7	0
	M	14404	10042	4362	0	14390	10037	4353	0	14	5	9	0
30 - 34 anos	HM	34985	26588	8397	0	34959	26574	8385	0	26	14	12	0
	H	18047	13677	4370	0	18035	13671	4364	0	12	6	6	0
	M	16938	12911	4027	0	16924	12903	4021	0	14	8	6	0
35 - 39 anos	HM	15685	11518	4167	0	15670	11511	4159	0	15	7	8	0
	H	8068	5936	2132	0	8059	5932	2127	0	9	4	5	0
	M	7617	5582	2035	0	7611	5579	2032	0	6	3	3	0
40 - 44 anos	HM	2960	1908	1052	0	2959	1907	1052	0	1	1	0	0
	H	1513	993	520	0	1513	993	520	0	0	0	0	0
	M	1447	915	532	0	1446	914	532	0	1	1	0	0
45 - 49 anos	HM	118	76	43	0	118	76	43	0	0	0	0	0
	H	54	37	17	0	54	37	17	0	0	0	0	0
	M	64	39	26	0	64	38	26	0	0	0	0	0
50 e mais anos	HM	4	2	2	0	4	2	2	0	0	0	0	0
	H	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	M	4	2	2	0	4	2	2	0	0	0	0	0
Idade ignorada	HM	2	0	0	2	2	0	0	2	0	0	0	0
	H	2	0	0	2	2	0	0	2	0	0	0	0
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação; Anual - INE, Nados-Vivos

Nota(s):

(1) Em 2008 ocorreu um problema de transmissão de dados, devido ao INE, não tendo sido possível até ao momento recuperar a informação para algumas das variáveis do verbete estatístico de nado vivo (baseada nos registos administrativos disponibilizados pelo Min. Justiça), reflectindo-se num aumento do valor de casos nas categorias de ignorado. A situação não compromete a qualidade dos dados, sublinhando-se a necessidade de uma análise cuidada das variáveis. Estes dados poderão ser objecto de revisão.
 Última actualização destes dados: 09 de Junho de 2010

Quadro 3: Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica no ano de 2007

Idade da mãe	Sexo	Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação; Anual (1)											
		Período de referência dos dados											
		2008											
		Local de residência da mãe											
		Total				Portugal				Estrangeiro			
		T				PT				YY			
		Filiação											
		Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada
	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	
Total	HM	104675	66773	37900	2	104594	66738	37854	2	81	35	46	0
	H	54016	34490	19525	1	53976	34476	19499	1	40	14	26	0
	M	50659	32283	18375	1	50618	32262	18355	1	41	21	20	0
10 - 14 anos	HM	77	1	76	0	77	1	76	0	0	0	0	0
	H	38	0	38	0	38	0	38	0	0	0	0	0
	M	39	1	38	0	39	1	38	0	0	0	0	0
15 - 19 anos	HM	4478	688	3790	0	4474	688	3786	0	4	0	4	0
	H	2388	352	2036	0	2386	352	2034	0	2	0	2	0
	M	2090	336	1754	0	2088	336	1752	0	2	0	2	0
20 - 24 anos	HM	14325	5891	8434	0	14313	5886	8427	0	12	5	7	0
	H	7506	3126	4380	0	7498	3123	4375	0	8	3	5	0
	M	6819	2765	4054	0	6815	2763	4052	0	4	2	2	0
25 - 29 anos	HM	28899	19277	9622	0	28883	19274	9609	0	16	3	13	0
	H	14936	10019	4917	0	14924	10018	4906	0	12	1	11	0
	M	13963	9258	4705	0	13959	9256	4703	0	4	2	2	0
30 - 34 anos	HM	35902	26737	9165	0	35874	26721	9153	0	28	16	12	0
	H	18361	13707	4654	0	18350	13701	4649	0	11	6	5	0
	M	17541	13030	4511	0	17524	13020	4504	0	17	10	7	0
35 - 39 anos	HM	16793	12122	4671	0	16777	12113	4664	0	16	9	7	0
	H	8588	6209	2379	0	8583	6206	2377	0	5	3	2	0
	M	8205	5913	2292	0	8194	5907	2287	0	11	6	5	0
40 - 44 anos	HM	3095	1954	1141	0	3092	1953	1139	0	3	1	2	0
	H	1615	1027	588	0	1613	1026	587	0	2	1	1	0
	M	1480	927	553	0	1479	927	552	0	1	0	1	0
45 - 49 anos	HM	162	98	64	0	161	97	64	0	1	1	0	0
	H	86	48	38	0	86	48	38	0	0	0	0	0
	M	76	50	26	0	75	49	26	0	1	1	0	0
50 e mais anos	HM	3	3	0	0	3	3	0	0	0	0	0	0
	H	2	2	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0
	M	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
Idade Ignorada	HM	941	2	937	2	940	2	936	2	1	0	1	0
	H	496	0	495	1	496	0	495	1	0	0	0	0
	M	445	2	442	1	444	2	441	1	1	0	1	0

Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação; Anual - INE, Nados-Vivos

Nota(s):

(1) Em 2000 ocorreu um problema de transmissão de dados, alheio ao INE, não tendo sido possível até ao momento recuperar a informação para algumas das variáveis do verbete estatístico de nado vivo (baseada nos registos administrativos disponibilizados pelo Min. Justiça),

reflectindo-se num aumento do valor de casos nas categorias de ignorada. A situação não compromete a qualidade dos dados, sublinhando-se a necessidade de uma análise cuidadosa das variáveis. Estes dados poderão ser objecto de revisão.

Última actualização destes dados: 09 de Junho de 2010

Quadro 4: Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica no ano de 2008

Idade da mãe	Sexo	Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação; Anual (1)											
		Período de referência dos dados											
		2009											
		Local de residência da mãe											
		Total				Portugal				Estrangeiro			
		T				PT				YY			
		Filiação											
		Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada	Total	Dentro do casamento	Fora do casamento	Ignorada
	N.*	N.*	N.*	N.*	N.*	N.*	N.*	N.*	N.*	N.*	N.*	N.*	
Total	HM	99576	61602	37973	1	99491	61562	37928	1	85	40	45	0
	H	50913	31486	19426	1	50873	31466	19406	1	40	20	20	0
	M	48663	30116	18547	0	48618	30096	18522	0	45	20	25	0
10 - 14 anos	HM	63	3	60	0	63	3	60	0	0	0	0	0
	H	32	2	30	0	32	2	30	0	0	0	0	0
	M	31	1	30	0	31	1	30	0	0	0	0	0
15 - 19 anos	HM	4287	598	3689	0	4284	596	3688	0	3	2	1	0
	H	2130	308	1822	0	2130	308	1822	0	0	0	0	0
	M	2157	290	1867	0	2154	288	1866	0	3	2	1	0
20 - 24 anos	HM	13373	4912	8461	0	13362	4907	8455	0	11	5	6	0
	H	6881	2524	4357	0	6878	2523	4355	0	3	1	2	0
	M	6492	2388	4104	0	6484	2384	4100	0	8	4	4	0
25 - 29 anos	HM	26996	17102	9894	0	26977	17094	9883	0	19	8	11	0
	H	13765	8653	5132	0	13776	8649	5127	0	9	4	5	0
	M	13211	8449	4762	0	13201	8445	4756	0	10	4	6	0
30 - 34 anos	HM	34478	24881	9597	0	34448	24871	9577	0	30	10	20	0
	H	17700	12780	4920	0	17684	12773	4911	0	16	7	9	0
	M	16778	12101	4677	0	16764	12098	4666	0	14	3	11	0
35 - 39 anos	HM	17019	12059	4960	0	17001	12047	4954	0	18	12	6	0
	H	8697	6179	2518	0	8687	6172	2515	0	10	7	3	0
	M	8322	5880	2442	0	8314	5875	2439	0	8	5	3	0
40 - 44 anos	HM	3177	1943	1234	0	3174	1941	1233	0	3	2	1	0
	H	1596	988	608	0	1594	987	607	0	2	1	1	0
	M	1581	955	626	0	1580	954	626	0	1	1	0	0
45 - 49 anos	HM	179	103	76	0	178	102	76	0	1	1	0	0
	H	88	51	37	0	88	51	37	0	0	0	0	0
	M	91	52	39	0	90	51	39	0	1	1	0	0
50 e mais anos	HM	3	1	2	0	3	1	2	0	0	0	0	0
	H	3	1	2	0	3	1	2	0	0	0	0	0
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Idade ignorada	HM	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0
	H	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Nados-vivos (N.º) por Local de residência da mãe, Idade da mãe, Sexo e Filiação, Anual - INE, Nados-Vivos

Nota(s):

(1) Em 2008 ocorreu um problema de transmissão de dados, alheio ao INE,

não tendo sido possível até ao momento recuperar a informação para algumas das variáveis do verbete estatístico de nado vivo (baseada nos registos administrativos disponibilizados pelo Min. Justiça),

reflectindo-se num aumento do valor de casos nas categorias de ignorado. A situação não compromete a qualidade dos dados, sublinhando-se a necessidade de uma análise cuidada das variáveis. Estes dados poderão ser objecto de revisão.

Última actualização destes dados: 09 de Junho de 2010

Quadro 5: Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica no ano de 2009

ANEXO 2: PEDIDO DE COLABORAÇÃO ÀS INSTITUIÇÕES

Exmo(a). Director (a)

Assunto: Pedido de autorização

No âmbito de um projecto da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, centrado na exploração das significações pessoais vividas e socialmente contextualizadas da gravidez adolescente, analisando dimensões como os padrões de adaptação, o sentido de identidade pessoal e o impacto da gravidez precoce na família de origem, de que a Dra. Carolina Correia será a investigadora principal, venho pelo presente, solicitar a autorização para realizar um contacto com jovens com idade igual ou inferior a 18 anos, que se encontrem no 2º e/ou 3º trimestre de gravidez, de modo a ser possível realizar o processo de recolha de dados através de entrevista semi-estruturada.

Para tal, estas serão previamente informadas sobre os objectivos do estudo e sobre a confidencialidade dos dados recolhidos. A realização das entrevistas estará sempre dependente do seu consentimento informado.

Agradeço a melhor colaboração que vossa excelência e a instituição de que é responsável nos poderão prestar com vista à efectivação do projecto supracitado.

Junto envio uma cópia da entrevista utilizada e as declarações de consentimento informado. Coloco-me desde já ao vosso inteiro dispor para fornecer quaisquer esclarecimentos adicionais.

Renovo os meus agradecimentos e subscrevo-me com os meus melhores cumprimentos.

(Prof. Doutor Joaquim Luís Coimbra)

Data: _____

ANEXO 3: CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES E DOS SEUS MICROSSISTEMAS

CARACTERIZAÇÃO SOCIO-DEMOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES

MARIA

A Maria tem 15 anos, nasceu no dia 22 de Setembro de 1994. Encontra-se no 8º mês de gestação e vai ser mãe de um menino. A gravidez tem corrido bem. Estava com 4 meses quando soube da sua gravidez.

É natural do Funchal, da freguesia de Santo António, bairro da Quinta do Falcão, mas veio viver para o Porto para uma comunidade de apoio a grávidas e mães adolescentes por ordem do Tribunal de Família e menores. Vive com mais 6 jovens.

A Maria tem o 6º ano e deixou de estudar há dois anos. Nunca trabalhou.

A mãe da Maria, foi vítima de violência doméstica, estando numa casa abrigo no Funchal e veio há pouco tempo morar para o Porto. Foi mãe adolescente, com 15 anos. O pai da Maria é alcoólico e sempre trabalhou na construção civil. Tem um irmão com 25 anos e uma irmã com 30 anos. O irmão tem o 6º ano e trabalha na construção civil e a irmã trabalha numa loja de roupa.

O pai do bebé vive no Funchal, é mais velho 10 anos, é casado e tem um filho. Não se manifesta disposto a assumir o filho. Conheceu o pai do bebé quando tinha 14 anos. Neste momento ele vive no Funchal e trabalha na construção civil.

MÃE DA MARIA

A mãe da Maria tem 46 anos, é mãe de três filhos, incluindo a Maria e foi vítima de violência doméstica pelo seu marido. Esteve numa casa para mulheres vítimas de violência doméstica, mas logo a seguir à vinda da Maria para o continente, também veio viver para cá.

É natural do Funchal, da freguesia de Santo António. Possui o 4º ano de escolaridade. Sempre trabalhou como empregada de limpeza, encontrando-se a trabalhar no Porto em casas particulares como empregada doméstica. Deseja refazer a sua vida aqui.

ANA

A Ana nasceu a 24 de Novembro de 1993. Tem 16 anos. Vive no bairro do cerco, Porto. Está no 6º mês de gravidez e vai ter uma menina para Agosto. Quando soube da sua gravidez estava com 3 meses e meio de gestação.

Tem o 7º ano incompleto e deixou de estudar o ano passado. Nunca trabalhou.

Os pais estão casados. A mãe tem 43 e o pai tem 56 anos, o pai é fiel de armazém e a mãe trabalha numa fábrica. Tem 3 irmãos mais velhos com 20, 22 e 23 anos, sendo que todos estão a trabalhar. Dois irmãos trabalham na mesma fábrica de que o pai da Ana sendo que o outro irmão trabalha nos STCP. Vive com os pais e com os irmãos no bairro do Cerco no Porto.

Conheceu o pai do bebé na escola e começou a namorar com ele aos 14 anos. O pai do bebé tem 19 anos, sendo esta a sua primeira relação amorosa "a sério". O seu namorado trabalha numa padaria e tem o 7º ano incompleto.

NAMORADO DA ANA

O namorado da Ana tem 19 anos, vive no bairro do cerco. Tem o 7º ano incompleto e trabalha numa padaria. Conheceu a Ana na escola há 2 anos. Vive com os pais e com os irmãos no bairro do Cerco, Porto.

MÃE DA ANA

Tem 43 anos, nasceu em 1967 e vive com o marido e com os 4 filhos no bairro do cerco, Porto, local onde gosta de viver e de onde é natural.

É operária fabril numa fábrica de plásticos há 15 anos. Sempre trabalhou nesta área. Tem o 4º ano de escolaridade. Está casada há 24 anos.

Tem uma relação muito próxima com a filha.

.

MARIANA

A Mariana tem 16 anos, nasceu no dia 8 de Outubro de 1993. Vive em Alfama, (Lisboa) mas nasceu no Alentejo. A Mariana vive com a mãe, o padrasto, com a irmã de 8 anos, fruto da segunda relação da sua mãe e com a sua avó materna. Os pais estão separados há 10 anos. A mãe está desempregada e neste momento está a frequentar um curso financiado de educação e formação de adultos com equivalência ao 9º ano. O pai também está desempregado e o padrasto é taxista. Os pais situam-se perto da casa dos 50 anos.

Tem uma irmã com 22 anos que trabalha num cabeleireiro e que se encontra a viver com o namorado e um irmão com 24 a trabalhar num bar em Espanha.

Frequentou a escola até ao 7º ano. Estava a frequentar um curso de educação e formação na área: acompanhante de crianças, tendo desistido quando tomou conhecimento da sua gravidez inesperada. Encontrase no 8º mês, tendo-se sentido bem, apenas com algum cansaço. Vai ser mãe de um menino. Trabalhou a part time nas férias, na charcutaria de um estabelecimento comercial e numa loja chinesa.

O pai do bebé e namorado da Mariana tem 22 anos está desempregado há alguns meses. Tem o 7º ano de escolaridade. Começaram a namorar pouco tempo depois de se conhecerem. Eram vizinhos e frequentavam a mesma escola.

MÃE DA MARIANA

Tem 47 anos e é natural de Alfama, Lisboa. Habita com o seu companheiro, com as suas duas filhas e com a sua mãe. Esteve casada com o pai da Mariana, tendo-se separado há 10 anos. Habita com o seu actual companheiro que é taxista. Trabalhava anteriormente numa fábrica de peças para automóveis.

Encontra-se desempregada há 4 anos, frequentando um curso de educação e formação de adultos de qualificação escolar de equivalência ao 9º ano.

NAMORADA DA MARIANA

O namorado da Mariana tem 22 anos, encontra-se desempregado há 4 meses. Vive em Alfama. Trabalhou numa fábrica de peças para automóveis. Tem o 7º ano de escolaridade. Vive com os pais e com os irmãos.

JULIANA

Nasceu no dia 28 de Dezembro de 1993, fazendo este ano 17 anos. Vive com a mãe em Reboleira, na Amadora mas tenciona ir viver com o namorado. Vivia há dois anos atrás na Cova da Moura, local onde vive o seu namorado.

A Juliana encontra-se no 5º mês de gestação. Descobriu que estava grávida com 16 semanas, sendo que esta não foi planeada nem desejada.

Os pais estão separados há 8 anos. O pai encontra-se preso há 2 anos, condenado por tráfico de droga. Há dois anos que não tem contacto com o pai. A mãe encontra-se desempregada a receber o rendimento social de inserção há 4 anos.

Tem três irmãos com idades muito semelhantes, na faixa etária dos 20, sendo ela a mais nova, não tendo uma relação próxima com os irmãos. Dois irmãos mais velhos são filho do 1º relacionamento do pai e a irmã mais velha, filha do 1º casamento da mãe.

Frequentou a escola até ao 7º ano, abandonando o ensino para trabalhar num cabeleireiro e, assim começar a ganhar dinheiro.

Conheceu o seu namorado no local onde vivia (na Cova da Moura) e namora com o pai do bebé há um ano. Neste momento ele está a frequentar um curso financiado para ter equivalência ao 9º ano, sendo a sua escolaridade base o 7º ano.

MÃE DA JULIANA

A Mãe da Juliana tem 46 anos, nasceu no ano de 1964. Vive em Reboleira com a filha. Deixou a Cova da Moura há 2 anos.

Frequentou a 3ª classe, estando desempregada há 5 anos e auferir do rendimento social de inserção há 4 anos. Antes de estar desempregada trabalhava numa fábrica de plásticos.

Está separada há 8 anos sendo que o pai da Juliana encontra-se preso por tráfico de droga.

Já esteve com um quadro depressivo encontrando-se ainda em tratamento.

NAMORADO DA JULIANA

O namorado da Juliana tem 22 anos, vive na Cova da Moura com a mãe e os irmãos. Neste momento encontra-se desempregado e está a tirar um curso financiado com equivalência ao 9º ano.

Tem como escolaridade o 6º ano.

CARACTERIZAÇÃO DOS MICROSSISTEMAS

CONTEXTO SOCIO-DEMOGRÁFICO DA MARIA

- FREGUESIA DE SANTO ANTÓNIO/ QUINTA DO BAIRRO DO FALCÃO (FUNCHAL)

- COMUNIDADE DE APOIO A GRÁVIDAS E MÃES ADOLESCENTES

A Freguesia de Santo António é uma das nove maiores freguesias situadas no Concelho do Funchal, pois tem uma área de 2 221 hectares e é composta por 40 sítios, tendo como fronteiras: a Norte o concelho de Santana (Pico do Areeiro); a Sul as freguesias de São Martinho e São Pedro, desde a Azinhaga dos Ausentes, passando pela rua da Levada do Cavalo, Caminho do Pilar, Caminho de Santo Amaro, Caminho do Poço Barral, Caminho do Pinheiro das Voltas; a Nascente pela Ribeira de Santo António,

Caminho da Penteada, Caminho da Azinhaga, Caminho do Meio (freguesia de S. Roque); a poente a Ribeira dos Socorridos.

Estima-se actualmente em cerca de 40 000 habitantes, com vários estratos sociais, económicos, políticos e culturais. Em suma, a freguesia é tida como de classe social baixa, contando com muitos benefícios sociais e culturais. Esta freguesia é considerada qualificada a nível de apoios e órgãos, podendo encontrar as seguintes instituições sócio - culturais: Centro Cultural de Santo António (Caminho do Laranjal); Juventude Antoniana (Caminho da Igreja); Associação de Escuteiros de Portugal; Agrupamento de Escuteiros (Santo Amaro); Grupo de Campismo de Santo António (Ribeira Grande);

Clube de Futebol Andorinha; Fórum Cultural Desportivo; Casa do Povo de Santo António (Travessa do Caminho da Igreja); Ginásio Cultural e Físico; Cine Teatro Municipal de Santo António (Madalenas);

Pavilhão dos Trabalhadores; Centro Tecnopolo da Madeira. É composta por vários estabelecimentos de ensino: E.B.1/P.E. da Chamorra; E.B.1 (Núcleo)/ P.E. da Ladeira; E.B.1/P.E. do Lombo dos Aguiares; E.B.1/P.E. do Laranjal; E.B.1/P.E. do Salão; E.B.1/P.E. do Tanque; E.B.1/P.E. do Boliqueime; E.B.1 dos Três Paus; E.B.2,3 da Madalena; E.B. de Santo António; Infantário "O Sapatinho"; Infantário "Atelier Infantil"; Jardim de Infância "O Baloço"; Creche "Bambi"; Serviço Técnico de Educação Especial e Reabilitação – Quinta do Leme; Universidade da Madeira.

Relativamente a centros sociais, são de referir: Centro Social e Paroquial de Santo António (apoio à terceira idade); Centro Social e Paroquial da Graça (apoio à terceira idade); Centro Social e Paroquial de Santo António na Terra Chã. Possui diversos bairros sociais: Bairro das Romeiras (Pico das Romeiras);

Bairro da Quinta Josefina (Caminho de Santo António); Bairro da Ribeira Grande (junto à Ribeira de Santo António); Bairro da Quinta Falcão (Caminho do Cemitério); Bairro de Santo Amaro (Caminho de Santo Amaro); Conjunto Habitacional do Pico dos Barcelos (em fase terminal) Bairro da Quinta das freiras. Está sediada nesta freguesia a Provedoria de Justiça, cujos serviços abrange toda a RAM. Localizados também estão nesta freguesia os serviços da RTP, Rádio Televisão Portuguesa da Madeira; dois postos de CTT (Caminho de Santo António e no Madeira Shopping). Em breve localizar-se-ão nesta freguesia, ao sítio dos Álamos as instalações do Arquivo Regional, cujo edifício já se encontra concluído.

Na área da saúde, existe um Centro de Saúde que a breve tempo dará lugar a um novo complexo onde irá responder de forma adequada às necessidades da população. Temos a Casa de Saúde São João de Deus, a qual está preparada para tratamentos de dependentes do álcool, toxicod dependência e doenças do foro psiquiátrico. Na área de Formação Profissional contamos com o Centro de Formação Profissional situado à Estrada Comandante Camacho de Freitas, onde são leccionados vários cursos de formação profissional a todos os jovens que queiram ingressar numa profissão qualificada; e com a Casa do Povo.

Na parte religiosa e como património da Igreja Católica, existem os seguintes templos: Igreja matriz de Santo António Igreja de Santo Amaro; Igreja da Nossa Senhora da Graça (Caminho da Barreira); Igreja de Nossa Senhora da Visitação (Caminho do Laranjal Igreja dos Álamos (Caminho da Azinhaga); Capela da Casa de Saúde São João de Deus (Trapiche); Mosteiro das Irmãs Clarissas (Caminho do Lombos dos Aguires). A nível do comércio a freguesia tem evoluído nestes últimos tempos, contando com um Centro Comercial, o maior da região actualmente, situado na zona de Santo Amaro, denominado Madeira Shopping. Existem ainda, próximo da Igreja Paroquial de Santo António, à qual pertencem todos os centros para idosos da freguesia, supermercado, padarias, cafés, farmácia, bomba de abastecimento de combustível, dois bancos e lojas de conveniência. Toda a freguesia está coberta com um serviço regular de transportes, que satisfaz a maioria da população.

BAIRRO DA QUINTA FALCÃO

O Bairro da Quinta Falcão tem cerca de 21 anos e é constituído por 102 fogos. É propriedade da Câmara Municipal do Funchal e está localizado na Freguesia de Santo António. Mais uma vez a sobreocupação das casas é um problema grave neste bairro, dado que residem cerca de 159 agregados familiares. Caracteriza-se por ser um bairro com cerca de 70% de fogos degradados, com problemas de humidade com infiltrações de água. No interior dos fogos denota-se a degradação das instalações sanitárias e de todos os revestimentos interiores e exteriores. A maioria das casas foi ampliada pelos moradores para residirem novos agregados familiares, pelo que se encontram anexos de madeira, zinco e blocos.

CONJUNTO HABITACIONAL DA QUINTA FALCÃO

Este complexo de habitação social, propriedade da Câmara Municipal do Funchal, situa-se na Freguesia de Santo António, tem cerca de dez anos. É constituído por 48 fogos em dois blocos de apartamentos de tipologia T2 e T3, apresentando também problemas de habitabilidade no que respeita à sobreocupação.

COMUNIDADE DE APOIO A GRÁVIDAS E MÃES ADOLESCENTES

A Comunidade localiza-se na Rua da Vitória, na zona histórica do Porto, tendo aberto as suas portas em Setembro de 2007. Tem como destinatárias mulheres grávidas ou com filhos recém-nascidos, com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos, em situações de risco, decorrentes de abandono, maus-tratos, negligência ou outros factores.

Apresenta como objectivos contribuir para a progressiva inserção social de jovens mães, através de diversas acções de apoio integrado, desenvolvidas com base nas suas necessidades concretas. É constituído em termos físicos por 8 quartos; sala de convívio; berçário com sala de apoio, salas de actividades, salas de formação, gabinete de atendimento / consulta; atelier / oficina.lavandaria; cozinha e copa e refeitório. A equipa técnica é constituída por: directora técnica; coordenadora/ psicólogos/ técnica de serviço social/ educadora social/ ajudantes de acção directa/ recepcionista e auxiliar de serviços gerais.

CONTEXTO SOCIO-GEOGRÁFICO DA ANA

- O BAIRRO DO CERCO

Este Bairro encontra-se situado na zona Oriental da cidade do Porto, pertencente à Freguesia de Campanhã - em extensão, a maior do Concelho do Porto e a segunda mais populosa (com cerca de 50.000 habitantes), contíguo à Estrada da Circunvalação e na proximidade do Concelho de Gondomar.

O referido Bairro foi inaugurado em 1963 e é actualmente o maior bairro social da autarquia, constituído por 892 fogos - 802 agregados familiares e 3.060 habitantes. Trata-se de um bairro gerido em regime de aluguer pela Câmara Municipal do Porto, não se tendo registado até à data alterações no sistema de rendas. A localização periférica e o conjunto de factores de ordem económica, social e urbanística, tem vindo a contribuir ao longo de várias décadas, para uma progressiva degradação sócio-urbanística e ecológica da zona de Campanhã e nomeadamente do Bairro do Cerco do Porto.

A imagem das polarizações e clivagens sócio-espaciais produzidas pelo processo de crescimento económico e pelas políticas urbanas é uma das marcas bem visíveis na referida zona geográfica.

Caracterização Sócio-Demográfica da Freguesia de Campanhã

Bairros de Campanhã	Nº Fogos	Nº Agregados	Nº Pessoas
Areias	20	16	58
S. João Deus	434	396	1.591
S. Vicente Paulo	220	187	669
Pio XII	124	111	365
S. Roque da Lameira	436	384	1.204
Eng. Machado Vaz	273	239	779
Cerco do Porto	892	802	3.060
Monte da Bela	236	221	711
Lagarteira	447	398	1.766
Falcão	397	381	1.366
Contumil	254	245	949
TOTAL	3.733	3.380	12.518

CONTEXTO SOCIO-DEMOGRÁFICO DA MARIANA

- ALFAMA

Alfama é o mais antigo e um dos mais típicos bairros da cidade de [Lisboa](#). Alfama é um bairro muito peculiar; assemelha-se a uma antiga aldeia na qual as pessoas se conhecem umas às outras e se cumprimentam diariamente. O bairro é conhecido pelos seus [restaurantes](#) e casas de [fado](#), assim como pelos festejos dos [Santos Populares](#), em especial na noite de [Santo António](#), de 12 para 13 de Junho.

Existem 1 607 edifícios em Alfama, dos quais 26,9% são edifícios com grandes necessidades de reparação ou muito degradados, motivo pelo qual dos 7 174 alojamentos existentes, 1 769 são alojamentos vagos.

Infelizmente não existem dados objectivos que permitam afirmar se a maioria dos alojamentos vagos são em edifícios a necessitar de intervenção, no entanto, uma vez que apenas 20,9% dos alojamentos vagos estão no mercado para venda ou arrendamento, tudo leva a concluir que essa seja a realidade.

De acordo com algumas informações recolhidas, a média das áreas dos fogos não excede os 30 m². Nos locais mais amplos (como por exemplo na zona do chafariz ou nas zonas de fronteira) a média pode chegar aos 70 m²/fogo.

Relativamente à mobilidade dos habitantes de Alfama mais de 70% afirmam que gastam menos de 30 minutos na deslocação casa-trabalho/estudo, sendo que apenas 22,7% utilizam o automóvel como principal modo de deslocação, face aos 38,8 % de Lisboa. A maioria dos habitantes de Alfama 44% afirmam deslocar-se de

transportes públicos, apesar destes serem normalmente identificados como um dos maiores problemas para o desenvolvimento de Alfama. Os transportes públicos em Alfama não são abundantes e estão restritos às zonas mais periféricas do bairro ou a algumas vias principais de atravessamento. A implantação ao longo da colina do Castelo e a malha urbana apertada (com arruamentos muito estreitos) dificultam até mesmo as instalações de infra-estruturas e inviabilizam a construção de valas técnicas. Por último, 31,6% dos habitantes do bairro de Alfama afirmam deslocar-se a pé no seu percurso casa-trabalho/estudo.

Resumo histórico

Alfama localiza-se na encosta que desce do Castelo até ao Tejo e constitui o que terá sido o primeiro povoamento de Lisboa. O estabelecimento de população nesta zona é anterior à ocupação romana.

O topónimo Alfama é frequentemente atribuído à evolução do árabe Al- hama, que significa fonte termal, embora não haja consenso quanto à origem etimológica da palavra. Alfama conserva a sua estrutura árabe com ruas estreitas, pátios e encostas, inspirada nos kasbahs do Norte de África e que tinha como objectivos proporcionar um sistema defensivo e, simultaneamente, refrescar as casas durante a época estival.

No início do séc. VIII, depois da presença sueva e visigótica, as muralhas do Castelo e a Cerca Moura foram reconstruídas pelos muçulmanos que tinham conquistado a cidade e que exerceram a sua influência durante 400 anos.

Em 1147 Lisboa é cercada e tomada pelo primeiro rei de Portugal. No final do séc. XII são construídas as primeiras Igrejas de S. Miguel e de Sto. Estêvão (Panteão). A primeira Igreja de Sta. Luzia foi construída entre o séc. XII e o séc. XIII, junto da muralha, nas Portas do Sol.

Perto do Tejo, durante o séc. XIII foi construído o Chafariz dos Cavalos ou Chafariz de Dentro, cujo nome proviria dos cavalos de bronze instalados, durante muito tempo, nas saídas de água. O Largo do Chafariz de Dentro – autêntico Rossio de Alfama – era um espaço público muito frequentado onde desembocavam duas importantes ruas do bairro: A Rua de S. Pedro (mercado de rua onde as varinas vendiam o peixe) e a que veio a ser a Rua dos Remédios.

Os pescadores tiveram grande importância na vida do bairro até há relativamente pouco tempo. Foram as gentes do mar que edificaram a Ermida dos Remédios – também conhecida por Ermida do Espírito Santo – e um pequeno hospital em anexo. Todavia, desde os finais do séc. XII instala-se numa zona chamada Escolas Gerais, a residência dos estudantes universitários que se manteve ali até à transferência da Universidade para Coimbra no séc. XVI.

CONTEXTO SOCIO-DEMOGRÁFICO DA JULIANA

- COVA DA MOURA/ REBOLEIRA

Fazendo um retrato sumário sobre o Bairro da Cova da Moura, pode dizer-se que este território situa-se na área metropolitana de Lisboa, no concelho da Amadora, em terreno maioritariamente privado, partilhado entre as Freguesias da Buraca e da Damaia, ocupando uma área de cerca de 16,5 ha e com cerca de 5500 habitantes. Do ponto de vista urbanístico, o bairro tem uma localização privilegiada, na medida em que dispõe: de diversos acessos viários importantes de ligação à cidade; da proximidade de serviços; e de transportes colectivos.

Trata-se de um bairro de origem clandestina, essencialmente de auto-construção, remontando aos primeiros movimentos de retornados das ex-colónias portuguesas, na sequência do 25 de Abril de 1974. O crescimento deste bairro relaciona-se, ainda, com o processo de descolonização, ficando estreitamente ligado à comunidade cabo-verdiana, e permitiu distinguir essencialmente dois tipos de moradores: “os construtores residentes” e os “arrendatários (casas/quartos)”, consoante a ligação à origem da casa, predominando os moradores com longa fixação.

O bairro foi-se progressivamente consolidando enquanto espaço urbano, associando edificado mais ou menos precário, com instalações de saneamento básico, ruas labirínticas e estreitas com arruamento asfaltados, a falta de mobiliário urbano com alguma iluminação pública e recolha de resíduos sólidos.

Do ponto de vista da estrutura etária, apresenta uma população predominantemente jovem. As famílias são essencialmente nucleares, compostas em média por três/quatro elementos. Dadas as baixas qualificações, mesmo nas gerações mais novas, estas famílias subsistem de trabalhos ligados à construção civil e às limpezas.

O bairro apresenta algum dinamismo económico através da prestação de serviços, tendo a capacidade de criar alguns postos de trabalho. Predomina o comércio ligado aos bens alimentares (cafés, restaurantes e mercearias), bem como inúmeros estabelecimentos de cabeleireiros africanos, havendo ainda alguns estabelecimentos mais ligados às oficinas e a área da construção civil. As Organizações e a escola básica existentes no bairro constituem outras fontes de emprego, desta feita até mais qualificado, trazendo outras pessoas ao bairro.

A comunidade residente partilha de um forte nível de relacionamento interpessoal, há dinamismo associativo e reivindicativo, tendo como base o sentimento de “localismo” ou “bairrismo”, no entanto, aspectos como a marginalidade e o tráfico de droga geram a imagem de “gueto” que a comunicação social frequentemente veicula. Neste contexto caracterizado em traços gerais, sobressaem algumas **problemáticas-chave**, às quais nenhum processo de intervenção na Cova da Moura pode ficar indiferente:

Problemáticas-chave	Principais Características
"Regularização Fundiária" e "Reabilitação urbana e habitabilidade das construções"	Passa pela definição de uma solução legal que retire a Cova da Moura e os seus moradores da clandestinidade, podendo dar lugar a diversos caminhos, como sejam o realojamento noutra local, a regularização e intervenção de requalificação física, entre outras.
"Actividades ligadas à venda e consumo de estupefacientes"	Mais ligados à venda do que ao consumo, na medida em que não é significativo entre os moradores, no entanto, em termos de tráfico e armazenamento, verifica-se o envolvimento de moradores, mas também de indivíduos que embora tenham ligações ao bairro não residem no mesmo. Já a presença dos consumidores, na sua maioria não residentes, constitui um risco para as crianças e jovens e para a saúde pública em geral.
"Cultura de Insegurança"	Relacionada com vários factores que transmitem este sentimento, como seja a clandestinidade do bairro (incerteza relativamente ao futuro, insalubridade das casas), a prática de actividades marginais no bairro (medo de represálias, desconfiança face às forças de segurança pública) e o fechamento do bairro como resposta ao receio do exterior e à imagem negativa associada a este local.
"População Jovem"	Surge como potencial mas em risco, ou seja, poderá mudar o futuro do bairro se tiver acesso a melhores condições de qualificação e profissionalização.
"Dinâmica do tecido económico interno"	O comércio e serviços existentes para além de garantirem emprego e a satisfação de necessidades diárias aos moradores, têm alguma especificidade que pode fomentar procura e abertura a pessoas de fora (exemplo produtos africanos, cabeleireiro afro).
"Originalidade das ligações a África e da presença Cabo-verdiana"	A composição desta comunidade confere algum exotismo ao bairro e garante uma especificidade, ligada aos produtos e serviços de origem africana, podendo funcionar como "marca de especialidade".
"O significado do capital social existente no bairro, quer ao nível dos residentes quer ao nível das instituições de base local"	Tudo indica a existência de uma forte identidade local, suportando um sentido de comunidade e capacidade de mobilização em torno das preocupações comuns, relacionando moradores com as instituições e associações locais. Por outro lado, é de realçar as relações com outras associações e instituições localizadas fora de Portugal, mas com semelhantes problemáticas, nomeadamente no que toca à integração de imigrantes de origem caboverdiana/ africana.

- REBOLEIRA

Reboleira é uma freguesia portuguesa do concelho da Amadora, com 0,74 km² de área e 15 543 habitantes (2001). Densidade: 21 118,2 h/km². Tem por orago Nossa Senhora da Boa Nova.

Também conhecida por ter na sua zona, um estádio de um clube de nomeada nacional, o Estrela da Amadora. O Estádio chama-se Estádio José Gomes.

Com uma área de 75,2 ha, esta freguesia é dominada pelo sector terciário: comércio e serviços.

Situada bem no centro do concelho, a freguesia de Reboleira ocupa uma área de 73,5 hectares. A Reboleira, tal como a conhecemos hoje, nasceu com a expansão urbana da década de 60 em que se planeou a construção de uma “cidade jardim” para 8.500 habitantes, mas alterações sucessivas ao plano inicial originariam um parque habitacional constituído por cerca de 7.500 fogos, onde se alojam 17.675 habitantes, de acordo com os números do recenseamento de 1991 e 15 543 com os Censos de 2001 .

População residente		
Homens	Mulheres	Total
7312	8231	15543

Fonte: INE, Recenseamento da População e Habitação, 2001

**ANEXO 4: GUIÃO DA ENTREVISTA: ENTREVISTA DA VIVÊNCIA INDIVIDUAL E
CONSTRUÇÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE (EVICS).**

ENTREVISTA DA VIVÊNCIA INDIVIDUAL E CONSTRUÇÃO SOCIAL DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE
(EVICS)
GUIÃO

Universidade do Porto – Versão para investigação

Data: __/__/__

PARTE I

Com este conjunto de questões pretende-se conhecer e compreender algumas das suas características pessoais e da sua gravidez.

1. Família de origem

- Actualmente os seus pais estão casados/divorciados/separados/viúvos; no caso de se terem separado, qual foi a duração do casamento?
- Tem irmãos? Se sim, quantos? Que idade têm e qual é a situação deles neste momento? (estão a trabalhar e/ou a estudar) Até que ano estudaram? Onde vivem?
- Como tem sido/ é a relação com a família?

2. Percurso Pessoal

- Que idade tem e em que data nasceu?
- Onde vive? E com quem vive actualmente? (número de pessoas, laço de parentesco, idade, sexo, estado civil)
- Como é viver aqui? Gosta de viver aqui? O que gosta mais e menos? Como as pessoas se dão umas com as outras?
- Até que ano estudou?
- É solteira, casada ou vive com o seu companheiro?
- Se é casada ou habita com o seu companheiro, há quanto tempo vivem juntos?

3. História do namoro

- Como e onde conheceu o seu namorado/companheiro/pai do bebé?
- Se estão juntos neste momento, há quanto tempo estão juntos/namoram?

- Esta foi a sua primeira relação?
- Que idade tem o seu namorado/companheiro/pai do bebé? Até que ano ele estudou? Está a trabalhar neste momento?
- Como é neste momento a sua relação com o seu namorado/companheiro/pai do bebé?

4. Situação e percurso escolar e profissional

- Neste momento está a estudar? Se sim, como está a correr?
- Se não, há quanto tempo deixou de estudar? Porquê?
- Que expectativas tem/tinha relativamente à escola? Sonha(va) por exemplo tirar um curso superior?
- Agora está a trabalhar? Se sim, o que faz?
- Há quanto tempo trabalha? (se não trabalha actualmente, já trabalhou alguma vez? Em quê? Há quanto tempo deixou de trabalhar? Porquê?
- Com que idade começou a trabalhar? Qual foi o seu primeiro emprego?
- Quais são as suas expectativas em relação ao trabalho? O que gostaria de fazer?

5. Gravidez e acompanhamento médico

- Em que mês de gestação está? (número de semanas)
- Já sentiu o bebé?
- Até ao momento tem tido acompanhamento médico? Quando começou o acompanhamento e quantas vezes costuma ir às consultas? Que exames já fez ao bebé? (*por exemplo ecografia; amniocentese, cardiotocografia*)
- Desde que engravidou como está a sua saúde física? Tem tido problemas ou sintomas como por exemplo cansaço fácil, sonolência, problemas de sono, problemas de pele; problemas com a alimentação, diabetes, azia, câibras, dores lombares; tensão arterial, colesterol..
- Toma algum tipo de medicamentos? (*se sim, qual/quais?*)
- Teve/tem algum acompanhamento psiquiátrico e/ou psicológico antes ou durante a gravidez?
- Desde que engravidou como é que se sente psicologicamente/emocionalmente? *Por exemplo sinais positivos – sentimentos de esperança, alegria; vontade de concretizar novos projectos - e/ou sinais negativos - vontade de chorar; falta de interesse, aborrecimento, cansaço; desânimo, ansiedade)*

6. Projecto de vida futuro

- Qual é o seu projecto de vida futura pessoal e profissional? O que pretende fazer para isso acontecer? (por exemplo continuar os estudos, começar a trabalhar, mudar de casa). Como vê o seu futuro escolar e profissional e ao mesmo tempo ser uma futura mãe?

PARTE II

Agora, gostaria que falasse do decorrer da sua experiência da gravidez com mais pormenor. Para isso tenho algumas perguntas.

Tema 1:

Tomada de conhecimento da gravidez

A gravidez representa um período novo na vida de uma pessoa, que se inicia aquando a fecundação e termina quando o bebé nasce.

- Quando soube que estava grávida, estava com quantas semanas?
- Como recebeu a notícia de que estava grávida? Onde estava, com quem estava e como reagiu? O que pensou e o que sentiu naquele momento?
- Quando as pessoas mais próximas (pais, irmãos, namorado/companheiro...) souberam que estava grávida como reagiram? (o que disseram)

Tema 2:

Dificuldades, desafios e exigências acrescidas

Todos nós passamos por momentos de maior dificuldade ao longo da nossa vida. A gravidez, em especial, é uma experiência que envolve uma reorganização a nível físico (por exemplo *na aceitação das mudanças do corpo, nos hábitos alimentares...*) biológico (por exemplo nas mudanças no nosso organismo) emocional e cognitivo (*por exemplo na forma de sentir e pensar*), relacional/familiar (por exemplo *na relação consigo própria e na relação com os outros, na maior ou menor liberdade em relação aos pais.*) escolar e profissional (por exemplo interromper os estudos, começar ou deixar de trabalhar).

- Em quê que a gravidez está a alterar a sua vida? Que mudanças ocorreram/estão ocorrer na sua vida, nomeadamente na família, na escola, no trabalho, nos planos futuros?
- Consegue descrever uma dificuldade/ exigência que viveu ou que está a viver no decorrer da sua gravidez? Como está a lidar com as dificuldades?

Tema 3:

Figuras significativas na vivência da gravidez

Neste momento, a presença e o apoio das pessoas que são próximas torna-se mais importante.

- Indique por ordem de importância quatro pessoas que a têm apoiado.
- Qual o tipo de relacionamento que tem com cada pessoa? (*por exemplo relação familiar, de amizade, etc.*) Com que frequência contacta com essas pessoas? (por exemplo todos os dias, uma vez por semana, algumas vezes por mês) Que tipo de ajuda está a receber (*por exemplo disponibilidade para responder às suas necessidades, ajuda financeira, emocional, ajuda nos pequenos problemas do dia-a-dia...*)? Considera essa ajuda suficiente? (*i.e., o apoio é o que precisa*) Está satisfeita com esse apoio?
- Como está a lidar com as necessidades de apoio com o facto de necessitar também de desenvolver alguma independência em relação aos pais por exemplo?

Tema 4:

Expectativas em relação à criança e ao papel materno

Antes mesmo de nascerem, as mães já imaginam e fantasiam como será o seu bebé, fazendo por vezes planos futuros para este.

- Já está a preparar a sua chegada? Por exemplo comprando roupas e arranjando o seu quarto. Já imagina como serão os primeiros cuidados ao bebé bem como as suas características físicas por exemplo menino ou menina, qual será o seu nome, a cor dos olhos, a cor do cabelo, o aspecto físico e temperamentais por exemplo choro e rabugice, contacto difícil, intensidade do protesto, irritabilidade, facilidade em acalmar, grande nível de actividade, boa resposta a situações novas...

Ser mãe constitui um projecto a longo prazo que vai para além da experiência da gravidez e é para toda a vida.

- Fale-me sobre o modo como se vê como mãe (*por exemplo fácil, difícil...*) nomeadamente na relação estabelecida com o bebé, no tipo de cuidados e rotinas necessárias e no desenvolvimento e educação da criança. Quais são as suas preocupações, medos, desejos e esperanças em relação ao seu papel de mãe? Fale-me ainda do facto de se sentir ou não preparada para desempenhar as funções de mãe.

Tema 5:

Integração da gravidez no self

A gravidez e a maternidade constituem um dos pontos mais importantes em que a identidade da mulher se expressa. Trazem novos desafios, novas tarefas e novas mudanças.

- Como se vê e como se sente neste momento como grávida, jovem, estudante/ trabalhadora e uma futura mãe com necessidades, escolhas, interesses, gostos próprios? Dê exemplos. Acha que está a conseguir conjugar estas diferentes facetas da sua identidade?
- : Como se avalia a si própria?
- Acha que é tratada de maneira diferente agora que está grávida pelos seus pais, irmãos, outros familiares, namorado/companheiro, grupo de amigas/os e colegas? Se sim, de que forma?
- O que é diferente antes de estar grávida e agora que está grávida? Houve muitas alterações na vida que tinha antes? Como tem sido para si estar grávida e querer sair com os amigos? A relação com o companheiro/pai do bebé mudou desde que está grávida? Como é que acha que ele a vê no presente? E em relação a si própria, como é que se vê actualmente em termos da sua maneira de ser e de aparência?

Para terminar gostaria que me falasse sobre como a gravidez jovem é vista na sociedade. Para isso, tenho algumas perguntas a fazer.

Tema 1: Individualização

Na adolescência dá-se um grande passo em direcção do processo de autonomia, na conquista das próprias características individuais, da liberdade, etc.

- Fale-me um pouco de si. Como se caracteriza a si própria e quais são as características que melhor a definem?
- Quais são os seus gostos musicais, filmes/artistas preferidos e programas televisivos que mais gosta de ver? Que tipo de roupas gosta mais de usar?
- O que faz nos tempos livres? Para onde costuma sair com os seus amigos/as? Para onde costuma ir de férias?
- Ao longo da sua vida acha que se teve liberdade para fazer as suas escolhas pessoais relacionadas com a sua aparência, com os seus gostos, interesses, com os seus tempos livres, com a escolha da sua roupa, com a escola, com o trabalho? Dê exemplos.

Tema 2: Ruptura vs. Continuidade com a tradição

A nossa sociedade possui um conjunto de regras e normas. O modo de vivenciar uma gravidez depende também da forma como a sociedade a vê.

- Como acha que as grávidas adolescentes são vistas pela sociedade? Por exemplo, acha que são olhadas de maneira diferente, punitiva/ condenatória ou tolerante (desculpabilizam, mostram pena por exemplo)?
Acha que a comunidade/local, onde vive, nomeadamente as pessoas/vizinhos a têm ajudado?
- Como acha que é vista pela sociedade enquanto grávida adolescente? E como vê isso? É importante para si o que os outros acham?
- Vê diferenças na forma como antigamente as grávidas adolescentes eram vistas em comparação com os dias de hoje? Se sim, que diferenças vê?
- Acha que para uma mulher é importante ser mãe? Se sim, em que é importante?
- Acha que há uma idade para ser mãe? Se sim, qual?
- Se fosse uma mulher da geração da sua mãe como via a gravidez adolescente?
- Por último, como acha que o estado tem desempenhado o seu papel no apoio a grávidas e mães adolescentes?

**ANEXO 5: TESTEMUNHOS DE JOVENS GRÁVIDAS SOBRE A SUA
EXPERIÊNCIA DA GRAVIDEZ**

A minha gravidez

Quando eu soube que estava grávida fiquei contente porque era uma coisa que eu sempre quis ser mãe, mas também fiquei triste porque como eu só tinha 16 anos e os meus pais não aceitaram muito bem a minha gravidez, pensei que estava "sozinha", não tinha ninguém que me apoiasse, porque eu quando soube estava numa instituição só de raparigas, mas ainda estava perto da minha casa e os meus pais podiam-me ir visitar, mas, agora estou aqui no Porto uma terra que os meus pais não conhecem e é difícil de me vir cá visitar. Já estou grávida de 17 semanas e já não vejo os meus pais desde o dia 18 de Novembro.

Aqui vou passar a minha gravidez sempre assim, apesar de ter o apoio de muita gente e o apoio dos meus pais, mesmo assim sinto-me sozinha.

Axo que a minha gravidez vai ser triste porque não estou ao pé da minha família, mas também contente porque sei que tenho o apoio deles. Mas quando nascer o meu filho(a) vai ter muito amor, carinho e vou fazer de tudo para ser uma boa mãe e assim pode ser que consiga ir de novo para ao pé da minha família porque eu apesar de tudo adoro o meu filho(a) e quero o melhor para ele(a).

16 anos

Quadro 1: Testemunho 1

Data: 26-1-2010

Redação

"A minha gravidez."

• Aspectos positivos.

• Aspectos negativos.

A minha gravidez foi mais do menos porque foi muito cedo quando só se começa a chorar porque sou muito nova para ser mãe? Eu quando soube que estava grávida pensei dar a menina para adoção mais como sei que não consigo cuidar dela a menina vai para adoção e eu vou para um colégio e vou pagar a escola direita. Mas vai me custar muito dar a menina mais ela vai ficar bem. A gravidez foi muito cedo.

14 anos

"1ª minha gravidez"

Quando fiquei grávida tive muito medo da reação dos meus pais porque era muito nova e eles podiam não aceitar a minha gravidez.

Quando a minha mãe soube da minha gravidez veio falar comigo disse-me que me ia apoiar em tudo e se sabia quem era o pai da criança eu disse-lhe que sim era o meu namorado e disse-me teus o número dele eu disse que sim a minha mãe ligou para ele a dizer para ir lá à casa porque queria falar com ele.

Ele disse está bem logo a noite passou aí em casa.

A noite ele veio e a minha mãe teve a falar com ele disse-lhe que eu estava grávida de 3 meses, ele disse está bem e aceita esta criança e deu nome de pai e assim ficou.

Passado três dias ele não ligava nem dizia nada me lá a casa apareceu quando a minha mãe resolveu ligar a perguntar se ele não ligava para saber de nada ele disse que não que não tinha que ligar a minha mãe disse-lhe aí não a minha filha está a espera de um filho teu e tu dizes que não queres saber sim eu não quero saber mais da tua filha nem desse filho que ela espera porque esse filho não é meu e assim foi ele não quis saber nunca mais sobre nada dele.

Mas quando fiquei a saber da minha gravidez eu fiquei triste porque ainda não estava preparada nem sabia como tomar conta de um filho mas passado algum tempo fui metendo na cabeça que ia ser mãe e fiquei mais contente mudei de opinião e disse para mim e para o meu filho eu vou ser uma boa mãe e de vou ter muito amor e carinho mesmo sem o teu pai meu filho vou ter força para de criar e tomar conta de ti mesmo que tenha que passar por tudo nesta vida mais nunca de vou deixar isto eu a dizer ao meu filho que estava tendo de mim e que me ouvia falar e a minha mãe também disse isto tudo. por fim fiquei muito feliz com a minha gravidez.

1ª gravidez - com 13 anos

2ª gravidez - com 15 anos

Quadro 3: Testemunho 3

ANEXO 6: GUIÃO DE ENTREVISTA DE MCADAMS "THE LIFE STORY
INTERVIEW" (1993, TRADUZIDO E ADAPTADO POR RICARDO PINHO E
JOAQUIM LUÍS COIMBRA, 2003)

GUIÃO DE ENTREVISTA

PROTOCOLO DE ENTREVISTA (SEMI-ESTRUTURADA)

McAdams (1993)

(Traduzido e adaptado por Ricardo Pinho & Joaquim Luís Coimbra, 2003)

McAdams sugere um protocolo de entrevista que podemos utilizar para explorar as narrativas pessoais. Este protocolo é resumido no esboço que se segue. É importante notar que se trata de uma entrevista “semi-estruturada”, que basicamente significa que a lista de questões iniciadas no protocolo constituem um guia mais do que algo ao qual se deva ser rigidamente fiel. O aspecto fulcral em usar uma entrevista semi-estruturada consiste em tentar e entrar, tanto quanto possível, no “mundo psicológico e social do entrevistado”. Devido a isto, o entrevistador tem que tentar atingir um grau substancial de harmonia com o entrevistado e isto por vezes significa permitir-lhe ter maior influência sobre a direcção da entrevista e sobre a ordem como alguns tópicos são incluídos. Além disso, o entrevistador é livre para explorar quaisquer questões interessantes que possam surgir que não estejam listadas no protocolo de entrevista.

Questão 1:

Capítulos da vida

Comece por pensar na sua vida como se fosse um livro. Cada parte da sua vida é um capítulo do livro. Certamente que nesta fase da sua vida, o livro não está acabado; no entanto, ainda assim contém alguns capítulos interessantes e bem definidos. Escolha tantos capítulos quantos quiser, mas McAdams sugere dividi-los em dois ou três ou no máximo sete ou oito capítulos. Pense nisto como um índice geral dos conteúdos do seu livro. Dê um nome a cada capítulo e descreva os conteúdos globais de cada um – os principais capítulos da sua vida. Debata brevemente o que é vantajoso na transição de um capítulo para o outro que se lhe segue. A primeira parte desta entrevista pode prosseguir durante muito tempo, mas procure mantê-la relativamente breve – entre 30-45 minutos. Não consegue (nem pode) contar “toda a história”; apenas uma interpretação que faz do esboço da história – os principais capítulos da sua vida.

Questão 2:

Acontecimentos-chave

Solicite oito acontecimentos-chave. Um acontecimento-chave é um acontecimento específico, um incidente crítico ou episódio significativo do seu passado. É útil pensar em tal acontecimento como constituindo um momento específico na sua vida que insiste por alguma razão. Por exemplo, uma conversa particular que teve com a sua mãe quando tinha 12 anos ou uma decisão particular tomada numa tarde de Verão podem constituir acontecimentos-chave na sua história de vida. Estes são momentos particulares num tempo e lugar particulares, que se completam com personagens, acções, pensamentos e sentimentos específicos. Para cada acontecimento descreva detalhadamente o que se passou, onde estava, quem estava envolvido, o que fez e o que pensava e o que sentia relativamente a esse

acontecimento. Tente comunicar o **impacto** que esse **acontecimento-chave** teve na sua **história de vida** e o que é que esse **acontecimento** lhe **diz sobre o que é que você é ou foi como pessoa**. Este **acontecimento** **modificou-o de alguma forma**? Se tal sucedeu, **de que forma**? **Especifique**. As pessoas expõem mais facilmente e são mais perspicazes quando falam sobre **episódios específicos, concretos** que ocorreram nas suas vidas. Deve, por conseguinte, focar um tempo e energia consideráveis em cada **acontecimento recordado, fornecendo os possíveis detalhes**.

Os oito **acontecimentos-chave** que devem ser objecto de análise são:

- 1) **Experiência máxima (pico)** – um ponto alto na sua história de vida; o momento mais maravilhoso da sua vida.
- 2) **Experiência mínima (nadir)** – um ponto mais baixo na sua história de vida; o pior momento na sua vida.
- 3) **Momento decisivo (ponto de viragem)** – um episódio em que passou por uma **modificação significativa na compreensão de si**. Não é necessário que na altura tenha visto esse **acontecimento** como um **momento decisivo** (ponto de viragem), mas apenas agora, ao fazer a **análise retrospectiva** (do passado).
- 4) **Recordação mais precoce (mais antiga)** – uma das recordações mais precoces completadas com **detalhes** sobre o **lugar, cenas, personagens, sentimentos e pensamentos**. Não tem que ser especialmente importante. O aspecto principal é que se trate de uma **memória precoce**.
- 5) **Uma recordação importante da infância** – qualquer recordações da infância, positiva ou negativa, que se destaque (pela **insistência** com que surge).
- 6) **Uma recordação importante da adolescência** – qualquer memória da adolescência que ainda hoje se destaque (pela **insistência** com que surge) – **positiva ou negativa**.
- 7) **Uma recordação adulta importante** – uma memória, positiva ou negativa, que se destaque (pela **insistência** com que surge) a partir dos 18 anos de idade.
- 8) **Outra recordação importante** – um acontecimento específico tanto do seu passado recente como do seu passado mais distante que se destaque (pela **insistência** com que surge) – **positiva ou negativa**.

Questão 3:

Pessoas significativas

A vida de cada pessoa é plena de algumas **pessoas significativas** que têm grande impacto na narrativa, por exemplo, **pais, filhos, irmãos, cônjuge** (marido ou mulher), **namoradas, amigos professores, colegas de trabalho, tutores** e assim sucessivamente. Descreva **quatro das pessoas mais importantes na sua história de vida**. Especifique a **relação que teve ou tem com cada pessoa** e a forma específica como ela teve **impacto na sua história de vida**. Depois disto, descreva se tem ou não **heróis ou heroínas específicos na sua vida** (*pessoas, homem ou mulher, personagem, do passado ou da actualidade que admira e porquê?*).

Questão 4

central, mensagem ou ideia, que surge do texto? Qual é o seu principal tema de vida?

**ANEXO 7: GUIÃO DA ENTREVISTA: ENTREVISTA DO IMPACTO DA GRAVIDEZ
ADOLESCENTE (ORIENTADA PARA A PERSPECTIVA DA MÃE (EIGA))**

ENTREVISTA DO IMPACTO DA GRAVIDEZ ADOLESCENTE
(ORIENTADA PARA A MÃE DA JOVEM) (EIGA)
GUIÃO

Universidade do Porto – Versão para investigação

Data: __/__/__

PARTE I

Com este conjunto de questões pretende-se conhecer quais as mudanças introduzidas pela gravidez da sua filha. Mas primeiro gostaria de conhecer um pouco da sua situação actual.

1. Percurso Pessoal e Profissional

- Que idade tem e em que data nasceu?
- Onde vive e com quem vive actualmente?
- É casada, solteira, divorciada ou vive em união de facto?
- Para além da sua filha tem mais filhos? Se sim, com que idade e o que fazem?
- Até que ano estudou?
- Está a trabalhar? Se sim, onde?

2. Tomada de conhecimento da gravidez da filha

- Como soube que a sua filha estava grávida? Ela estava com quantas semanas?
- Como reagiu? O que fez, pensou e o que sentiu naquele momento?
- Como descreveria a sua filha neste momento? Como acha que ela está a lidar com a gravidez?

3. Impacto da gravidez

- Que mudanças ocorreram desde que a sua filha está grávida? Consegue descrever com exemplos. O que mudou, por exemplo a sua filha tem estado mais por casa, tem dedicado o seu tempo a ensiná-la a lidar com a gravidez e a preparar a chegada do bebé?
- Como se comporta o pai em relação à gravidez da filha? E os irmãos e outros familiares mais próximos? E os vizinhos? O que têm dito e feito? Como vê e reage a isso?

4. Relações de apoio

- Como é a relação que tem com a sua filha? Pode dar exemplos? A relação mudou desde a gravidez da sua filha?
- Tem apoiado a gravidez da sua filha, por exemplo dando apoio emocional, material (dinheiro), na prestação de cuidados, no acompanhamento às consultas médicas, etc.?
- Consegue dar-me exemplos? Acha que este apoio tem sido suficiente? (é o que ela precisa)

5. Projectos futuros para a filha

- O que deseja para a sua filha, por exemplo quer que ela continue/vá estudar, vá trabalhar, que case, tenha uma casa própria, etc. Tente descrever. O que acha que pode fazer para isso se concretizar? E ela, o que pode fazer?

**ANEXO 8: GUIÃO DA ENTREVISTA ABERTA DIRIGIDA AOS NAMORADOS DAS
JOVENS GRÁVIDAS**

ENTREVISTA ABERTA
(ORIENTADA PARA O COMPANHEIRO)
GUIÃO

Universidade do Porto – Versão para investigação

Data: __/__/__

Gostaria que falasse sobre o modo como está a aceitar/ vivenciar/lidar com esta mudança, a ajudar a sua companheira; como é a sua relação com ela; se mudou com a gravidez por exemplo; mudanças na sua vida; pensamentos e sentimentos associados.

Foi então realizada uma entrevista aberta à volta destas temáticas. As questões foram surgindo no fluir da conversa, sempre à volta destes núcleos centrais, sendo que a entrevistadora orientou a participação dos entrevistados.

ANEXO 9: DECLARAÇÕES DE CONSENTIMENTO INFORMADO

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

(Participante grávida)

No âmbito de um estudo sobre a gravidez adolescente que se encontra em curso na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, agradecemos a sua participação que inclui a sua resposta a uma entrevista. A sua participação é voluntária e toda a informação recolhida na entrevista é absolutamente confidencial.

Eu, _____ declaro aceitar colaborar como participante no estudo referido, em curso na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, conforme as condições acima apresentadas e aceito ser contactada para a realização da entrevista, autorizando a sua gravação em áudio.

A Participante,

Data: _____

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

(Progenitora da adolescente grávida)

No âmbito de um estudo sobre a gravidez adolescente que se encontra em curso na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, agradecemos a sua participação que inclui a sua resposta a uma entrevista. A sua participação é voluntária e toda a informação recolhida na entrevista é absolutamente confidencial.

Eu, _____ declaro aceitar colaborar como participante no estudo referido, em curso na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, conforme as condições acima apresentadas e aceito ser contactada para a realização da entrevista, autorizando a sua gravação em áudio.

A Participante,

Data: _____

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

(Encarregado de educação da adolescente grávida)

No âmbito de um estudo sobre a gravidez adolescente que se encontra em curso na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, vimos pelo presente, pedir a sua autorização, na qualidade de encarregado de educação de _____, para a sua participação no estudo referido.

Tal participação inclui a realização de uma entrevista. O direito à confidencialidade será escrupulosamente respeitado, de acordo com a ética e deontologia da investigação psicológica.

Eu _____, encarregado de educação de _____, declaro que autorizo a sua participação no estudo acima indicado.

Data: _____

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

(Pai do futuro bebé)

No âmbito de um estudo sobre a gravidez adolescente que se encontra em curso na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, agradecemos a sua participação que inclui a sua resposta a uma entrevista. A sua participação é voluntária e toda a informação recolhida na entrevista é absolutamente confidencial.

Eu, _____ declaro aceitar colaborar como participante no estudo referido, em curso na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, conforme as condições acima apresentadas e aceito ser contactado para a realização da entrevista, autorizando a sua gravação em áudio.

O Participante,

Data: _____

**ANEXO 10: SISTEMA CATEGORIAL UTILIZADO E GRELHAS INDIVIDUAIS DE
ANÁLISE DE CONTEÚDO DE TODOS OS PARTICIPANTES**

CATEGORIAS RELATIVAS ÀS GRÁVIDAS ADOLESCENTES	SUB-CATEGORIAS
1. FAMÍLIA DE ORIGEM	<ul style="list-style-type: none"> Figuras do espaço familiar e caracterização sócio-demográfica Relações familiares
2. PERCURSO PESSOAL	<ul style="list-style-type: none"> Dados socio-demográficos
3. HISTÓRIA DE NAMORO	<ul style="list-style-type: none"> Tempo de namoro Caracterização sócio-demográfica do pai do bebé
4. SITUAÇÃO E PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL	<ul style="list-style-type: none"> Perspectivas e vivências escolares Percurso escolar Projectos vocacionais Trajecto profissional
5. GRAVIDEZ E ACOMPANHAMENTO MÉDICO E PSICOLÓGICO	<ul style="list-style-type: none"> Tempo gestacional Percepção das transformações corporais Alterações físicas e emocionais
6. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS	<ul style="list-style-type: none"> Construir uma família Projecto escolar e profissional
7. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ	<ul style="list-style-type: none"> Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas face à gravidez Reacções iniciais emocionais e cognitivas dos familiares face à gravidez Reacções iniciais emocionais e cognitivas do pai da criança face à gravidez Fatalismo

CATEGORIAS RELATIVAS ÀS GRÁVIDAS ADOLESCENTES (cont.)	SUB-CATEGORIAS
8. DIFICULDADES, DESAFIOS E EXIGÊNCIAS ACRESCIDAS	<ul style="list-style-type: none"> • Mudanças • Dificuldades
9. FIGURAS SIGNIFICATIVAS DURANTE A GRAVIDEZ	<ul style="list-style-type: none"> • Fontes de apoio • Percepção da qualidade do apoio
10. EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CRIANÇA E AO PAPEL MATERNO	<ul style="list-style-type: none"> • Representações, sonhos e expectativas em relação à criança • Representações relativas ao papel materno
11. INTEGRAÇÃO DA GRAVIDEZ NO SELF	<ul style="list-style-type: none"> • Maturidade gravídica
12. INDIVIDUALIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Idiossincrasias • Autonomia
13. RUPTURA VS CONTINUIDADE COM A TRADIÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Discursos sociais sobre a gravidez e maternidade precoce • Diferenças geracionais • Papel do estado

Quadro nº 1 – Sistema categorial relativo às grávidas adolescentes

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS RELATIVAS ÀS GRÁVIDAS ADOLESCENTES	DESCRITIVO
<p>1. FAMÍLIA DE ORIGEM</p> <ul style="list-style-type: none"> Figuras do espaço familiar e caracterização sócio-demográfica Relações familiares 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - composição do agregado familiar e caracterização sócio-demográfica (<i>e.g.</i>, número de pessoas com quem vive, caracterização sócio-geográfica da família da origem, idade, localidade) - das relações familiares (qualidade do relacionamento)
<p>2. PERCURSO PESSOAL</p> <ul style="list-style-type: none"> Dados socio-demográficos 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - dos dados sócio-demográficos (<i>e.g.</i>, idade, localidade, nível de escolaridade)
<p>3. HISTÓRIA DE NAMORO</p> <ul style="list-style-type: none"> Tempo de namoro Caracterização sócio-demográfica do pai do bebé 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - percurso e duração do namoro - idade, localidade, situação escolar e profissional do pai do bebé
<p>4. SITUAÇÃO E PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL</p> <ul style="list-style-type: none"> Perspectivas e vivências escolares Percurso escolar Projectos vocacionais Trajecto profissional 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - relação de cada participante com o contexto escolar - número de anos de escolaridade até ao momento - planos que tem ao nível da dimensão vocacional - profissões desempenhadas até ao momento

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS RELATIVAS ÀS GRÁVIDAS ADOLESCENTES	DESCRITIVO
<p>5. GRAVIDEZ E ACOMPANHAMENTO MÉDICO E PSICOLÓGICO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tempo gestacional • Percepção das transformações corporais • Alterações físicas e emocionais 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - mês de gestação - mudanças corporais (e.g., aumento do abdómen) - alterações físicas e emocionais (e.g., vômitos, sonolência, câibras, choro, alegria, tristeza)
<p>6. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construir uma família • Projecto escolar e profissional 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - constituição de um lar - estudar e trabalhar
<p>7. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reacções iniciais das participantes face à gravidez • Reacções iniciais dos familiares face à gravidez • Reacções do pai da criança face à gravidez • Fatalismo 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conjunto de reacções iniciais cognitivas e emotivas das participantes face à gravidez - conjunto de reacções iniciais cognitivas e emotivas dos familiares - conjunto de reacções iniciais cognitivas e emotivas do pai do bebé - Fatalismo (a gravidez é percebida como um factor do destino)

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS RELATIVAS ÀS GRÁVIDAS ADOLESCENTES (cont.)	DESCRITIVO
<p>8. DIFICULDADES, DESAFIOS E EXIGÊNCIAS ACRESCIDAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mudanças • Dificuldades 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - conjunto de mudanças vividas - conjunto de dificuldades vividas e como foram geridas
<p>9. FIGURAS SIGNIFICATIVAS DURANTE A GRAVIDEZ</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fontes de apoio • Percepção da qualidade do apoio 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fontes de apoio (<i>e.g.</i>, mãe, pai, irmãos, namorado, etc). - Percepção da qualidade do apoio
<p>10. EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CRIANÇA E AO PAPEL MATERNO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Representações, sonhos e expectativas em relação à criança • Representações em relação ao papel materno 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Representações, sonhos e expectativas em relação à criança - Como se projecta no papel de mãe
<p>11. INTEGRAÇÃO DA GRAVIDEZ NO SELF</p> <ul style="list-style-type: none"> • Maturidade gravidica 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de equilibrar necessidades, objectivos pessoais com necessidades do bebé emergente

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS RELATIVAS ÀS GRÁVIDAS ADOLESCENTES (cont.)	DESCRITIVO
<p>12. INDIVIDUALIZAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Idiossincrasias • Autonomia 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Idiossincrasias (neste caso referente a singularidades que nos individualizam e nos tornam únicos e irrepetíveis) - Autonomia (neste caso referente às escolhas, decisões e responsabilidades exercidas)
<p>13. RUPTURA VS. CONTINUIDADE COM A TRADIÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discursos sociais sobre a gravidez e maternidade precoce • Diferenças geracionais • Papel do estado 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Representações e construções sociais a respeito da gravidez e maternidade precoce - Diferenças geracionais (mudanças sociais e culturais) - Papel do estado (referente a políticas sociais)

Quadro nº 2 – Sistema categorial e definição relativo às grávidas adolescentes

CATEGORIAS RELATIVAS ÀS MÃES DAS ADOLESCENTES	SUB-CATEGORIAS
1. PERCURSO PESSOAL	<ul style="list-style-type: none"> • Figuras do espaço familiar e socio-demográfica • Relações familiares
2. PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL	<ul style="list-style-type: none"> • Percurso escolar • Trajecto profissional
3. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ DA FILHA	<ul style="list-style-type: none"> • Reacções iniciais emocionais e cognitivas face à gravidez da filha
4. IMPACTO DA GRAVIDEZ DA FILHA	<ul style="list-style-type: none"> • Mudanças • Estranheza
5. RELAÇÕES DE APOIO	<ul style="list-style-type: none"> • Mãe cuidadora • Disponibilidade e Reciprocidade
6. PROJECTOS FUTUROS PARA A FILHA	<ul style="list-style-type: none"> • Estudar e trabalhar

Quadro nº 3 – Sistema categorial relativo às mães das jovens grávidas

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS RELATIVAS ÀS MÃES DAS ADOLESCENTES	DESCRITIVO
<p>1. PERCURSO PESSOAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Agregado familiar e características sócio-demográficas • Relações familiares 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - composição do agregado familiar e caracterização das relações familiares (e.g.; caracterização sócio-geográfica da família da origem, idade, localidade, qualidade do relacionamento) - caracterização das relações familiares
<p>2. PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL</p>	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> -percurso escolar -trajecto profissional
<p>3. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ DA FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reacções iniciais face à gravidez da filha 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - reacções iniciais emocionais e cognitivas face à gravidez da filha
<p>4. IMPACTO DA GRAVIDEZ DA FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mudanças • Estranheza 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - reorganizações iniciadas com o facto da filha estar grávida - referente a reacções de estranheza face a à gravidez da filha "acidental" "sem aviso"
<p>5. RELAÇÕES DE APOIO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mãe cuidadora 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - figura maternal presente e disponível ao nível emocional e instrumental

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS RELATIVAS ÀS MÃES DAS ADOLESCENTES	DESCRITIVO
<p>6. PROJECTOS DE VIDA FUTURO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estudar e trabalhar 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista da entrevistada acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a filha continuar os estudos e encontrar um bom trabalho

Quadro nº 4 – Sistema categorial e definição relativo às mães das jovens grávidas

CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS
1. PERCURSO PESSOAL	<ul style="list-style-type: none"> Dados socio-demográficos (e.g., idade, escolaridade, profissão, contexto de origem, contexto familiar)
2. IMPACTO DA GRAVIDEZ	<ul style="list-style-type: none"> Reacções emocionais e cognitivas à tomada de conhecimento da gravidez Mudanças inerentes
3. RELAÇÕES DE APOIO	<ul style="list-style-type: none"> Pai do bebé cuidador
4. PROJECTOS FUTUROS	<ul style="list-style-type: none"> Cuidar do filho que vai nascer Arranjar trabalho e construir lar

Quadro nº 5 – Sistema categorial relativo aos pais do bebé

CATEGORIAS E SUB-CATEGORIAS RELATIVAS ÀS PAIS DOS FUTUROS BEBÉS	DESCRITIVO
<p>1. PERCURSO PESSOAL</p> <ul style="list-style-type: none"> Dados socio-demográficos 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista do entrevistado acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - da idade, escolaridade, profissão, contexto de origem, contexto familiar
<p>2. IMPACTO DA GRAVIDEZ</p> <ul style="list-style-type: none"> Reacções à tomada de conhecimento da gravidez Mudanças Dificuldades 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista do entrevistado acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - das reacções emocionais e cognitivas face à tomada de conhecimento da gravidez - mudanças inerentes - dificuldades sentidas
<p>3. RELAÇÕES DE APOIO</p> <ul style="list-style-type: none"> Pai do bebé cuidador 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista do entrevistado acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - da sua disponibilidade emocional e instrumental para apoiar a grávida adolescente
<p>4. PROJECTOS FUTUROS</p> <ul style="list-style-type: none"> Cuidar do filho que vai nascer Arranjar trabalho e construir lar 	<p>Pertencem a esta categoria os enunciados que caracterizam o ponto de vista do entrevistado acerca:</p> <ul style="list-style-type: none"> - da motivação em prestar cuidados ao filho que irá vai nascer - em criar condições para sustentar a futura família

Quadro nº 6 – Sistema categorial e definição relativo aos pais dos bebés

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIA

1. FAMÍLIA DE ORIGEM

- Figuras do espaço familiar e caracterização socio-demográfica
- Relações familiares

“Os meus pais estão separados há 5 meses. O meu pai bebe muito e batia na minha mãe, depois ela deixou-o e foi para uma casa abrigo. (...) A minha mãe veio agora para o continente. O meu pai é pedreiro e minha mãe é empregada a dias. (...) A minha mãe tem 46 e o meu pai 58. Tenho um irmão e uma irmã que vivem no Funchal. A minha irmã tem 30 anos e o meu irmão tem 25. A minha irmã já é casada, tem um filho com 8 anos. Trabalha numa loja de roupa. O meu irmão tem 25, trabalha nas obras como o meu pai. Já têm casa deles. O meu irmão tem o 5º ano e a minha irmã o 6º ano.”

“É boa com todos (*a relação*), menos com o meu pai.”

2. PERCURSO PESSOAL

- Dados socio-demográficos

“Tenho 15, vou fazer 16 em Setembro, dia 22. Nasci em 1994.”

“Estou a viver aqui; a viver (*na comunidade*), somos 7 raparigas entre os 14 e os 20 anos. Todas já têm bebés menos eu e outra rapariga. Vimos de sítios diferentes. Sou do Funchal, da freguesia de Santo António.”

“Gosto de estar com as outras raparigas (...) Temos muitas responsabilidades, temos de cumprir tudo, temos tarefas para tudo, Há dias para limpar a casa, horas para comer, vestir, tomar banho. As outras raparigas que são mães têm horas para dar todos cuidados aos bebés (...) Mas tenho saudades de casa. São muitas regras que temos de cumprir, senão depois somos castigadas. Se num fim-de-semana está combinado sairmos e não cumprimos as tarefas já não nos deixam ir. Se não fazemos uma tarefa como elas querem tiram-nos o telemóvel. (...) Damo-nos bem, às vezes há problemas, mas prontos. Quando uma rapariga não faz as coisas que tem de fazer ou faz mal ou não faz da forma que querem.”

3. HISTÓRIA DE NAMORO

- Tempo de namoro
- Caracterização sócio-demográfica do pai do bebé

“Foi na praia. Ele meteu conversa comigo e começamos a ver-nos mais vezes. É mais velho 10 anos do que eu. Desde que vim para o continente nunca mais o vi. Ele tem outra família... uma mulher e filhos (...) Nunca namorei.”

“Trabalha nas obras. (...) Tem o 6ºano.”

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIA (cont.)

4. SITUAÇÃO E PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

- Perspectivas e vivências escolares
- Percurso escolar
- Projectos vocacionais

- Trajecto profissional

“Nunca gostei muito da escola, de estudar (...) A minha mãe queria que fizesse o 9º ano mas tinha muitas negativas (pausa) já não me apetecia! Andava lá por andar! Gostava de estar com as minhas amigas (...) E depois apanhei uma professora que não fui com ela! Saí! Agora também não dá! (pausa) (...) Estava a pensar em estudar outra vez. Também deixei de estudar, não gostava muito da escola.”

“Tenho o 6º ano. Deixei há 2 anos a escola.”

Não sei, nunca gostei da escola. Quero tirar um curso daqueles de temos de ter o 9º ano para cuidar de idosos.

Não, *(em relação ao trabalho)* só ajudava a minha mãe em casa. (...) Quero trabalhar com idosos.”

No trabalho, nunca trabalhei, mas quero trabalhar, preciso de trabalhar para sustentar agora o meu bebé.”

5. GRAVIDEZ E ACOMPANHAMENTO MÉDICO E PSICOLÓGICO

- Tempo gestacional
- Percepção das transformações corporais
- Alterações físicas e emocionais

“Estou no 7º mês. Falta pouco! (...) Sim, ele mexe-se muito. (Risos) (...) Sim, vou todos os meses desde que descobri que estava grávida. Já fiz duas ecografias. Vi que vou ter um menino (...) Tenho muito sono e no início não me sentia muito bem, enjoava muito... (...) quando estava no Funchal, fui a uma psicóloga, só uma vez. Falamos sobre o que eu ia fazer. Se ficava com o bebé ou não. Mas já estava com 4 meses. Não dava!”

“O meu corpo está muito diferente, mas dizem que é mais fácil ser grávida nova, o corpo vai mais rápido ao sítio.”

Às vezes só me dá vontade de chorar, chorar e não sair da cama. Ainda fico triste. Mas prontos (pausa). Tenho de seguir em frente. Mas noutros dias acordo feliz e olho para a minha barriga e faço festinhas no meu bebé. Nisso a minha mãe tem ajudado muito e aqui também as outras raparigas me ajudam. (...) Quando penso tenho medo que corra alguma coisa mal, no momento de ter o bebé ou que o bebé tenha algum problema.” “Fiquei muito feliz na ecografia, chorei de alegria quando vi o coração do bebé a bater.”

“Sinto-me mais ou menos, tenho altos e baixos.”

6. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS

- Construir uma família
- Projecto escolar e profissional

“Quero que o meu bebé nasça perfeito e com boa saúde. Depois não sei como vai ser. Quero sair daqui, ter a minha casa ... ir viver com a minha mãe (...) Quando o meu bebé nascer e quando ele já tiver uns meses quero ir trabalhar (...) Agora tenho de ganhar dinheiro.”

(...) Gostava de ter o 9º ano, fazer um curso de idosos. (...) É muito difícil, quase impossível. Tenho de trabalhar muito para conseguir fazer tudo: ser uma boa mãe e ter um trabalho.”

“O futuro é incerto, mas quero sair daqui. Arranjar trabalho.”

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIA (cont.)

7. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ

- Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas face à gravidez
- Reacções iniciais emocionais e cognitivas dos familiares face à gravidez

Reacções iniciais emocionais e cognitivas do pai da criança face à gravidez

- Fatalismo

“Estava com 4 meses (...) Andava a sentir-me mal, muito enjoada até que na escola desmaiei e levaram-me para o hospital. Como estava calor pensei que era disso. A médica disse que estava grávida. Não queria acreditar que fosse verdade! Foi muito duro! (...) O meu coração ficou logo a tremer... fiquei toda a tremer! Não me vinha o período há muito tempo. Mas também era muito incerto, achava que era normal. Nem pensei nisso...Lembro-me que comecei logo a chorar e fui para casa e chorei todo o dia e chorava sempre. Apesar de adivinhar... não queria acreditar, parecia que naquele instante o mundo ia acabar. Foi muito duro.... Um choque! Fiquei assustada! Muda tudo! Saber que vamos ter um bebé, quando não estamos a contar e somos ainda crianças! (...) O que é que eu pensei... fiquei triste, fiquei com medo, nervosa, desamparada, sem saber o que fazer. Não sei ... Passou-me tanta coisa pela cabeça. Ficar ou não ficar com o bebé. Mas também já não dava, já estava com muito tempo. Não sabia o que ia acontecer...Não tenho condições, o dinheiro sempre faltou lá em casa... e, assim, de repente saber que ia ter um bebé e o pai ter outra família.... Tudo isto e a falta de dinheiro tornou mais difícil aceitar a minha gravidez. Foi muito azar.... Prontos! Temos de aceitar e andar para a frente.” (...)

“Só contei à minha mãe. A minha mãe nem queria acreditar! Disse que eu não tinha cabeça, o que eu tinha feito, mas depois abraçou-me a chorar e disse deixa estar, tudo se resolve, só não há remédio para a morte! (...) depois com o tempo disse que ia gostar de ser avó.”

“A minha mãe contou ao meu pai, muito tempo depois, ele é alcoólico, não reagiu nada bem, disse uns palavrões, mas depois não ligou. Agora também estão separados. Os meus irmãos foram apanhados de surpresa. Foi a minha mãe que contou.” (...)

“O pai do bebé não quis saber! Nunca mais falei com ele. Depois quando o bebé nascer quero ver como as coisas ficam! Ele não quer assumir o filho.”

“Não tive sorte nenhuma, nunca a tive! (...) Às vezes penso que é o destino!”

8. DIFICULDADES, DESAFIOS E EXIGÊNCIAS ACRESCIDAS

- Mudanças
- Dificuldades

“A minha vida mudou muito. Está a ser tudo diferente, tantas mudanças. Muda tudo! Foi muito difícil. Vim para cá pelo tribunal de menores. A minha mãe foi para a casa de mulheres vítimas de violência doméstica. No Funchal não há lares para grávidas, há para mulheres vítimas de violência doméstica mas para grávidas não há!”

(...) A minha grande dificuldade é adaptar-me aqui. Também estou cá há pouco tempo (...) Mais ou menos. Com dificuldades, mas acho que vai correr bem. (...) Vou-me adaptando, tem de ser mesmo assim! Temos de nos adaptar à nossa vida!”

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIA (cont.)

9. FIGURAS SIGNIFICATIVAS DURANTE A GRAVIDEZ

- Fontes de apoio
- Percepção da qualidade do apoio

"A minha mãe, as raparigas de cá! (...) A minha mãe está cá no Continente, está numa pensão, num quarto em Pinto Bessa. Ao fim de semana estamos juntas. Ela vem cá. A minha mãe é o meu grande apoio. Gosto muito muito dela. Ajudou-me muito no início, se não fosse ela... não sei como as coisas seriam! Neste pouco tempo cresci muito rápido! (...) Ajudou-me no que podia com o enxoval do bebé, mas é muito difícil agora. Está a trabalhar a dias numa casa na foz, mas ganha pouco e cá é tudo mais caro. Só nos temos uma a outra. Aqui falamos entre todas, têm-me ajudado a encarar a gravidez e tenho aprendido muitas coisas da escola e cuidados a ter com o bebé. O que me tem valido é a minha mãe. Aqui também me ajudam, já me deram muita roupinha para o meu bebé. Nisso a minha mãe tem-me ajudado muito, posso contar sempre com ela!" *(nas dificuldades)*

"Sim, estou *(satisfeita com o apoio)*."

10. EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CRIANÇA E AO PAPEL MATERNO

- Representações, sonhos e expectativas em relação à criança
- Representações em relação ao papel materno

"Às vezes ponho-me a imaginar o meu bebé e começo a falar com ele! Já sonhei que andava a passear de carrinho com o meu bebé perto da praia, mas também tenho muito medo do parto, que as coisas corram mal. Tenho muitos medos. Já sonhei que o parto tinha corrido mal e o meu bebé tinha morrido. Quero que o bebé tenha tudo o que nunca tive. Não sonho que ele seja doutor mas que tenha uma boa educação e um bom trabalho. Já sei que é um menino, vai-se chamar João! Eu queria muito uma menina, mas também vou gostar de ter um menino. A única coisa que quero é que venha perfeito e saudável. O resto logo se vê. Espero que não chore muito (sorriso) e seja um menino bem comportado, com bom feitio, que saia a mim! (...) Sonho com tudo de bom para ele, já é a pessoa mais importante da minha vida. Quero que ele cresça e seja feliz! Tenho uma vida pela frente para criá-lo!"
"Acho que vou ser uma boa mãe!"

11. INTEGRAÇÃO DA GRAVIDEZ NO SELF

- Maturidade gravídica

(...) "Quero que o tempo passe rápido, ter o meu filho no colo. Agora a minha identidade é estar grávida e ser uma futura mamã. (...) Acho que sim, sou vista como uma mulher por todos, uma futura mãe!"
"No início fiquei sem saber o que fazer... depois as coisas melhoraram... A vida é assim (...) Como me vejo? Vou ser mãe e isso muda tudo."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIA (cont.)	
<p>12. INDIVIDUALIZAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Idiossincrasias • Autonomia 	<p>“Não gosto de falar muito sobre mim. Acho que sou trabalhadora, organizada... não sei...”</p> <p>“Gosto de ver os programas de manhã, a Fátima Lopes, o Você na TV, ouvir música de todo o tipo. Não ligo muito à roupa, qualquer coisa serve.”</p> <p>“Ia para a praia, quando fiquei grávida não saía de casa, só saía para ir ao centro de saúde. Ficava em casa a ver televisão e ajudar a minha mãe. Aqui também não saio.”</p> <p>“Com forças para continuar a lutar! <i>(quando foi perguntado como se avalia a si própria)</i> (...) Tudo é diferente. Vim para cá o que mudou tudo!</p> <p>“Mais ou menos, sempre fui muito obediente. Aceito tudo que me dizem.”</p>
<p>13. RUPTURA VS CONTINUIDADE COM A TRADIÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discursos sociais sobre a gravidez e maternidade precoce • Diferenças geracionais • Papel do estado 	<p>“Agora já não tenho vergonha e prontos já não ligo ao que as pessoas dizem. (...) Sim, somos olhadas como coitadinhas, olhadas com pena. Quando estava no Funchal as minhas vizinhas diziam à minha mãe que tinham pena de mim. Lá era muito pior! Mas as pessoas vêm isso de forma muito má.”</p> <p>“A minha mãe foi mãe aos 16 anos, na altura era muito pior, eram apontadas na rua, sinal de pecado.” Sim, uma mulher tem de ser mãe, faz parte da mulher. É importante termos filho!”</p> <p>“Não, acho que não, mas é melhor quando há condições, dinheiro, companheiro... senão é muito difícil.”</p> <p>“Via com bons olhos, não é crime nenhum, mas deve ser aceite pelos pais, assim não é tão difícil.”</p> <p>“Não, não somos apoiadas, acho que somos escondidas como fosse um crime.” <i>(em relação ao papel do estado)</i></p>

Quadro 1: Grelha individual de análise de conteúdo da Maria

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ANA

1. FAMÍLIA DE ORIGEM

- Figuras do espaço familiar e caracterização socio-demográfica
- Relações familiares

“São casados. (...) O meu pai é fiel de armazém e a minha mãe trabalha numa fábrica. A minha mãe tem 43 e o meu pai 56. Tenho três irmãos mais velhos. O João com 20, o António com 22 e o André com 23. Todos já estão a trabalhar. O João e o António trabalham na mesma fábrica que o meu pai, o André é motorista da STCP. Têm todos o 6º ano e o João o 8º ano (...) Vivem no bairro.” (...)

“É boa. Gosto muito de todos.” (...)

2. PERCURSO PESSOAL

- Dados socio-demográficos

“Tenho 16, nasci no dia 24 de Novembro de 1993. Vivo aqui no bairro do cerco. Tem o lado bom: conhecemos toda a gente, há muito convívio, mas também se metem muito na vida uns duns outros. Os apartamentos são muito juntos uns aos outros, ouvimos tudo que se passa. Temos pouca privacidade. Agora nem tanto, mas aqui atrasado, andava muita polícia por aqui por causa da droga e isto era perigoso de dia e de noite.”

3. HISTÓRIA DE NAMORO

- Caracterização sócio-demográfica do pai do bebé
- Tempo de namoro

“Na escola há 2 anos (*quando conheceu o namorado*). Ele e os amigos dele metiam-se comigo e com as minhas amigas. Começamos a ver-nos todos os dias na escola e depois a namorar. Amo-o muito!”

Tem 19. Deixou de estudar e foi trabalhar com o pai. É padeiro. Tem o 7ºano incompleto como eu. (...) Tive antes dele um namorisco... nada de mais.”

“Mais ou menos há um ano.”

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ANA (cont.)

4. SITUAÇÃO E PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

- Perspectivas e vivências escolares
- Percurso escolar
- Projectos vocacionais

- Trajecto profissional

“Não dava para estudar e também não tinha vontade de estudar! Depois penso em voltar a estudar. O 6º ano não dá para nada, nem para limpar escadas.”

“Deixei de estudar o ano passado. Na primária era boa aluna, tirava boas notas. Depois quando entrei para o 5º ano, tudo ficou mais difícil. Passei do 5º para o 6º ano, reprovei no 6ºano e reprovei duas vezes no sétimo.”

“Não (*nunca trabalhou*) Não sei. Agora também não penso nisso.”

“Tenho o 7º ano incompleto.”

“Nunca trabalhei.”

5. GRAVIDEZ E ACOMPANHAMENTO MÉDICO E PSICOLÓGICO

- Tempo gestacional
- Percepção das transformações corporais
- Alterações físicas e emocionais

“Estou no 6º mês. Algumas vezes, é estranho, mas bom! Sim (*relativamente ao facto de ter tido acompanhamento médico*). Fiz uma ecografia. Deu para ver que vou ter uma menina! Nem por isso, sinto o peso da barriga e às vezes dói-me as costas.”

“Com a gravidez, a minha aparência e o meu corpo mudaram, mas é mesmo assim (...)”

“Depende. Há dias em que me sinto bem, alegre, noutros dias acordo triste, choro todo o dia. Às vezes por qualquer coisa explodo... é muito difícil lidar com sentimentos como o medo, a solidão, a tristeza, a falta de vontade... Deus queira que corra tudo bem!”

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ANA

6. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS

- Construir uma família
- Projecto escolar e profissional

“Tenho pensado no futuro, como vai ser quando for mãe. Um filho é para toda a vida. Vou ser mãe para toda a vida! Nunca se está preparada para um acontecimento destes com 16 anos...São muitas dúvidas! Assim que a minha bebé nascer, vou viver com o meu namorado. Ele anda a ver casas para nós.”

“Queria ser esteticista. (...) É muito difícil. Passamos de meninas a mulheres num estalar de dedos. Estou a perder a minha juventude, separei-me das minhas amigas (...) la estudar mas agora já não posso. Mas depois quero voltar a estudar... depois arranjar trabalho.”

7. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ

- Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas face à gravidez
- Reacções iniciais emocionais e cognitivas dos familiares face à gravidez
- Reacções iniciais emocionais e cognitivas do pai da criança face à gravidez
- Fatalismo

“Estava com 3 meses e meio. Foi no médico. Andava meia adoentada, não andava a senti-me bem... e fui um dia ao médico com a minha mãe. Fiz análises e deu que estava grávida com mais de 3 meses. Chorei logo feito uma desalmada, não podia ser verdade. Era mau demais! Quase que desmaiei, faltou-me o chão! A médica é que me acalmou. A minha mãe também estava muito nervosa (...) Senti-me perdida, não sabia o que fazer (...) Já não podia fazer nada. Não queria estar grávida. Sim já quero. Fiquei sem saber o que fazer.... Mas a vida é assim.”

“Foi uma confusão, muitos sentimentos: fiquei confusa, muito nervosa, a tremer muito. Fiquei tão envergonhada depois! (...) Que o mundo ia acabar! Foi muito muito difícil contar (pausa). Senti que o mundo tinha caído sobre a minha cabeça. Não tive coragem de contar a ninguém. Foi a minha mãe que contou a todos.” “Todos foram apanhados de surpresa. Senti-me muito mal...Sentia que todos me recriminaram, me acusavam com o olhar. Senti-me com medo, com muitas dúvidas! Foi muito difícil no início. Ninguém consegue imaginar como é! Tinha vergonha de sair à rua. Mas agora as coisas estão melhores. Todos já se habituaram à ideia. Contei ao meu namorado, ele aceitou bem.”

“Nunca esperava estar grávida, foi uma vez que aconteceu. Foi muito azar!”

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ANA (cont.)

**8. DIFICULDADES, DESAFIOS E EXIGÊNCIAS
ACRESCIDAS**

- Mudanças
- Dificuldades

"Muito difícil, muda tudo. Ia voltar a estudar, mas agora não posso (...) Passo os dias em casa. A ver televisão. Só saio para ir ao médico e comprar coisas para o bebé e para casa. Separei-me das minhas amigas (...) Depois com o nascimento do meu bebé ... aí é que vai ser... mais responsabilidades. (...) A médica deu-me um plano alimentar para eu seguir, para ter cuidado com o que eu como. Agora tenho de pensar no meu bebé. Não posso comer tantas porcarias. Engordei mais do que é normal e agora tenho de ter mais cuidado."

"Mudou tudo. Tenho novas responsabilidades que vão aumentando quando vier o bebé. Quase não saio de casa, o meu namorado vai cá a casa. Parei de estudar e neste momento o mais importante é o meu bebé que vai nascer". (...) "Acho que sim, estou a crescer mais rápido do que as raparigas da minha idade."

"Mais no início, a adaptar-me à gravidez. Agora as coisas estão melhores. Uma dificuldade foi mais no início, quando todos souberam. Depois há aquelas dificuldades lá em casa, por vezes eu ando muito sensível e discuto com todos por tudo e por nada e digo coisas que não devia dizer, depois arrependo-me. Há acusações... e não reajo bem. E dificuldades por causa de dinheiro, a vida está cara e um bebé fica muito caro (...)"

9. FIGURAS SIGNIFICATIVAS DURANTE A GRAVIDEZ

- Fontes de apoio
- Percepção da qualidade do apoio

"Todos em casa me têm apoiado, a minha mãe, os meus irmãos, o meu pai, a minha avó, o meu avô já morreu."

"O meu namorado e os pais dele. Agora a gravidez é bem vista. Estão todos contentes. Vão ser avós e o meu namorado vai ser pai! Mas a minha mãe e o meu namorado são os que mais me apoiam."

"Têm-me ajudado muito, no enxoval do bebé, no quartinho dele e minha roupa de grávida. A minha tia também me tem ajudado dando muitas roupinhas para o meu bebé. (...) Com ajuda da minha família e do meu namorado." "Os pais do meu namorado também me vão ajudando. Vão-me dando coisas para mim e para o bebé." "A mãe do meu namorado também me vai ensinando algumas coisas. O meu namorado apoia-me muito!"

"Compreende-me, dá-me carinho e atenção (...) Estou aprender muito e estou a crescer rápido."

"Sim, estou. Dão-me apoio, o meu namorado paga-me muitas coisas e dá-me muita atenção. (...) Acho que sim. Fazem o que podem."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ANA (cont.)

10. EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CRIANÇA E AO PAPEL MATERNO

- Representações, sonhos e expectativas em relação à criança
- Representações em relação ao papel materno

“Sim. Vou ter uma menina, vai-se chamar Mariana. Às vezes ponho-me a pensar nisso. Espero que seja uma menina linda, de olhos grandes, sempre a sorrir, bonita e saudável. E um bocadinho traquina, não muito! (sorriso). Que não chore muito durante a noite (sorriso). Quero que ela tenha tudo de bom.” (...) Um filho dá muito trabalho mas também dá muitas alegrias, diz a minha mãe. Sonho que seja acima de tudo saudável.”

“Acho que vou ser uma boa mãe, vou fazer tudo por isso. Como mães temos de estar sempre atentas a tudo. Acho que só me vou sentir preparada quando for mãe. Quero ser uma mãe presente, dar-lhe uma boa educação.”

11. INTEGRAÇÃO DA GRAVIDEZ NO SELF

- Maturidade gravídica

“Vejo-me como uma jovem mulher, futura mãe... prontos é isso. Sou a única das minhas amigas que está a passar por isso. Nesta altura estão já quase de férias a divertirem-se. (...) Agora, isso é muito difícil... não sei bem, de forma positiva, acho eu. (...) Acho que sim, agora sou vista como uma mulher e tenho de ser mais responsável. Sinto que me olham de maneira diferente, olham de lado.”

“Acho que sim, mas a minha identidade agora é ser mãe.”

12. INDIVIDUALIZAÇÃO

- Idiossincrasias
- Autonomia

“Sou boa amiga, sincera, divertida e vou ser mãe se Deus quiser! Gosto de ouvir todo o tipo de música, gosto de filmes de terror e de acção. Gosto de andar com roupa com que me sinta bem, mas gosto de andar na moda, com calças mais justinhas como agora se usa. Mas agora também não posso, a roupa que uso é toda de grávida e eu não gosto muito. Espero que depois tudo vá ao sítio. (...) Gosto de ver televisão, ir para a praia no Verão, dançar, sair com as minhas amigas, ir ao cinema, namorar”.

“Acho que sim, havia sempre muitas opiniões diferentes... é normal... (...) O meu pai é muito autoritário e sempre tive que respeitar o que ele mandava. Sempre fui muito indecisa e gosto de agradar a todos. Quando era mais nova era a minha mãe que me comprava a roupa, só há pouco tempo é que comecei a comprar sozinha a roupa e ir ao cabeleireiro sozinha ou com as minhas amigas. Antes ia sempre com a minha mãe. Nunca fiz escolhas por mim mesma.”

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ANA (cont.)

13. RUPTURA VS CONTINUIDADE COM A TRADIÇÃO

- Discursos sociais sobre a gravidez e maternidade precoce
- Diferenças geracionais
- Papel do estado

“Sim, ainda há quem veja como umas coitadinhas que foram contra a moral e os bons costumes! (...) Hoje em dia há cada vez menos crianças, as raparigas que têm bebés deviam ser vistas de outra forma. Acho que as pessoas se deviam preocupar com a vida delas em vez de olhar para os outros. (...) O que falta também é mais informação na escola. Devíamos ser bem acompanhadas na escola, na caixa, na comunidade”.

“Acho que sim, falam muito de toda a gente, mas no fundo as mais velhotas vão perguntando como estou, se está tudo bem. Antigamente era muito pior. As raparigas que engravidavam sem casar eram marginalizadas. As das classes altas eram escondidas ou tiravam o bebé.”

“Acho que é muito importante. Uma mulher para ser mulher tem de ser mãe. Acho que não. Mas é melhor depois dos 20. Também acho que é melhor ser mãe mais nova do que mais velha. Depois dos 30 também acho que já é muito tarde. (...) Via como um acontecimento normal.”

“Acho que não apoia, ao contrário...” (*papel do estado*)

Quadro 2: Grelha individual de análise de conteúdo da Ana

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIANA

1. FAMÍLIA DE ORIGEM

- Figuras do espaço familiar e caracterização sócio-demográfica

"Os meus pais eram casados, mas separaram-se há 10 anos. Vivo com a minha mãe, com o meu padrasto, com a minha irmã e com a minha avó da minha mãe. A minha mãe esá desempregada. Está a fazer um curso para ficar com o 9º ano. O meu padrasto é taxista e o meu pai está desempregado. Trabalhava na construção. A minha mãe tem 47 anos e o meu pai tem 50. Tenho uma irmã e um irmão, mais velhos que eu. E tenho uma meia-irmã com 8 anos, filha da minha mãe e do meu padrasto. A outra minha irmã tem 22 anos, vive com o namorado. O meu irmão tem 24 anos e está a trabalhar em Espanha há 2 anos. A minha irmã é cabeleireira e o meu irmão trabalha num bar em Espanha. A minha irmã tem o 9º ano e o meu irmão o 6º ano. Não quiseram continuar a estudar."

- Relações Familiares

"Tem sido mais ou menos. Com a separação dos meus pais as coisas ficaram más...mas depois começaram a melhorar..."

2. PERCURSO PESSOAL

- Dados sócio-demográficos

"Tenho 16, nasci no dia 8 de Outubro de 1993. Vivo em Alfama, mas nasci no Alentejo. Eu gosto daqui morar. Toda a gente se conhece. Só que os vizinhos metem-se na vida de toda a gente. Gosto muito é na época das festas, do Santo António. É muito divertido (...)"

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIANA (cont.)

3. SITUAÇÃO E PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

- Perspectivas e vivências escolares

- Percurso escolar
- Projectos vocacionais
- Trajecto profissional

"Não, deixei de estudar. Andava na escola por andar. Não gostava de estudar. A minha mãe disse-me que eu já não andava lá a fazer nada. Tinha de me decidir. Ou estudar ou ir trabalhar! Depois a minha professora falou-me de um curso profissional para fazer o 7º, 8º e 9º em acompanhamento de crianças. Entrei mas depois que soube que estava à espera de um bebé desisti."

"Andei até ao 7ºano. Depois reprovei e já não andava lá a fazer nada..."

"Queria ser educadora de infância. (...) Gostava de trabalhar com crianças. Ser educadora."

"Só nas férias, trabalhei no pingo doce na charcutaria e também já trabalhei numa loja chinesa. (...) "

4. GRAVIDEZ E ACOMPANHAMENTO MÉDICO E PSICOLÓGICO

- Tempo gestacional

- Percepção das transformações corporais

- Alterações físicas e emocionais

"Estou no 8º mês (...) Sim, muitas vezes, é um bocado estranho no início, temos vida dentro de nós! Desde que descobri que estava grávida, vou sempre ao médico com o minha mãe ou com o meu namorado (...) Uma ecografia. Vou ter um menino! Quando lá fomos perguntei se era perfeito! A médica disse que sim!"

"Tenho passado mais ou menos. Às vezes transpiro muito e fico sem fôlego. Também tenho tido quebras de tensão." "São muitas mudanças no meu corpo!" Sinto-me mais gordinha, mais pesada, mas prontos.... Há vezes que me sinto bonita e noutros dias sinto-me mal. O meu namorado diz que estou bem."

"No início chorava muito, minha mãe dizia que não adiantava nada. Às vezes ainda me dá vontade de chorar sem mais nem menos. Ainda tenho muitas dúvidas, são muitos sentimentos diferentes ao mesmo tempo. Tristeza, alegria, muitas dúvidas..." "Muda tudo uma gravidez aos 16! Quando vou comprar coisinhas para o meu bebé sinto muita alegria e sonho que tudo vai correr bem. Às vezes também fico assustada que algo corra mal."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIANA (cont.)

5. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS

- Construir uma família
- Projecto escolar e profissional

"Quero casar com o meu namorado."

"Gostava de tirar um curso de educadora. (...) Vejo como muito difícil. Temos que escolher, não podemos ter tudo (...)"

6. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ

- Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas face à gravidez
- Reacções iniciais emocionais e cognitivas dos familiares face à gravidez
- Reacções iniciais emocionais e cognitivas do pai da criança face à gravidez

"Estava já com 4 meses. Andava a sentir-me mal e fui ao médico e aí a enfermeira disse-me que estava grávida (...) Já não podia fazer nada. Fiquei muito assustada e triste, não sabia o que devia fazer! Senti-me perdida... Não sei... Não pensei!"

"Minha mãe foi a primeira a saber. Abanou a cabeça e depois disse que quem cria 3 também cria 4. Mesmo assim, senti-me culpada (...) Pedi para ela não contasse ainda a ninguém, mas contou logo ao meu padrasto. O meu pai soube já tarde, não falo muito com ele. Foi a minha mãe que lhe contou. Nem quis saber e até agora nem me disse nada. A minha irmã e o meu irmão também não estavam à espera.

"Tinha medo da reacção do meu namorado, o meu coração estava a tremer." "O meu namorado ficou assustado, mas disse logo que estaria sempre ao meu lado. Mas não estava preparado para ser pai!"

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIANA (cont.)

7. DIFICULDADES, DESAFIOS E EXIGÊNCIAS ACRESCIDAS

- Mudanças

"Uma gravidez assim muda tudo. Tive de deixar o meu curso. Lá toda a gente já sabe. Senti-me muito mal, com vergonha, acho que todos olhavam para mim, a última vez que lá fui! (...) Agora fico em casa, sou eu que cuido da minha avó, ela está muito doente. Trato da casa, faço a comida e vou buscar a minha irmã à escola. Às vezes a minha avó começa a cantar e diz que está a cantar para o bebé (sorriso). Agora são novas responsabilidades. Tenho de pensar que vou ter um bebé. (...) Mudei, antes comia de tudo e não me importava, agora tenho de saber comer como diz a médica! Tive de comprar roupa de grávida, a minha já não dava. Não gosto muito da roupa de grávida. Custou-me um bocadinho habituar-me, mas prontos."

- Dificuldades

"No início foi tudo dificuldades, foi como uma bomba a cair em cima da minha cabeça, o meu namorado está desempregado, eu não trabalho, tinha arranjado um curso e agora com a minha gravidez tudo é diferente. As coisinhas para o bebé são muito caras e eu não tenho dinheiro.

"Às vezes zango-me com o meu namorado (pausa) ando sempre à flor da pele."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIANA (cont.)

8. FIGURAS SIGNIFICATIVAS DURANTE A GRAVIDEZ

- Fontes de apoio
- Percepção da qualidade do apoio

- Percepção da qualidade do apoio

“Estou (*satisfeita com o apoio*) Fazem o que podem.”

9. EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CRIANÇA E AO PAPEL MATERNO

- Representações, sonhos e expectativas em relação à criança
- Representações em relação ao papel materno

- Representações, sonhos e expectativas em relação à criança
- Representações em relação ao papel materno

"Espero ser uma boa mãe, acho que vai ser bom. Deus queira que corra tudo bem! Como já tratei da minha irmã, acho que estou mais preparada."

10. INTEGRAÇÃO DA GRAVIDEZ NO SELF

- Maturidade gravítica

- Maturidade gravítica

"Sinto-me mais adulta, sei que estou a perder a minha juventude, mas a vida é assim."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MARIANA (cont.)	
<p>11. INDIVIDUALIZAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Idiossincrasias • Autonomia 	<p>"Sincera, divertida, teimosa, boa amiga... não sei falar sobre mim. (...) gosto muito de ouvir música, de cantar. Não tenho cantores preferidos. Gosto de ver telenovelas e de ver filmes. Gosto de usar roupa justinha.</p> <p>Gosto de ver televisão, passear, ir para a praia, ir ao cinema. (...) Fico por aqui nas férias. Sempre fui um bocadinho rebelde, gosto de marcar a minha posição.</p>
<p>12. RUPTURA VS. CONTINUIDADE COM A TRADIÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discursos sociais sobre a gravidez e maternidade precoce • Diferenças geracionais 	<p>"Sim, ainda há disso. As pessoas falam muito: ah tão novinha e grávida e assim".</p> <p>No início não, mas agora acho que sim, perguntam como está a correr, se está tudo bem e vão dando-me coisas a mim e à minha mãe! (...) Antigamente era pior, quem engravidasse sem casar era posta de parte, falada por todos como uma desgraçada. Ficava marcada para toda a vida. Sim, uma mulher sem filhos é uma mulher incompleta. Há muitas mulheres que querem ter filhos e não conseguem engravidar."</p> <p>"A melhor idade é quando há condições. Não é bom ser mãe nova mas velha também não. (...) era igual às outras gravidezes".</p> <p>"Eu não tenho apoio nenhum"... <i>(em relação ao papel do estado)</i></p>

Quadro 3: Grelha individual de análise de conteúdo da Mariana

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA JULIANA	
<p>1. FAMÍLIA DE ORIGEM</p> <ul style="list-style-type: none"> Figuras do espaço familiar e sua caracterização sócio-demográfica Relações familiares 	<p>“Estão separados há 8 anos. O meu pai tinha outras mulheres. Agora o meu pai está preso por tráfico de droga. Há dois anos que está preso. A minha mãe está desempregada. Recebe o rendimento mínimo há 4 anos. Tenho 2 irmãos da primeira relação do meu pai. E mais uma irmã do casamento da minha mãe. Eu sou filha dos dois. São todos mais velhos do que eu. O João tem 25, o António acho que tem 27, a Teresa 24. ”</p> <p>“Não tenho muita relação com os meus irmãos. Vivem todos na Cova da Moura. Têm todos o 5º ou 6º ano, acho eu!”</p> <p>“Nunca fomos unidos, sempre existiram muitos problemas, com o meu pai, com a minha mãe, momentos que foram difíceis de passar.... O meu pai sempre fazia o que não devia e a minha mãe pouco fazia....” (...) Não tenho muita relação com os meus pais e resto da família.”</p>
<p>2. PERCURSO PESSOAL</p> <ul style="list-style-type: none"> Dados socio-demográficos 	<p>“Tenho 16, nasci a 28 de Dezembro de 1993. Em Reboleira, aqui na Amadora. Vivo com a minha mãe, mas quero ir viver com o meu namorado. Antes vivia na Cova da Moura, há 2 anos fim para cá. Nasci por aqui. Já estou habituada. Tem os seus problemas como eu qualquer outro lado, mas não gostava de sair daqui. Na Cova da Moura era pior! (...) Estamos perto de tudo, conhecemos toda a gente. De vez em quando há problemas, a polícia tem andado cá a rondar.”</p>

- Figuras do espaço familiar e sua caracterização sócio-demográfica

"Não tenho muita relação com os meus irmãos. Vivem todos na Cova da Moura. Têm todos o 5º ou 6º ano, acho eu!"

"Nunca fomos unidos, sempre existiram muitos problemas, com o meu pai, com a minha mãe, momentos que foram difíceis de passar.... O meu pai sempre fazia o que não devia e a minha mãe pouco fazia...." (...) Não tenho muita relação com os meus pais e resto da família."

- Datos socio-demográficos

"Tenho 16, nasci a 28 de Dezembro de 1993. Em Reboleira, aqui na Amadora. Vivo com a minha mãe, mas quero ir viver com o meu namorado. Antes vivia na Cova da Moura, há 2 anos fim para cá. Nasci por aqui. Já estou habituada. Tem os seus problemas como eu qualquer outro lado, mas não gostava de sair daqui. Na Cova da Moura era pior! (...) Estamos perto de tudo, conhecemos toda a gente. De vez em quando há problemas, a polícia tem andado cá a rondar."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA JULIANA (cont.)

3. HISTÓRIA DE NAMORO

- Tempo de namoro
- Caracterização sócio-demográfica do pai do bebé

"Éramos vizinhos na Cova da Moura, já nos conhecíamos há muito. Ele já namorou com uma amiga minha. Mas já foi há muito. Começamos a estar mais tempo juntos... e prontos começamos a andar há algum tempo."

"É mais velho do que eu 5 anos. Tem 22 anos. Está a tirar um curso para ficar com o 9º ano no centro de emprego. Tinha o sexto. Já tinha tido outro namorado antes dele. Mas com ele é a sério. Vamos casar!"

4. SITUAÇÃO E PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

- Perspectivas e vivências escolares
- Percurso escolar
- Projectos vocacionais
- Trajecto profissional

"A escola não é para mim. Com o meu pai preso e a minha mãe desempregada, precisava de arranjar dinheiro."

"O ano passado (*deixou de estudar*)". Nunca quis ir para a faculdade, mas queria ter o 12º ano."

"Não estudo. "Tenho o 7º ano."

"Quis ir trabalhar. Queria ser cabeleireira."

"A trabalhar mesmo, comecei agora. Estou num cabeleireiro. Tirei também um daqueles cursos de manicura e de unhas de gel. Vai fazer meio ano que estou lá. (...) Queria ser cabeleireira e esteticista. Gosto de cabelos, desde pequena que gostava de fazer penteados."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA JULIANA (cont.)

5. GRAVIDEZ E ACOMPANHAMENTO MÉDICO E PSICOLÓGICO

- Tempo gestacional
- Percepção das transformações corporais
- Alterações físicas e emocionais

"Estou no 5º. Sim já, é bom saber que temos vida dentro de nós. Tenho ido às consultas com a Dra. no Hospital Amadora-Sintra. Já fiz duas ecos. Na última o bebé tinha 30 semanas e pesava 2300kg."

"A minha barriga não para de aumentar, há dias em que não me sinto muito bonita, noutros dias gosto de ver ao espelho a minha barriga."

"Tenho passado mais ou menos. A médica disse que eu tenho valores altos na diabetes. Tenho tido dificuldade em dormir, às vezes não arranjo posição por causa da barriga. A minha barriga aumentou muito nas últimas semanas. Quando não durmo fico rabugenta." "Tenho-me sentido mais ou menos. Há dias e dias! Tanto choro como fico feliz. Não sei... é complicado lidar com isto tudo, às vezes ainda tenho dúvidas.(...) Não estava preparada. Ainda sou muito nova e um filho também dá trabalho e gastos."

6. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS

- Construir uma família
- Projecto escolar e profissional

"Criar o meu filho e ser feliz. (...) É muito difícil para nós, pois temos de ser mães, mulheres, trabalhar..."

"Arranjar trabalho e estudar depois".

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA JULIANA (cont.)									
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

7. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ

- Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas face à gravidez
- Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas dos familiares face à gravidez
- Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas do pai da criança face à gravidez

- ## 7. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ
- Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas face à gravidez
 - Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas dos familiares face à gravidez
 - Reacções iniciais emocionais e cognitivas das grávidas do pai da criança face à gravidez

"Estava com 16 semanas, 3 meses e tal. (...) Descobri no médico, a médica virou-se para mim e disse está grávida. Fiquei pálida, assustada e com muito medo. Foi muito azar! Fiquei tão triste e cheia de culpa por não ter tido cuidado... Já não dava para fazer nada, já estava muito avançada. (...) Acho que tinha abortado... (...) Não consegui pensar nada, a minha vida já é tão difícil..."

"Depois passados dois dias contei à minha mãe. Ela disse agora: "vais ter de arcar com as consequências." Os meus irmãos já souberam tarde, viram pela minha barriga. O meu pai não sabe. Mas vou contar-lhe quando o bebé nascer!"

"Contei ao meu namorado a chorar, ele reagiu muito bem, ficou muito contente com a notícia de ser pai. Estava cheia de medo de lhe falar. Não sei como ele ia reagir."

"Estava com 16 semanas, 3 meses e tal. (...) Descobri no médico, a médica virou-se para mim e disse está grávida. Fiquei pálida, assustada e com muito medo. Foi muito azar! Fiquei tão triste e cheia de culpa por não ter tido cuidado... Já não dava para fazer nada, já estava muito avançada. (...) Acho que tinha abortado... (...) Não consegui pensar nada, a minha vida já é tão difícil..."

"Depois passados dois dias contei à minha mãe. Ela disse agora: "vais ter de arcar com as consequências." Os meus irmãos já souberam tarde, viram pela minha barriga. O meu pai não sabe. Mas vou contar-lhe quando o bebé nascer!"

"Contei ao meu namorado a chorar, ele reagiu muito bem, ficou muito contente com a notícia de ser pai. Estava cheia de medo de lhe falar. Não sei como ele ia reagir."

"Estava com 16 semanas, 3 meses e tal. (...) Descobri no médico, a médica virou-se para mim e disse está grávida. Fiquei pálida, assustada e com muito medo. Foi muito azar! Fiquei tão triste e cheia de culpa por não ter tido cuidado... Já não dava para fazer nada, já estava muito avançada. (...) Acho que tinha abortado... (...) Não consegui pensar nada, a minha vida já é tão difícil..."

"Depois passados dois dias contei à minha mãe. Ela disse agora: "vais ter de arcar com as consequências." Os meus irmãos já souberam tarde, viram pela minha barriga. O meu pai não sabe. Mas vou contar-lhe quando o bebé nascer!"

"Contei ao meu namorado a chorar, ele reagiu muito bem, ficou muito contente com a notícia de ser pai. Estava cheia de medo de lhe falar. Não sei como ele ia reagir."

- 8. DIFICULDADES, DESAFIOS E EXIGÊNCIAS ACRESCIDAS
 - Mudanças
 - Dificuldades

- 8. DIFICULDADES, DESAFIOS E EXIGÊNCIAS ACRESCIDAS
 - Mudanças
 - Dificuldades

"Um bebê que vai nascer muda tudo. A minha vida nunca foi pêra doce, sempre consegui tudo sozinha, com muito trabalho. Tenho de organizar a minha vida para o bebê que vem aí. Vou ter de pensar primeiro nele. Um filho exige muito tempo e dinheiro." "Eu ganho pouco e o meu namorado também ganha pouco no curso, as coisas são muitas caras, é uma grande despesa que é difícil de aguentar e que vai ser pior quando ele nascer"... "Agora estou quase sempre em casa, não saio com ninguém."

"Mais ou menos, já não posso me divertir e sair como antes. (...). Mais responsabilidades e obrigações."

(...) "Estou a perder muita coisa (...) Tive momentos muito difíceis na minha vida (...)".

"Com custo, mas Deus queira que as coisas melhorem."

"Um bebê que vai nascer muda tudo. A minha vida nunca foi pêra doce, sempre consegui tudo sozinha, com muito trabalho. Tenho de organizar a minha vida para o bebê que vem aí. Vou ter de pensar primeiro nele. Um filho exige muito tempo e dinheiro." "Eu ganho pouco e o meu namorado também ganha pouco no curso, as coisas são muitas caras, é uma grande despesa que é difícil de aguentar e que vai ser pior quando ele nascer"... "Agora estou quase sempre em casa, não saio com ninguém."

"Mais ou menos, já não posso me divertir e sair como antes. (...). Mais responsabilidades e obrigações."

(...) "Estou a perder muita coisa (...) Tive momentos muito difíceis na minha vida (...)".

"Com custo, mas Deus queira que as coisas melhorem."

"Um bebê que vai nascer muda tudo. A minha vida nunca foi pêra doce, sempre consegui tudo sozinha, com muito trabalho. Tenho de organizar a minha vida para o bebê que vem aí. Vou ter de pensar primeiro nele. Um filho exige muito tempo e dinheiro." "Eu ganho pouco e o meu namorado também ganha pouco no curso, as coisas são muitas caras, é uma grande despesa que é difícil de aguentar e que vai ser pior quando ele nascer"... "Agora estou quase sempre em casa, não saio com ninguém."

"Mais ou menos, já não posso me divertir e sair como antes. (...). Mais responsabilidades e obrigações."

(...) "Estou a perder muita coisa (...) Tive momentos muito difíceis na minha vida (...)".

"Com custo, mas Deus queira que as coisas melhorem."

"Um bebê que vai nascer muda tudo. A minha vida nunca foi pêra doce, sempre consegui tudo sozinha, com muito trabalho. Tenho de organizar a minha vida para o bebê que vem aí. Vou ter de pensar primeiro nele. Um filho exige muito tempo e dinheiro." "Eu ganho pouco e o meu namorado também ganha pouco no curso, as coisas são muitas caras, é uma grande despesa que é difícil de aguentar e que vai ser pior quando ele nascer"... "Agora estou quase sempre em casa, não saio com ninguém."

"Mais ou menos, já não posso me divertir e sair como antes. (...). Mais responsabilidades e obrigações."

(...) "Estou a perder muita coisa (...) Tive momentos muito difíceis na minha vida (...)".

"Com custo, mas Deus queira que as coisas melhorem."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA JULIANA (cont.)

9. FIGURAS SIGNIFICATIVAS DURANTE A GRAVIDEZ

- Fontes de apoio
- Percepção da qualidade do apoio

"O meu namorado. Sim, ele dá-me muita atenção e é muito carinhoso comigo. Não falta com nada. Amo-o muito!"

"Pelo meu namorado sou tratada com mais atenção e carinho. Não tenho muita relação com amigas nem com os meus pais e resto da família."

10. EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CRIANÇA E AO PAPEL MATERNO

- Representações, sonhos e expectativas em relação à criança
- Representações em relação ao papel materno

"Sim, eu e o meu namorado já temos comprado muita coisa. Andamos à procura de uma casa para alugar. Já tomei conta de crianças, já sei fazer muita coisa: mudar fraldas, acalmar o bebé, fazer papinhas, dar o biberão....O meu bebé vai ser um menino lindo, bem comportado e muito amigo dos pais. Vai ser fácil de acalmar e sempre a sorrir (...) A minha mãe dizia-me que eu não dava trabalho nenhum, nem chorava."

"Acho que vou ser uma boa mãe, vou-lhe dar muito amor! Sonho que ele seja muito feliz que tenha o melhor do mundo. As preocupações vêm quando ele nascer. Às vezes tenho medo que o tribunal me tire, os irmãos da parte do meu pai foram tirados pelo tribunal de menores e viveram numa instituição. Como sou menor e não temos condições, tenho medo que aconteça alguma coisa dessas..."

11. INTEGRAÇÃO DA GRAVIDEZ NO SELF

- Maturidade gravídica

"Vejo-me como uma mulher que vai ser mãe. Acho que sim, mas agora vou viver para o meu filho e para o meu namorado."

"Já cometi muitos erros, mas agora tudo vai ser diferente com o meu filho."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA JULIANA (cont.)	
<p>12. INDIVIDUALIZAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Idiossincrasias • Autonomia 	<p>"Sou uma rapariga igual às outras. Acho que sou divertida, simpática, amiga, trabalhadora... Gosto muito de música brasileira, musica pop, rock e techno. Gosto de ver novelas, os morangos com açúcar, series (...) Gosto de vestir a roupa que se usa, que está na moda. Não gosto da roupa de grávida, faz-me mais velha! Agora estou quase sempre em casa, vejo televisão, oiço música, saio com o meu namorado (...) Nunca fui de férias."</p> <p>"Sim, os meus pais nunca se meteram na minha vida. Nunca estiveram presentes. Gosto de vestir o que as minhas amigas vestem."</p>
<p>13. RUPTURA VS. CONTINUIDADE COM A TRADIÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discursos sociais sobre a gravidez e maternidade precoce • Diferenças geracionais • Papel do estado 	<p>"Uma ou outra vizinha pergunta-me sempre como o bebé está e dá-me coisas para o bebé! (...) As pessoas olham para mim de maneira diferente! (...) Toda a gente dizia coisas atrás das minhas costas."</p> <p>"Antigamente era pior, eram colocadas à parte!"Acho. É importante, acho que a vida sem filhos é vazia. Há tantas mulheres que não podem ter filhos!" "Depois dos 20 é melhor, quando se tem emprego e uma vida estável."</p> <p>Via com bons olhos. <i>(uma grávida adolescente da geração da mãe)</i>"</p> <p>"Nós pobres, somos sempre os mais prejudicados em tudo, o estado podia ajudar muito mais!"</p>

Quadro 4: Grelha individual de análise de conteúdo da Juliana

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÃE DA MARIA

1. PERCURSO PESSOAL E PROFISSIONAL

- Agregado familiar e caracterização sócio-demográfica
- Relações familiares

“Tenho 46 anos, nasci a 4 de Fevereiro de 1964. Vim do Funchal para o continente. Estou a viver num quarto, numa residência na rua de Pinto Bessa, mas quero ver se mudo para mais perto da minha filha.”

“Saí de casa, o meu marido era alcoólico e quando estava bêbado tornava-se muito violento, batia em mim e tirava-me todo o dinheiro que eu tinha (pausa) Já não aguentava mais.” (...)

Com a minha filha tenho uma relação muito forte.”

2. PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

- Percurso escolar
- Trajecto profissional

“Tenho a 4ª classe. Antigamente as coisas eram diferentes, tinha-se de ir trabalhar para ajudar os pais. Muitas nem a 4ª classe tinham. (...)

Estou aos dias numa casa de uma senhora na foz. Vou lá 3/4 dias por semana para limpar e passar a ferro e tomar conta dos filhos dessa senhora. Sempre trabalhei a dias.”

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÃE DA MARIA (cont.)

3. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ DA FILHA

- Reacções iniciais emocionais e cognitivas face à gravidez da filha
-

“Olhe, fiquei de queixo caído quando soube, nunca imaginei! Ela sentiu-se mal na escola e levaram-na para o hospital, quando lá fui ter com ela, disse-me que estava grávida. Depois falei com a médica. Nem queria acreditar que fosse verdade! Ela já estava com 4 meses e meio. Não sabia que ela andava com aquele homem. Foi um choque. Ele tem mulher, têm filhos e a minha filha é menor de idade. As coisas foram muito complicadas (...). Quando soube ainda estava em casa, saí passado poucas semanas. Fui para uma casa abrigo. A minha filha não pode ir comigo porque lá não aceitaram. Os meus outros filhos não têm condições para eu lá ficar e também não queria estragar a vida deles. Para isso já basta a minha vida estar estragada. A minha filha disse para eu ir para lá viver, mas o António ia logo para lá atrás de mim. Na casa abrigo, estava mais protegida e não estava a atrapalhar ninguém. (...) Depois vim para cá, logo a seguir à minha filha. Vim ter com ela. Não a podia deixar sozinha e lá já não estava a fazer nada. Só tenho saudades dos meus outros filhos.”

“Ajudei-a o mal já estava feito! Senti que tinha de ajudá-la, pois ela é uma menina, ainda não sabe o que é a vida. Mas agora estou muito feliz por ser de novo avó.”

“Um filho é para toda a vida. Eu fui mãe aos 16 anos, sei como as coisas são e foi muito pior no meu tempo. Tive de me casar e não devia ter casado....”

“A Maria é uma menina muito ingénua, nunca me deu trabalho, nem em bebé. Sempre pronta a ajudar tudo e todos. Ele aproveitou-se dela, ela nem sabia o que estava a fazer! Mas a Maria tem mais forças do que ela imagina!”

“Agora está a lidar bem, mas foi muito difícil no início. Eu andava muito mal, estava a entrar em depressão e saber assim que ela estava grávida. Foi muito duro!”

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÃE DA MARIA (cont.)	
<p>4. IMPACTO DA GRAVIDEZ DA FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> Mudanças Estranheza 	<p>“Parece que o céu nos caiu em cima! Um terramoto que aconteceu no pior momento. A grande mudança foi ela ter vindo para o continente e eu em seguida. Deixou de estudar o que é mau, pois ela ainda é muito nova e não tem o 9º ano.”</p> <p>“O meu marido é um homem violento, mas não quer saber da filha estar grávida, só a insultou a ela e a mim. Que a culpa era minha que não a tinha sabido educar. (...) Os meus filhos também ficaram de boca aberta.”</p> <p>“Não queriam acreditar! Sabe, senti-me recriminada que a culpa era minha, dela ter ficado grávida. Não olhei bem por ela. E deu no que deu...A comissão de menores andava sempre lá em casa desde que ela é pequena. Fiz o melhor (...) somos pobres e o meu marido sempre me tratou muito mal.”</p>
<p>5. RELAÇÕES DE APOIO</p> <ul style="list-style-type: none"> Mãe cuidadora 	<p>“É muito boa. Sempre fomos muito unidas, ela é a mais novinha de todos os irmãos. Sempre confiei nela e ela também sempre me deu forças. Ela viu todos os maus tratos. Fazíamos tudo juntas, ela ajudava muito ao contrário da mais velha que sempre foi mais rebelde.” “Com a gravidez dela ainda ficamos mais unidas. Vim para cá porque já não aguentava mais e para estar perto da minha filha. Dou-lhe tudo o que posso, vou com ela às consultas, ensino o que ela deve fazer, os cuidados com o bebé, como dar banho, papas, mudar as fraldas e tudo o resto.” (...)</p>
<p>6. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS PARA A FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> Estudar e trabalhar 	<p>“Quero o melhor para ela. Sim, gostava de ela voltasse a estudar e que arranjasse um bom emprego e um bom homem!”</p> <p>“Nunca tive sorte e ela também não. É muito duro! Só com trabalho e muito esforço é que podemos conseguir.”</p> <p>“Quero refazer a minha vida aqui e poder cuidar do meu neto.”</p> <p>“Quero começar uma vida nova!”</p>

Quadro 5: Grelha individual de análise de conteúdo da Mãe da Maria

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÃE DA ANA

1. PERCURSO PESSOAL E PROFISSIONAL

- Agregado familiar e caracterização sócio-demográfica
- Relações familiares

"Tenho 43 anos, nasci a 8 de Maio de 1967. Vivo no bairro do cerco, com o meu marido e os meus filhos. Estou casada há 24 anos. Sim, mais ou menos. Toda a gente se conhece o que é bom, mas há muita violência. Mas prontos a gente habituasse. "Tenho uma boa relação em casa."

2. PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

- Percurso escolar
- Trajecto profissional

"Estudei até à 4ª classe."

"Trabalho numa fábrica de plásticos em Matosinhos há 15 anos, antes trabalhava noutra."

3. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ DA FILHA

- Reacções iniciais emocionais e cognitivas face à gravidez da filha

"Foi no centro de saúde quando fui com ela. Eu já andava a desconfiar que se passava alguma coisa. Sabia que ela tinha namorado e já tinha tido uma conversa com ela, mas ela nunca se abria comigo. Notei que ela andava mal disposta, mas no fundo tinha medo que fosse verdade, que ela estivesse grávida. (...) O mal já estava feito. O que eu podia fazer? Só podia apoiar-la! Ainda há pouco tempo brincava com bonecas! Para o pai o choque foi maior! Mas acabamos por nos habitar-mos à ideia! (...) Antigamente era pior! A Ana é uma rapariga mais forte do que parece. Ela agora está a aceitar tudo bem, já se resignou. É assim a vida! Temos de aceitar o que Deus nos dá!"

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÃE DA ANA (cont.)	
<p>4. IMPACTO DA GRAVIDEZ DA FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> Mudanças Estranheza 	<p>“Uma gravidez nesta idade muda tudo! A Ana ia voltar a estudar, mas a gravidez trocou-lhe as voltas. Acabou a juventude dela. Agora já é adulta. Fui eu que contei ao meu marido, ele nem queria acreditar que era verdade! Ficou pálido! Ralhou muito com ela! Toda a gente em casa ficou sem saber o que dizer! Os irmãos ficaram de boca aberta também sem reacção. A minha mãe e os meus sogros ficam admirados mas disseram à Ana que um filho é sempre uma bênção.</p> <p>Os vizinhos pela frente mostram-se muito amigos mas por trás comentam e criticam. Já ouvi disses disses que a culpa é dos pais que não sabem educar os filhos e não se preocupam com eles. Mas não ligo, senão é para me chatear!</p> <p>Vamos ser avôs (...) eu estou contente! Mas no início é que foi um choque muito grande!”</p>
<p>5. RELAÇÕES DE APOIO</p> <ul style="list-style-type: none"> Mãe cuidadora 	<p>“É boa, somos muito chegadas e muito amigas! É a minha única filha, o resto são todos rapazes! “Ficamos mais unidas!”</p> <p>“Sim, ajudo-a em todo o que posso. Ela fica sozinha em casa a maior parte do tempo. Conversamos muitas vezes, falamos sobre os cuidados a ter com o bebé, o parto, como vai ser, tenho ensinado muita coisa, mas agora tudo é diferente. Sempre que ela vai ao médico vou com ela e também ajudo no que posso.”</p>
<p>6. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS PARA A FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> Estudar e trabalhar 	<p>“Primeiro que acabe os estudos. Ela ainda tem a vida toda pela frente. Depois as coisas vão-se arranjando. O namorado dela é um bom rapaz!” “Quando a bebé nascer quem vai tomar conta dela sou eu!”</p>

Quadro 6: Grelha individual de análise de conteúdo da Mãe da Ana

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÃE DA MARIANA	
<p>1. PERCURSO PESSOAL E PROFISSIONAL</p> <ul style="list-style-type: none"> Agregado familiar e características sócio-demográficas Relações familiares 	<p>"Tenho 47 anos, nasci a 10 de Março de 1963. Vivo em Alfama. Vivo com o pai da minha filha mais nova, com a Mariana e com a minha mãe."</p> <p>"São boas."</p>
<p>2. PERCURSO PROFISSIONAL</p> <ul style="list-style-type: none"> Percurso Escolar Trajeto Profissional 	<p>"Até à 4ª classe."</p> <p>"Estou desempregada há 4 anos. Antes trabalhava numa fábrica de peças para automóveis. Estou a tirar um curso para ficar com o 9º ano em geriatria, idosos. Foi o centro de emprego que me mandou para lá!"</p>
<p>3. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ DA FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> Reacções iniciais emocionais e cognitivas face à gravidez da filha 	<p>"Ela foi ao médico, porque andava a sentir-se mal e lá disseram-lhe que estava grávida. Ela depois contou-me. Olhe pensei está feito está feito. Agora é continuar para frente. Não há muito a pensar e a fazer. Mas depois fiquei contente com a notícia. Ela está bem, custou no início mas não há nada a fazer. Agora está a lidar bem."</p>
<p>4. IMPACTO DA GRAVIDEZ DA FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> Mudanças Estranheza 	<p>"Muitas mudanças, para já perdeu a juventude dela que muda tudo. Um filho nesta idade muda a vida de qualquer rapariga."</p> <p>"Eu e o pai da Mariana estamos separados. Fui eu que lhe disse. Até agora nem veio ver a filha. Os irmãos ficaram surpreendidos mas aceitaram bem. Gostaram de saber que vão ser tios. Os vizinhos falam sempre de tudo, falaram quando souberam, mas já não quero saber."</p> <p>"Foi um choque, nem queria acreditar".</p>

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÃE DA MARIANA (cont.)	
<p>5. RELAÇÕES DE APOIO</p> <ul style="list-style-type: none"> Mãe cuidadora 	<p>“É boa, Às vezes ficamos chateadas com isto ou com aquilo. (...) Ficamos mais ligadas. Sim, estou sempre com ela. Falo muito com ela sobre como cuidar do bebé e sobre a gravidez. Ajudo-a mas ela também me tem ajudado a tratar da casa e da minha mãe que está doente.”</p>
<p>6. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS PARA A FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> Estudar e trabalhar 	<p>“Gostava de ela estudasse, que casasse ... que seja feliz.”</p> <p>“Não podemos desistir.”</p>

Quadro 7: Grelha individual de análise de conteúdo da Mãe da Mariana

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÃE DA JULIANA

1. PERCURSO PESSOAL E PROFISSIONAL

- Agregado familiar e características sócio-demográficas
- Relações familiares

"Tenho 46 anos, nasci a 10 de Março de 1964. Vivo na Reboleira com a minha filha. Há dois anos vivíamos na Cova da Moura. O meu filho do meu primeiro companheiro vive com a namorada. O meu ex-companheiro está preso mas já estávamos separados há 8 anos e tal."

"Nunca foram boas ..."

2. PERCURSO ESCOLAR E PROFISSIONAL

- Percurso escolar
- Trajecto profissional

Até à 3ª classe."

"Estou desempregada há 5 anos. Antes trabalhava numa fábrica. Recebo o rendimento mínimo há 4 anos."

3. TOMADA DE CONHECIMENTO DA GRAVIDEZ DA FILHA

- Reacções iniciais emocionais e cognitivas face à gravidez da filha

"Ela contou-me. Fiquei contente por ser avô. Está bem. Está a lidar bem."

4. IMPACTO DA GRAVIDEZ DA FILHA

- Mudanças
- Estranheza

"Agora tudo é diferente, muitas mudanças, vai ter de tratar de um filho, dela, de um marido... Não tenho ligação com o pai. Ele nem deve saber. Os irmãos reagiram bem, vão ser tios. (...) A vizinhança falou no início, agora a Juliana já passa despercebida."

"Ninguém estava a contar."

5. RELAÇÕES DE APOIO

- Mãe cuidadora

"É boa. *(relação com a filha)*. Eu andei muito tempo deprimida a tomar anti-depressivos e ainda ando em tratamento. Vou ajudando no que posso."

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DA MÃE DA JULIANA (cont.)	
<p>6. PROJECTOS DE VIDA FUTUROS PARA A FILHA</p> <ul style="list-style-type: none"> • Estudar e trabalhar 	<p>"Tudo de bom. Que o meu neto venha perfeitininho, que ela seja bem tratada pelo namorado e que arranje um bom trabalho."</p> <p>"Não posso fazer muito, faço o que posso. Nem para mim tenho! <i>(em relação ao que acha que pode fazer para ajudar a filha nos projectos futuros)</i></p> <p>Fazer pela vida!</p>

Quadro 8: Grelha individual de análise de conteúdo da Mãe da Juliana

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DO PAI DO BEBÉ DA ANA	
<p>1. PERCURSO PESSOAL</p> <ul style="list-style-type: none"> Dados socio-demográficos 	<p>O namorado da Ana tem 19 anos, vive no bairro do cerco. Tem o 7º ano incompleto e trabalha numa padaria. Conheceu a Ana na escola há 2 anos. Vive com os pais e com os irmãos (<i>recolhidos na entrevista com a participante grávida</i>).</p>
<p>2. IMPACTO DA GRAVIDEZ</p> <ul style="list-style-type: none"> Reacções à tomada de conhecimento da gravidez Mudanças 	<p>“Aceitei bem. É sempre uma mudança brusca... ser pais sem contar. Fiquei sem saber o que fazer! Mas agora gosto muito da ideia, já comemorei com os meus amigos. Lá em casa todos ficaram contentes. Os meus pais até gostam da ideia de serem avós! Temos uma relação boa, claro que de vez em quando nos chateamos, mas é mesmos assim. Namoramos há um ano e pouco. Estou mortinho que ele nasça. Vai ser um menino! Já penso como lhe vou mudar a fralda, dar-lhe papinha..... Também quero ajudar nessas coisas todas.”</p> <p>Muita coisa vai mudar, mas vai ser bom!”</p>
<p>3. RELAÇÕES DE APOIO</p> <ul style="list-style-type: none"> Pai do bebé cuidador 	<p>“Tenho trabalhado mais para ganhar mais dinheiro. Um filho fica caro. Já ando à procura de casa. (...) Ajudo-a em tudo o que posso. Sou eu que dou dinheiro para comprar as roupinhas e já temos comprada a mobília do quatinho dele! Não lhe vai faltar nada!”</p>
<p>4. PROJECTOS FUTUROS</p> <ul style="list-style-type: none"> Trabalhar e construir lar 	<p>“Trabalhar para sustentar a minha namorada e o bebé.”</p>

Quadro 9: Grelha individual de análise de conteúdo do Pai do bebé da Ana

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DO PAI DO BEBÉ DA MARIANA	
1. PERCURSO PESSOAL <ul style="list-style-type: none"> Dados socio-demográficos 	<p>O namorado da Mariana tem 22 anos, encontra-se desempregado há 4 meses. Trabalhou numa fábrica de peças para automóveis. Tem o 7º ano de escolaridade. Vive com os pais e com os irmãos. (recolhidos na entrevista com a participante grávida).</p>
2. IMPACTO DA GRAVIDEZ <ul style="list-style-type: none"> Reacções à tomada de conhecimento da gravidez Mudanças 	<p>“Ao princípio é sempre aquela coisa, não estamos preparados, é um susto. Senti culpa e alegria ao mesmo tempo. Mas depois aceitei bem.</p> <p>“Muda tudo! (...) Responsabilidade e mais trabalho!”</p>
3. RELAÇÕES DE APOIO <ul style="list-style-type: none"> Pai do bebé cuidador 	<p>“Tenho estado com ela, nas consultas, vi a ecografia! Acompanho-a em tudo! Temos feito tudo juntos.”</p> <p>“Eles não pedem para nascer, mas o meu filho vai ser bem-vindo! Ficamos mais unidos agora, agora é a sério! Temos uma coisa que nos une para a vida! Dou-lhe muito amor e carinho! Já namoramos há um ano e meio! Depois do nosso filho nascer quero ver se vamos viver juntos. Amo-a muito! Dou-lhe muita atenção, ela nunca teve desejos (risos)!”</p> <p>“Estou com muita vontade que ele nasça. Quero que o meu filho seja alguém na vida. É assim, tudo se ajeita!”</p>
4. PROJECTOS FUTUROS <ul style="list-style-type: none"> Trabalhar e construir lar 	<p>“Continuar a trabalhar, é isso que é preciso.”</p>

Quadro 10: Grelha individual de análise de conteúdo do Pai do bebé da Mariana

GRELHA INDIVIDUAL DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DO PAI DO BEBÉ DA JULIANA	
1. PERCURSO PESSOAL <ul style="list-style-type: none"> Dados socio-demográficos 	<p>O namorado da Juliana tem 22 anos, vive na Cova da Moura com a mãe e os irmãos. Neste momento encontra-se desempregado e está a tirar um curso financiado com equivalência ao 9º ano. Tem como escolaridade o 6º ano.</p>
2. IMPACTO DA GRAVIDEZ <ul style="list-style-type: none"> Reacções à tomada de conhecimento da gravidez Mudanças 	<p>“Apanhou-me desprevenido, não estava a contar! Parece que ficamos logo adultos à força!</p> <p>“Mas a gente habitua-se! Estou feliz por saber que vou ser pai! É bom!”</p> <p>“Vou ter com ela quase todos os dias, estamos juntos. Ela às vezes está com os nervos à flor da pele e brigamos mas fazemos logo as pazes! Estamos mais juntos e unidos!”</p> <p>“Vai mudar tudo quando o bebé nascer.”</p>
3. RELAÇÕES DE APOIO <ul style="list-style-type: none"> Pai do bebé cuidador 	<p>“As grávidas costumam ficar mais sensíveis, mas eu digo-lhe palavras bonitas, digo que está bem, faço muitas festinhas. Gostava de ver ela a ter o bebé. Gosto muito dela!”</p>
4. PROJECTOS FUTUROS <ul style="list-style-type: none"> Trabalhar e construir lar 	<p>“Vamos viver juntos!” (...) “Trabalhar.”</p>

Quadro 11: Grelha individual de análise de conteúdo do Pai do bebé da Juliana

**ANEXO 11: GRELHAS DE FREQUÊNCIA DE PALAVRAS EMOCIONAIS POR
CADA PARTICIPANTE GRÁVIDA**

	Tristeza	Raiva	Medo	Alegria	Culpa- Vergonha	Amor	Desilusão	Esperança	Total
Maria	5		2	4	4	1	1	2	19
Ana			2	6	4	3			15
Mariana	3		2	4	2	2	3	2	18
Juliana	2	1	1	5	2	3	1	1	16
Total	10	1	7	19	12	9	5	5	67

Quadro 1: Frequência de palavras emocionais por cada adolescente grávida

Maria	Tristeza	Raiva	Medo	Alegria	Culpa-Vergonha	Amor	Desilusão	Esperança
Família de origem	1							
Percurso Pessoal								
História de namoro	1				1			
Situação e percurso escolar e profissional								1
Gravidez e acompanhamento médico	1		1	3				
Projecto de vida futuro	1				1			
Tomada de conhecimento da gravidez	1		1		1			
Dificuldades, desafios e exigências acrescidas							1	
Figuras significativas na vivência da gravidez						1		
Expectativas em relação à criança e ao papel materno				1				
Integração da gravidez no self								1
Individualização								
Ruptura vs continuidade com a tradição					1			

Quadro 1: Frequência de palavras emocionais da Maria por temas presentes no guião da entrevista

Ana	Tristeza	Raiva	Medo	Alegria	Culpa-Vergonha	Amor	Desilusão	Esperança
Família de origem						1		
Percurso Pessoal								
História de namoro						1		
Situação e percurso escolar e profissional								
Gravidez e acompanhamento médico				2				
Projecto de vida futuro			1					
Tomada de conhecimento da gravidez			1		3			
Dificuldades, desafios e exigências acrescidas					1			
Figuras significativas na vivência da gravidez				1		1		
Expectativas em relação à criança e ao papel materno				2				
Integração da gravidez no self								
Individualização				1				
Ruptura vs continuidade com a tradição								

Quadro 2: Frequência de palavras emocionais da Ana por temas presentes no guião da entrevista

Mariana	Tristeza	Raiva	Medo	Alegria	Culpa-Vergonha	Amor	Desilusão	Esperança
Família de origem	1							
Percurso Pessoal								
História de namoro				1		1		
Situação e percurso escolar e profissional							1	
Gravidez e acompanhamento médico	1		1	1				
Projecto de vida futuro								1
Tomada de conhecimento da gravidez	1		1		1		1	
Dificuldades, desafios e exigências acrescidas					1		1	
Figuras significativas na vivência da gravidez				1		1		
Expectativas em relação à criança e ao papel materno				1				
Integração da gravidez no self								1
Individualização								
Ruptura vs continuidade com a tradição								

Quadro 3: Frequência de palavras emocionais da Mariana por temas presentes no guião da entrevista

Juliana	Tristeza	Raiva	Medo	Alegria	Culpa-Vergonha	Amor	Desilusão	Esperança
Família de origem	1	1						
Percurso Pessoal				1		1		
História de namoro								
Situação e percurso escolar e profissional								
Gravidez e acompanhamento médico			1	1				
Projecto de vida futuro								
Tomada de conhecimento da gravidez	1				1			
Dificuldades, desafios e exigências acrescidas								1
Figuras significativas na vivência da gravidez				1		1		
Expectativas em relação à criança e ao papel materno				2		1		
Integração da gravidez no self					1			
Individualização								
Ruptura vs continuidade com a tradição							1	

Quadro 4: Frequência de palavras emocionais da Juliana por temas presentes no guião da entrevista

ANEXO 12: BIBLIOGRAFIA DOS ANEXOS

A Iniciativa Bairros Críticos Na Cova Da Moura. Relatório Preliminar de Avaliação Externa – Agosto 2008. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.cm-lisboa.pt/archive/doc/06_Relatorio_Metodologia_de_identificacao_e_construcao_da_Carta_dos_BIP-ZIP_14_de_Julho_.pdf

Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo* (3ª Edição ed.). (L. Reto, & A. Pinheiro, Trans.) Lisboa: Edições 70, Lda.

Coimbra, J. L. & Menezes, I. (no prelo). *Society of individuals or community strength: Community psychology at risk in at risk societies*. Acedido por intermédio dos autores.

Diagnóstico Sócio-Urbano da Cidade de Lisboa – Uma perspectiva censitária (2001). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

Instituto Nacional de Estatística (2006). Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=809872&PUBLICACOE_Smodo=2.

Instituto Nacional de Estatística (2007). Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=809872&PUBLICACOE_Smodo=2.

Instituto Nacional de Estatística (2008). Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=809872&PUBLICACOE_Smodo=2.

Instituto Nacional de Estatística (2009). Estatísticas demográficas de nados vivos em Portugal pela idade da mãe e localização geográfica. Documento retirado a 22 de Agosto de 2010 de: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=809872&PUBLICACOE_Smodo=2

Korman, L. M. (1988). *Emotion Episodes*. North York, Ontario: York University.

Pegado, E. & Saleiro, S. (2009). *Avaliação Externa da Rede Social da Amadora*. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE.

Remy, J., Voye, L. A. *Cidade. Rumo a uma nova definição?* (1994) Porto: Edições Afrontamento.